

Caderno de Resumos



Caderno de Resumos : **I SILED**

SIMPÓSIO DE (IN) VISIBILIDADES, LITERATURA, EDUCAÇÃO E
DIVERSIDADE



Marcelo Spitzner (org.)

30 de junho a 02 de julho de 2025 (On-line)

TOMÉ-AÇU

2025

Coordenação editorial

Marcelo Spitzner

Valéria de Paula Ribeiro Ferreira

Editoração e Diagramação

Valéria de Paula Ribeiro Ferreira

Capa

Valéria de Paula Ribeiro Ferreira

ISBN

978-65-02-01068-6 (Livro Digital)

Caderno de resumos : simpósio de (in) visibilidades, literatura, educação e diversidade / Marcelo Spitzner (org). - Tomé-Açu, PA : [s. n.], 2026.
xii, 88 p.

978-65-02-01068-6 (Livro Digital)

1. Literatura - diversidade. 2. Literatura - identidade. 3. Literatura - invisibilidade. I. Spitzner, Marcelo (org).

CDD 869 23 ed.

Ficha Catalográfica elaborada por Valéria de Paula Ribeiro Ferreira (CRB2 1503)

Apresentação

O I SIMPÓSIO EM (IN)VISIBILIDADES, LITERATURA, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

– I **SILED** - aconteceu de 30 de junho a 02 de julho de 2025, através do Projeto *Literatura e (In)visibilidades*, da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra) – Campus Tomé-Açu. Com o objetivo de discutir questões diversas e que giram em torno de problemáticas como diferença, identidades, invisibilidades e suas relações com as produções culturais, literárias, educacionais, discursivas e epistemológicas dos sujeitos dissidentes das normas de gênero, sexualidade, raça, etc., temas como racismo, educação intercultural, sistemas de representação, negritude, povos indígenas, LGBTQI+, crítica feminista, mulheres nas mídias, na literatura, na política e na linguagem são alguns dos debates pertinentes abordados durante o evento, que reuniu pesquisadores de diversas instituições e contou com a colaboração e apoio de docentes e técnicos dos Campi Tomé-Açu e Belém da Ufra e de uma docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Agradeço imensamente a esses docentes da Ufra: Bianca Dorothea Batista, Carlos Alberto Correia, Cíntia Acosta Kütter, Dayana Viviany Silva de Souza Russo, Irisneia Brito e Silva, Jefferson Luís da Silva Cardoso, Nelson Ferreira Marques Junior, Sindy Rayane de Souza Ferreira Mendes, e, especialmente, a Renata Gonçalves Gomes, da UFPB. De modo especial, agradeço à Valéria de Paula Ribeiro Ferreira, bibliotecária da Ufra.

Todos os nomes supracitados contribuíram na avaliação dos resumos e coordenaram os Grupos de Trabalhos, mediaram palestras e promoveram excelentes discussões a partir de diferentes perspectivas teóricas e campos epistemológicos.

Esse Caderno de Resumos expressa parcialmente a diversidade e a qualidade dos debates que tivemos a oportunidade de nos engajar durante o I SILED. Brevemente, os trabalhos completos, frutos desses resumos, das apresentações e desses debates, serão publicados.

Na expectativa de que essas interlocuções continuem e que nos encontremos no próximo SILED, publicamos esses resumos como portas abertas.

Tomé-Açu, 17 de março de 2026.

Prof. Marcelo Spitzner
Coordenador do Projeto Literatura e (In)visibilidades

Títulos dos Resumos do Grupos de Trabalho

GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

Coordenadora: Profa. Renata Gonçalves Gomes/ Bianca Dorothea Batista

A PROJEÇÃO DO MITO DE EVA SOBRE A PERSONAGEM MARTA NA OBRA A CONFISSÃO DE LÚCIO (1914) - Kelliton dos Santos Ferreira 01

A MATRILINHAGEM DO TEMPO NO ROMANCE “O MAR NUNCA TRANSBORDA” (1995), DE ANA MARIA MACHADO - Johny Paiva Freitas e Josenildo Ferreira Teófilo da Silva 02

O ESTUDO DE DUAS IMAGENS DE TRABALHO DA MULHER NEGRA NA POESIA FINISSECLAR BRASILEIRA - Ana Lígia e Ângela Grillo 03

GÊNERO E CORPO NA URBE CONTEMPORÂNEA: ENTRE OPACIDADES E OBLITERAÇÕES - Guilherme Vinícius de Moraes 04

ENTRE VOZES SILENCIADAS E A PRESENÇA DA MULHER NA HISTÓRIA LITERÁRIA - Grazielle Moreira Nazário Alves 05

ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM “1979: VICTORIA EN LA ÍNSULA DE FANI” - Guilherme Tardelli Fujikawa e Kátia Rodrigues Mello 06

DO DIABO À DIABA: A SEXUALIZAÇÃO FEMININA COMO EVENTO MAIS RELATÁVEL - Danielle Lima Ferreira e Waldemar Ferreira Net 07

DISCURSO, GÊNERO E CORPO: EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS - Jomson Teixeira da Silva Valoz 08

GT Educação do Campo

Coordenador: Prof. Dayana Viviany Silva de Souza Russo

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: A PRODUÇÃO DE TERRITORIALIDADES PELAS JUVENTUDES EGRESSAS DO CEIER DE ÁGUA BRANCA - Rainei Rodrigues Jadejiski
09

LITERATURA COMO FERRAMENTA TECNOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO - Andrey Wendley Costa Amarante e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira
10

ESCOLA MUNICIPALIZADA JARDIM MONTEVIDÉO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM NOVA IGUAÇU-RJ - Clodoaldo Ferreira de Oliveira, Wanderson da Silva Santi e Alexandre Ferreira de Oliveira
11

O LUGAR DOS POVOS TRADICIONAIS NAS CONSTITUIÇÕES DO BRASIL: PROCESSOS DE APAGAMENTO E INVISIBILIDADES - Henrique lobo souza, Christian Douglas Oliveira Araújo e Jefferson Luis da Silva Cardoso
12

TERRITÓRIO, VOZES E SABERES EMERGENTES: O CÍRCULO DE CULTURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO CAMPO - Cledson Oliveira dos Santos
13

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E EPISTEMOLOGIAS FEMININAS NA AMAZÔNIA: O PODCAST VOZES DO INTERIOR COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS DE CAREIRO - Joyce Maquiné
14

CURRÍCULO, CULTURA e COTIDIANO: A PERSPECTIVA DE SUJEITOS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS - Beatriz Cristina Oliveira Martins, Ana Izabel Souza De Castro e Luana Costa Viana Montã
15

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA CONSTRUÇÃO PRAXIOLÓGICA EPISTÊMICA - João Paulo Ferreira da Silva e Júlio César Miguel de Aquino Cabral
16

EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO AGENTE DECOLONIAL NA AMAZÔNIA: VISIBILIDADES DOS SABERES E PRÁTICAS DOS POVOS TRADICIONAIS - Thayla Arcângela Moraes Ferreira, Christian Douglas Oliveira Araújo e Jefferson Luis da Silva Cardoso
17

LETRAMENTO LITERÁRIO E LITERATURA PIAUIENSE: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA - Katiane Martins
18

GT Educação e Diversidade
Coordenador: Prof. Jefferson Luis da Silva Cardoso

- A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Crirlane Manoelle Aguiar de Souza, Rodrigo Raphael Assunção Cecim e e Luana Costa Viana Montão 19
- A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA E DE PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE - Priscila Laissa Toledo e Tania Maria Gomes Silva 20
- A MONOCULTURA DO PENSAMENTO E A LUTA POR DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO VOZES INDÍGENAS CONTRA O NEOLIBERALISMO - Felipe Filgueiras Facklam e Keyla De Oliveira Gravelos 21
- CURRÍCULO E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: UM DIÁLOGO EM DISPUTA - Daniel Bergue Pinheiro Conceição 22
- EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CURRICULAR - Maruza Milena e Sara Gonçalves de Jesus 23
- EDUCAR NO CÁRCERE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O SISTEMA PRISIONAL - Uilamir Costa de Alencar e Anyelle Samy Costa de Oliveira 24
- HISTÓRIA ORAL DE UM JOVEM RURAL: EXPRESSÃO IDENTITÁRIA E PERTENCIMENTO NA ESCOLA DO CAMPO - Rainei Rodrigues Jadejiski 25
- NEGAR O DIREITO DE EXISTIR: UM OLHAR CRÍTICO A RESPEITO DOS PROJETOS DE LEI CONTRÁRIOS À LINGUAGEM NEUTRA NO CONTEXTO ESCOLAR - João Yure Santos Silva 26
- OFICINA SENSORIAL: MUNDO DE ALICE, EXPLORANDO OS SENTIDOS UM OLHAR ALÉM DA VISÃO - Deiselenne Conceição Souza Nazaré e Stefani Cristina Iijima Nobumasa 27
- QUEBRANDO O SILÊNCIO: DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DO PRECONCEITO VELADO PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS TRANSGÊNERO NO ENSINO SUPERIOR - Thayla Kaylanne Oliveira Dantas, Gisele do Nascimento Fontenele e Francisco Delvânio de Santana Pereira 28

GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

Coordenadora: Profa. Irisneia Brito e Silva

(IN)VISIBILIDADES NA PLATAFORMA INGLÊS PARANÁ: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE E ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS - Daniel Pereira Linjardi 29

A INVISIBILIDADE DO ALUNO SURDO: O IMPACTO DA LÍNGUA E DO EMPODERAMENTO LEXICAL NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DESSE APRENDIZ - Barbara Neves Salviano de Paula 30

AÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM CASTANHAL/PA: ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO MUNICIPAL - Christian Douglas Oliveira Araújo e Marcos César da Rocha Seruffo 31

EDUCAÇÃO INDÍGENA: O MODUS VIVENDI DO POVO WAIMIRI ATROARI DO AMAZONAS, BRASIL - Raimundo Alves de Souza 32

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: AVANÇOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PDDE - Almir João da Rocha e Elizabeth Emília Da Conceição 33

MOSAICO FENOMENOLÓGICO DA INTERSECCIONALIDADE PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL - Janio Alexandre de Araujo e Renata Vieira de Souza Silva 34

O ATLAS LINGUÍSTICO DE ÁREAS INDÍGENAS DO AGRESTE E SERTÃO DE PERNAMBUCO (ALAIASPE) E SUA APLICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - Edmilson José de Sá 35

SABERES DA TERRA: A EDUCAÇÃO INDÍGENA COMO RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA PARAENSE - Iza Maria Ferreira Da Silva, Nalton Rodrigues Caminha e Nelson Ferreira Marques Junior 36

VIVÊNCIA EM SALA DE AULA DE UMA PROFESSORA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) - Gabrielli de Almeida Guerra, Carma Maria Martini e Reginaldo Tudeia dos Santos 37

GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

Coordenador: Nelson Ferreira Marques Junior

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA PRÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA - Kamilla Coelho Oliveira 38

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE A PARTIR DO CONTO “A CABELEIREIRA” DE INÊS PEDROSA - Luíza Rodrigues Garbin 39

LÍNGUA PORTUGUESA E SEXUALIDADES OUTRAS: UMA PESQUISA AÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - Lucas Santos de Assis e Flávia Colen Meniconi 40

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA - Murilo Santos Júnior 41

MODELO ESCOLA REFERÊNCIA NO RS E APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA EMPRESARIAL: A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA - Ellan Eduardo da Silva 42

NA FRENTE E POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA LEITURA DAS FORMAS DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA EM MEDIDA PROVISÓRIA, DE LÁZARO RAMOS - Viktoria da Costa Silva 43

PRÁTICAS DE LEITURA E ENSINO DE LITERATURAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA BAHIA E DE MINAS GERAIS - Thaíse De Santana Santos e Igor Santos Ramos 44

REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM “A BELA E A FERA” E SUAS RELAÇÕES COM O FEMINISMO NA LITERATURA - Maria Elieni Cardoso de André, Eliene da Silva Alves e Marco Antonio Chandía Araya 45

GT Escrita Negra e Invisibilidades I
Coordenadora: Profa. Cíntia Acosta Kütter

A INFÂNCIA MARCADA PELO RACISMO E SUA RESISTÊNCIA PELA AFETIVIDADE EM “A COR DA TERNURA”, DE GENI GUIMARÃES/ Jhemylli Gomes, Izani Lopes e Marcelo Spitzner
46

A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DAS PALAVRAS EM O AVESSO DA PELE/ Adrielle oliveira de Sousa, Rodrigo Santos do Nascimento e Marcelo Spitzner
47

DO SUSSURRO AO GRITO: A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO ATO DE RESISTÊNCIA/ Jessica Francisca Mota dos Santos
48

ENTRE A VISIBILIDADE E A INVISIBILIDADE: A REALIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO À LUZ DE 'SOLITÁRIA' DE ELIANA ALVES CRUZ/ Jaqueline Portilho do Espírito Santo e Marcelo Spitzner
49

ENTRE O LIVRO E A COR: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA INFANTIL NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I/ Kamila Barros de Almeida
50

ESCRITA NEGRA: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DA INVISIBILIDADE DO TRABALHO MATERNO EM QUARTO DE DESPEJO (1960) DE CAROLINA MARIA DE JESUS/ Isabela Prestes Ferreira, Maria Glafira da Costa Rodrigues e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira
51

OS RASTROS DE UMA POÉTICA DO RUÍDO: REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DE BIAFRA EM CHINUA ACHEBE, CHINELO OKPARANTA E CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE/ Luiz Henrique Costa de Santana e Imara Bemfica Mineiro
52

UMA REAVALIAÇÃO DO RACISMO E ESCRAVIDÃO NO CONTO MARIANA DE MACHADO DE ASSIS/ Carmem Lúcia Lobo Gonçalves e Marcelo Spitzner
53

RACISMO ESTRUTURAL E VIOLÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO CONTO "ANA DAVENGA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO/ Leonardo de Sousa Macedo, Renato dos Santos da Costa e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira
54

LITERATURA AFROBRASILEIRA: UMA LEITURA DO POEMA "CRIANÇAS NEGRAS " DE CRUZ E SOUSA/ Camilly Victória dos Santos Pais, Joyce Baia e Baia e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira
55

GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

Coordenadora: Profa. Renata Gonçalves Gomes/ Bianca Dorothea Batista

A MATRILINHAGEM DO TEMPO NO ROMANCE “O MAR NUNCA TRANSBORDA” (1995), DE ANA MARIA MACHADO - Johny Paiva Freitas e Josenildo Ferreira Teófilo da Silva
56

A PROJEÇÃO DO MITO DE EVA SOBRE A PERSONAGEM MARTA NA OBRA A CONFISSÃO DE LÚCIO (1914) - Kelliton dos Santos Ferreira
57

DISCURSO, GÊNERO E CORPO: EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS - Jomson Teixeira da Silva Valoz
58

DO DIABO À DIABA: A SEXUALIZAÇÃO FEMININA COMO EVENTO MAIS RELATÁVEL - Danielle Lima Ferreira e Waldemar Ferreira Neto
59

ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM “1979: VICTORIA EN LA ÍNSULA DE FANI” - Guilherme Tardelli Fujikawa e Kátia Rodrigues Mello
60

ENTRE VOZES SILENCIADAS E A PRESENÇA DA MULHER NA HISTÓRIA LITERÁRIA - Grazielle Moreira Nazário Alves
61

GÊNERO E CORPO NA URBE CONTEMPORÂNEA: ENTRE OPACIDADES E OBLITERAÇÕES - Guilherme Vinícius de Moraes
62

O ESTUDO DE DUAS IMAGENS DE TRABALHO DA MULHER NEGRA NA POESIA FINISSECLAR BRASILEIRA - Ana Lígia e Ângela Grillo
63

GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

Coordenador: Prof. Carlos Alberto Correia

A RELIGIOSIDADE COMO FERRAMENTA DE OPRESSÃO NA OBRA HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA ADICHIE/ Kelly Nazaré Ribeiro Passos e Marcelo Spitzner 64

CLÁSSICOS INVISÍVEIS: O LUGAR DA OBRA DE DALCÍDIO JURANDIR NA LITERATURA BRASILEIRA - Emylle Karolyne Costa Viana da Silva, Janine Suelen Guilherme Nascimento e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira 65

EXU NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA AFRO RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO BÁSICA/ Joenny Santos da Fonseca e Roosevelt Rodrigues e Silva Júnior 66

LITERATURA EM SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE APAGAMENTO DE AUTORIAS FEMININAS CEARENSES NO CÂNONE LITERÁRIO/ Maria Letícia Araújo 67

VOZES QUE RESISTEM: DESCOBERTAS SOBRE ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA/ Karolina Adriana da Silva 69

(RE)PENSAR A TRADIÇÃO LITERÁRIA: A PALAVRA INDÍGENA E O CURRÍCULO DE MINAS GERAIS/ Juliete Antônia Figueiredo Da Mata 68

VOZES ANCESTRAIS: ORALIDADES DE PRETO VELHO E OS PONTOS CANTADOS COMO MEMÓRIA E RESISTÊNCIA/ Tony Alexandre de Almeida Martinez e Charlien Ramos Da Costa 70

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER IMIGRANTE NOS ROMANCES TERRA DA PROMISSÃO DE SANDRA GODINHO E TERRA ÚMIDA DE MYRIAM SCOTTI/ Luciana Socorro Louro de Salignac e Souza 71

GT Escrita Negra e Invisibilidades II

Coordenador: Prof. Marcelo Spitzner

A BUSCA POR UMA IDENTIDADE DO SUJEITO NEGRO EM A RAISIN IN THE SUN (1959),
DE LORRAINE HANSBERR/ Josenildo Ferreira e Johny Paiva Freitas 72

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA NAS OBRAS "UM DEFEITO DE COR"
E "INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES/ Vanessa Rodrigues dos Santos e Valci Vieira
dos Santos 73

ESCREVIVÊNCIA, MARABAIXO E VIVÊNCIAS: RELATOS DE UMA PESQUISA NO AMAPÁ E
CONEXÕES NO SUL DO BRASIL/ Rayssa Lorrana Silva Lemos e Asley di Luca da Silva Vieira
74

HOMENS PRETOS CHORAM E AMAM – A SUBJETIVIDADE COMO MEIO DE EXPRESSÃO
NA LITERATURA DISSONANTE/ Sabrina Silva Souza 75

JARID ARRAES E A REESCRITA DA MEMÓRIA: VISIBILIDADES NEGRAS NA LITERATURA
CONTEMPORÂNEA/ Tayla Maria Leôncio Ferreira 76

PALAVRAS E AFETOS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE “AMANHÃ QUERO SER VENTO”/
Lindalva Almeida 77

RACISMO E OBJETIFICAÇÃO DE CORPOS NEGROS EM OLHOS D'ÁGUA, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO E O AVESSO DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO/ Maria Luísa de
Souza Nunes e Valci Vieira dos Santos 78

TERRITÓRIOS (IN)CONTESTÁVEIS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: IMAGENS DO
INSÓLITO EM RAI SOARES E CONCEIÇÃO EVARISTO/ Caio Vitor Marques Miranda
79

UM DEFEITO DE COR: A RESISTÊNCIA NA ESCRITA DE ANA MARIA GONÇALVES/
Gabrielly Farias Reis e Cíntia Acosta Kütter 80

A CULTURA NEGRA AFRO-ESTADUNIDENSE E AFRO-BRASILEIRA: UMA RAIVA QUE
CANTA E DANÇA/ Dayana Da Silva Ferreira 81

GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

Coordenadora: Sindy Rayane de Souza Ferreira Mendes

A LUTA PELA VISIBILIDADE DA POTÊNCIA DAS MULHERES: DIÁLOGOS SOBRE LESBIANIDADES PLURAIS E O FEMINISMO NA RELAÇÃO ESCOLAR/ Eliene da Silva Alves, Maria Elieni Cardoso de André e Brayna Conceição dos Santos Cardoso 82

A OBRA DE ADONIAS FILHO EM SALA DE AULA: REFLEXÕES DECOLONIAIS E LETRAMENTO LITERÁRIO/ Fabrício de Jesus Santos e Inara de Oliveira Rodrigues 83

DAS CONTRIBUIÇÕES AO APAGAMENTO: GÊNERO E SEXUALIDADE NA BNCC SOB O OLHAR DA LINGÜÍSTICA APLICADA/ Kamila Barros de Almeida 84

DECOLONIALIDADE E COLONIALIDADE EM UM RIO SEM FIM, DE VERENILDE SANTOS PEREIRA/ Neila Braga Monteiro 85

“EU LUTO! EU SOBREVIVO! EU RESISTO! EU EXISTO!”: CORPOS TRANS E A LITERATURA VAGA-LUME EM ANTOLOGIA TRANS – 30 POETAS TRANS, TRAVESTIS E NÃO-BINÁRIOS/ Anderson Pinto Soares 86

HETEROGLOSSIA DE BAKHTIN NOS DISCURSOS DE DOCENTES DE LITERATURA: A INVISIBILIDADE INDÍGENA NO CERNE ESCOLAR/ Kamila Barros de Almeida 87

LITERATURA E INVISIBILIDADES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+: LESBIANIDADE DE CASSANDRA RIOS/ Cristal Ferreira de Moura, Eduardo Venícios Lima Pontes e Wanubya do Nascimento Moraes Campelo Moreira 88



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

A PROJEÇÃO DO MITO DE EVA SOBRE A PERSONAGEM MARTA NA OBRA A CONFISSÃO DE LÚCIO (1914)

Kelliton dos Santos Ferreira ¹

¹ Universidade Estadual do Ceará, kelliton.ferreira@aluno.uece.br

A existência mítica de Eva é tomada como base da criação imaginativa do espectro da feminilidade no ocidente, servindo como referência direta à análise da projeção do mito da mulher na personagem Marta, da obra de Sá-Carneiro, *A Confissão de Lúcio* (1914). O trabalho estabelece uma comparação entre essas duas figuras femininas, entendendo ambas sob o papel que lhe foi atribuído pelo contexto sócio-histórico-cultural, para identificar e deflagrar como o padrão de gênero é mantido vivo pela reprodução. Tal processo se familiariza com a literatura comparada, enquanto se posiciona criticamente sob a filosofia existencialista feminista beauvoiriana. O estudo se constitui como pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória pelo teor inusitado de seu caminho crítico-analítico. Esta análise crítica é feita sob três pontos de conexão entre as imagens comparadas e o mito da mulher: 1) o nascimento/invenção; 2) o propósito e a função; 3) a morte e/ou disfunção. A sustentação teórica está posta, principalmente, sobre Eliade (1972), Beauvoir (2019), Brandrão (2006), Moisés (2013), Berardinelli (2015) e Martins (2011). Marta e Ricardo, protagonistas em apreciação na pesquisa, e tomados na narrativa enquanto homem e mulher, seriam, de acordo com o percurso analítico deste trabalho, a representação dual e material da perfeição encarnada pela arte, como dois em um só. Assim como foram Eva e Adão a perfeição encarnada por uma existência divina primordial. Adão e Eva, Ricardo e Marta, o homem e a mulher, o Sujeito e o Outro, são tudo e nada, não são palpáveis, mas representam elementos de ordem e constituição social. atividades em sala regular.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Sá-Carneiro; Mito da Mulher; Padrão de Gênero.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

A MATRILINHAGEM DO TEMPO NO ROMANCE “O MAR NUNCA TRANSBORDA” (1995), DE ANA MARIA MACHADO

Johny Paiva Freitas¹
Josenildo Ferreira Teófilo da Silva²

¹ Universidade Federal do Ceará (PPGLEtras), johnyfreitas@alu.ufc
² Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc – Ce), josenildo1905@yahoo.com.br

Na obra "No avesso da genealogia: netas, avós" (2024), as pesquisadoras Danielle Magalhães e Flavia Trocoli analisam a figura da avó como operadora da história em alguns poemas da poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres. A partir daí, as autoras elaboram os seguintes questionamentos: como essas mulheres reescrevem a história a partir da escrita da história de suas avós? O que vive de nossas avós em nossas escritas? O que se escreve do esquecido, do que não foi ouvido de nossas avós? Ao tomar tais indagações como provocações de leitura, esta comunicação tem como objetivo investigar as relações e as tensões entre avó, mãe e filha no romance "O mar nunca transborda" (1995), de Ana Maria Machado. Assim, ao seguir essa matrilinearidade, na qual as mulheres assumem o protagonismo de transmissoras dos costumes, das memórias e dos ensinamentos, a personagem principal Liana busca (re)construir a história da própria família, tomando a avó como fonte ancestral de conhecimento e de afetos. Assim, é a partir dessa rede tecida pelas vozes das outras personagens femininas e pela a sua própria voz que Liana constroi sua identidade enquanto mulher, identidade esta atravessada e moldada pelas mãos das matriarcas do tempo de sua família. Desse modo, para realizar esse empreendimento de análise literária, algumas leituras teóricas foram realizadas, dentre elas: o ensaio "Texturas: o Tao da teia – sobre textos e têxteis" (2016), da ensaísta Ana Maria Machado, o livro "Para ler Ana Maria Machado: uma perspectiva feminista" (2020), organizado pela professora Adriana Maria de Abreu Barbosa e, por último, o artigo "Bordado e costura do texto" (2023), de Tamara Kamenszain. Por fim, esta pesquisa visa contribuir para os estudos da literatura anamachadiana, analisada aqui a partir da chave de leitura da crítica literária feminista, promovendo, assim, uma reflexão sobre a construção das relações de gênero representadas no texto literário de Ana Maria Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica feminista; gênero; literatura anamachadiana.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

O ESTUDO DE DUAS IMAGENS DE TRABALHO DA MULHER NEGRA NA POESIA FINISSECLAR BRASILEIRA

Ana Lúcia Rodrigues Drago¹
Angela Teodoro Grillo²

¹ UFPA, ana.drago@ilc.ufpa.br

² UFPA, angelagrillo@ufpa.br

A presente comunicação expõe resultados do Plano de Trabalho de Iniciação Científica vinculado ao projeto de pesquisa “Tradição e ruptura: estudo de imagens da mulher na poesia de senhor de engenho” e ao grupo de pesquisa “Mil Marias: Estudo da imagem da mulher na Poesia de Língua Portuguesa” (FALE/ILC/UFPA/CNPq), orientados por Angela Teodoro Grillo, e apoiado por bolsa CNPq, no âmbito do Projeto Universal “Literatura e Sociedade: releituras de vozes plurais” (CNPq UFPA), coordenado por Germana Sales. O trabalho segue um viés quantitativo e qualitativo, na medida em que propõe colaborar para a construção do Catálogo de Imagens da mulher na poesia de Língua Portuguesa (em construção) dividido em categorias atravessadas pela abordagem interseccional (Ancestralidade; Sentimento Amoroso; Família; Beleza; Trabalho; Vitupério; Sobre-humana; Sexualidade; Religião; Classe Social e Idade). Durante 16 meses, a leitura minuciosa, em torno de vinte cinco obras completas da poesia brasileira finisseclara e do século XX, permitiu coletar e catalogar imagens da mulher. Para tanto, foi considerada a produção poética indicada em historiografias literárias como na *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994) de Alfredo Bosi; *A Literatura Brasileira de José Aderaldo Castello* (1999) e *O dicionário crítico das escritoras brasileira de Nelly Novaes Coelho* (2002). A pesquisa contou com o apoio teórico dos estudos de performatividade de gênero (BUTLER, 2003) e com o conceito de fixidez do discurso de Homi K. Bhabha (1998). Em suma, centenas de imagens colaboram para demonstrar tradições e rupturas de representações sociais estereotipadas de matriz colonial, que contribuem para compreensão e interpretação de comportamentos da mulher na cultura brasileira. A partir delas, levanta-se o debate e crítica aos padrões ditados pela sociedade patriarcal, os quais influenciam a percepção e o tratamento dados às mulheres dentro do discurso poético, afetando a realidade social. Nesta comunicação, recortam-se duas imagens da categoria trabalho: a “Ama de leite” do poema *Ricordanza della mia gioventù* (1920) de Augusto dos Anjos e a recém libertada do trabalho de escravidão, do poema *Mãe escrava* (1891) de Emilia de Freitas, neste caso: a anciã que recebe sua liberdade pela Lei do Sexagenários, não celebra evidentemente o acontecimento, pois seus filhos permanecem vítimas no regime escravocrata. Desse modo, a comunicação propõe analisar em que medida as duas imagens poéticas relacionam trabalho, gênero e raça, contribuindo para a violência ao corpo negro feminino, diante da permanência do cuidado à criança branca e à negligência forçada aos filhos biológicos. Pelas lentes interseccionais, o fenômeno configura-se como *Poesia de Senhor de Engenho* (GRILLO, 2017), possibilitando observar nos versos uma repetição de tradições oriundas das estruturas de poder coloniais, assim promovendo olhar crítico sobre a imposição a uma parcela da população brasileira subjugadas por gênero, cor da pele e classe econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia finisseclara; Imagens da mulher; Tradição e ruptura; Poesia do Senhor de Engenho.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

GÊNERO E CORPO NA URBE CONTEMPORÂNEA: ENTRE OPACIDADES E OBLITERAÇÕES

Guilherme Vinícius de Morais¹
Ricardo Postal²

¹ UFPE/PROPESQI, guilherme.vmorais@ufpe.br

² UFPE, ricardo.postal@ufpe.br

Este trabalho, parte de um projeto de I.C. (de natureza qualitativa e caráter bibliográfico) intitulado “O Pacífico em Longitudes”, avalia comparativamente os romances *Ithaca Road* (2013), de Paulo Scott, e *O Único Final Feliz para uma História de Amor é um Acidente* (2010), de João Paulo Cuenca, com o objetivo de compreender como as dinâmicas de gênero condicionam as trajetórias das personagens femininas Narelle, Iulana e Yoshiko em contextos urbanos atravessados por sistemas excludentes e relações com figuras masculinas. A investigação centra-se tanto nos mecanismos de vigilância e controle a que esses corpos estão submetidos quanto nas formas, ainda que fragmentárias, de resistência que elas articulam. A análise fundamenta-se nos conceitos de disciplina dos corpos (Foucault, 1988), performatividade de gênero (Butler, 2003) e crítica ao capitalismo afetivo (Berlant, 2016), articulados às discussões sobre geometrias de poder (Massey, 2005). Este arcabouço teórico permite entender como os corpos dessas personagens se tornam superfícies de inscrição de violências simbólicas, afetivas e materiais. No romance de Scott (2013), a trajetória de Narelle se desdobra em três dimensões interdependentes. A primeira refere-se à sua condição de “cuidadora involuntária” no estabelecimento do irmão que está desaparecido, analisada à luz do conceito de “trabalho de cuidado” (Federici, 2017) e da noção de “dívida afetiva” (Berlant, 2011). A segunda envolve a psoríase que acomete seu corpo, interpretada tanto como efeito da estigmatização corporal (Goffman, 2008) quanto como manifestação do “corpo abjeto” (Kristeva, 1982). A terceira dimensão examina suas práticas cotidianas de resistência, mobilizadas por meio das “táticas do fraco” (De Certeau, 2014) e das redes de apoio construídas com outras personagens femininas, especialmente Trixie e Anna, averiguadas sob a perspectiva do “feminismo do cuidado” (Tronto, 2013). No romance de Cuenca (2010), a pesquisa se organiza em torno de duas personagens. Iulana é atravessada por dispositivos de violência difusa e “violência voyeurística” (Mulvey, 1975) frente a figuras masculinas, que operam na exotização e na vigilância de seu corpo. Porém, sua resistência se efetiva na construção de zonas de opacidade, sustentadas por estratégias de “agenciamento tático” (Certeau, 2014), nas quais o silêncio e os segredos funcionam como mecanismos de preservação subjetiva. Ademais, a cena do banho adquire centralidade como ritual de “reapropriação corporal” (Bartky, 1990). Por sua vez, Yoshiko (boneca sexual) é avaliada a partir da teoria do pós-humano (Haraway, 1991; Braidotti, 2013) e do conceito de “objetualização erótica” (Nussbaum, 1995), que tensionam as fronteiras entre humano e objeto. Sua existência convoca reflexões sobre a “vergonha prometeica” (Anders, 2011) e sobre os processos de “individualização técnica” (Simondon, 2020), que a constituem enquanto “objeto técnico afetivo”. Seu corpo opera simultaneamente como arquivo de memória (Stiegler, 1998) e superfície de inscrição de traumas (Didi-Huberman, 2013), sendo seus monólogos lidos como formas de “discurso do objeto”. Conclui-se que Narelle, Iulana e Yoshiko, embora inseridas em contextos marcados aparentemente por hierarquias de gênero, além de violência estrutural e controle masculino, elaboram formas de resistência que atravessam o cuidado, a reapropriação dos corpos e a construção de opacidades.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmicas de Gênero; Formas de Resistência; Literatura Comparada.



ENTRE VOZES SILENCIADAS E A PRESENÇA DA MULHER NA HISTÓRIA LITERÁRIA

Grazielle Moreira Nazário Alves ¹

¹ Unimontes, graziellealvesciencia@gmail.com; graziellenazario@gmail.com

A literatura escrita por mulheres esteve, por muito tempo, à margem do reconhecimento institucional e cultural. Historicamente silenciada, a chamada escrita feminina enfrentou inúmeras barreiras de entrada no campo literário. Como destaca Hélène Cixous em *O riso da Medusa*, é essencial que a mulher inscreva sua existência no texto como forma de afirmação e resistência. Durante séculos, muitas mulheres escreveram sob pseudônimos masculinos ou foram lembradas apenas por seus vínculos com autores homens. Esse apagamento também se refletiu na forma como personagens femininas foram retratadas na literatura canônica, frequentemente reduzidas a figuras como a mulher sedutora, a megera ou o anjo puro e sacrificial. Esse panorama marcou fortemente o século XIX e o início do século XX, sustentado por uma cultura patriarcal que restringia os papéis sociais e simbólicos atribuídos às mulheres. Nesse contexto, a crítica feminista da literatura passou a desempenhar papel central ao denunciar essas representações limitadas e ao resgatar a produção de autoras marginalizadas. Pesquisadoras como Lúcia Osana Zolin e Lara Berruezo evidenciam o esquecimento sistemático de escritoras importantes na história literária brasileira, mesmo com contribuições expressivas. Um exemplo é Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra do Brasil. Em *Úrsula* (1859), ela rompeu padrões ao dar protagonismo a personagens negros e denunciar a escravidão. Outro caso é o de Júlia Lopes de Almeida, amplamente publicada, mas excluída da fundação da Academia Brasileira de Letras, em favor de seu marido. A imprensa teve papel relevante nesse processo. *O Jornal das Senhoras* (1852–1855), primeiro periódico brasileiro com redação feminina, promoveu debates sobre educação, emancipação moral e a presença da mulher no espaço público. Contudo, muitos de seus textos ainda reproduziam o ideal burguês da mulher como mãe e esposa, revelando as contradições desse movimento inicial por visibilidade. A crítica feminista, portanto, busca não apenas resgatar essas autoras esquecidas, mas também questionar os mecanismos de exclusão que persistem no campo literário. Valorizar a produção escrita por mulheres amplia o repertório cultural e histórico, proporcionando às novas gerações acesso a outras formas de narrar e compreender o mundo. Mais do que reparar uma injustiça histórica, dar visibilidade às escritoras é reconhecer a diversidade de experiências humanas que compõem a literatura brasileira. O desafio está em romper com modelos cristalizados, adotando uma leitura crítica, plural e inclusiva, capaz de transformar a maneira como a literatura é ensinada, lida e valorizada no país.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos; Escrita Feminina; Representatividade.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM “1979: VICTORIA EN LA ÍNSULA DE FANI”

Me. Guilherme Tardelli Fujikawa ¹
Dra. Kátia Rodrigues Mello ²

¹ UNESP-Assis, guilherme.tardelli@unesp.br
² UNESP-FCL-Assis, katia.mello@unesp.br

A produção narrativa da escritora argentina contemporânea María Rosa Lojo (1954), dentre outros aspectos, promove a discussão dos papéis sociais e modelos femininos estabelecidos por uma sociedade de cunho patriarcal Pateman (2008), a partir da ficcionalização de personagens históricas importantes para seu país, que, no entanto, não receberam a devida consideração. Assim, este trabalho reflete sobre o protagonismo ficcional de Victoria Ocampo (1890-1979) no conto "1979 - Victoria en la ínsula de Fani", que integra a coletânea *Así los trata la muerte* (2021). Proeminente intelectual, que desafiou as normas de sua época e contribuiu singularmente para o desenvolvimento do cenário cultural e literário argentino, Victoria fundou e dirigiu a revista *Sur* (1931-1991), importante espaço de publicação para autores nacionais, que projetou seus nomes e, conseqüentemente, fomentou seu reconhecimento como escritores; entretanto, a relevância da proatividade da mecenas, ao longo do tempo, foi sendo esquecida. Victoria, que já aparece como protagonista do romance lojiano *Las libres del Sur*, publicado em 2004, no conto de 2021 divide o protagonismo com a também personagem histórica Fani, criada dos Ocampo com quem conviveu por décadas e que foi fundamental em sua vida pessoal. Ambientado em um espaço além-morte, o conto revela o embate entre visões femininas sobre o papel da mulher e a angústia de Victoria diante das amarras sociais e familiares que a prendem num ser feminino moldado pela sociedade. Nesse viés, a ficcionalização de personagens históricas apagadas, um dos eixos do projeto estético de Lojo, permite a compreensão do percurso entre a subordinação e a emancipação da mulher, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a representação das mulheres na literatura Perrot (2017, 1998) e Zolin (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa argentina contemporânea; María Rosa Lojo; Victoria Ocampo; protagonismo feminino; crítica literária feminista.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

DO DIABO À DIABA: A SEXUALIZAÇÃO FEMININA COMO EVENTO MAIS RELATÁVEL

Danielle Lima Ferreira¹
Waldemar Ferreira Netto²

¹ UNESP USP, danielle_ferreira@usp.br

² UNESP USP, wafnetto@usp.br

A produção narrativa O Diabo que compõe o imaginário popular se trata de uma figura com características determinadas pelo cristianismo na Baixa Idade Média, visando a educar a população a partir do medo de se desviar do “caminho certo”. Sua imagem é comumente associada a uma entidade com chifres, rabo e pés de cabra, envolta por uma aura de superioridade e poder. Nas narrativas populares, ele também pode se transformar para conseguir algo que sua verdadeira aparição não permitiria. Paralelamente, a mulher é associada ao pecado e a forças opostas a Deus desde o Princípio, pelo consumo do fruto proibido e por cair em tentação. Com o passar do tempo, a luxúria passou a ser “o pecado feminino por excelência”, já que sua existência se dava pela servidão, a disposição completa para o homem, então, a demonstração de sexualidade ia de encontro ao esperado para a postura que devia manter. Tendo esses aspectos em vista, este trabalho teve como objetivo analisar a construção da personagem Mulher Diaba no filme “A marvada carne” a partir da visão que se tinha da sexualidade e da influência feminina nos pecados comparando seu desenvolvimento na narrativa com a canonicidade da figura do Diabo nas histórias de pacto. Para tal, além de narrativas que se valiam do Diabo como antagonista pactário, foram utilizados os passos de análise narrativa sugeridos por Labov (1997) e o conceito de violação do cânone, de Bruner (2006). Para Labov, as narrativas podem ser analisadas a partir da segmentação de suas sentenças, que apresentam nomenclaturas diferentes para cada tipo de informação que carregam. A sentença com o evento mais relatável diz respeito à que carrega o clímax, a parte da narrativa que justifica sua enunciação. Na cena do filme em que ocorre o pacto, esse evento é a aparição do Diabo. Levando em consideração a Tradição oral, o Diabo é sempre um personagem masculino, então, cânone; o fato de o Diabo ser representado por uma mulher nessa produção se trata de uma violação de canonicidade. Assim, a tradição narrativa do Diabo em pactos apresenta uma figura masculina que traz em sua imagem virilidade e poder e, quando ocorre a violação dessa tradição, a mulher é sexualizada, trazendo à tona a ligação da imagem feminina ao pecado da carne.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Tradição; Narrativas.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

DISCURSO, GÊNERO E CORPO: EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS

Jomson Teixeira da Silva Valoz¹
Sostenes Ericson Vicente Da Silva²

¹ Universidade de Pernambuco, jomson.silva@upe.br

² Universidade Federal de Alagoas, sostenes.silva@arapiraca.ufal.br

Esta comunicação apresenta reflexões oriundas de uma pesquisa pós-doutoral em andamento na Universidade Federal de Alagoas pelo primeiro autor sob a supervisão do segundo e tem como objeto o discurso de pessoas transexuais sobre seus processos de construção identitária de gênero, a partir de uma abordagem que articula os pressupostos da Análise Materialista do Discurso, tal como formulada por Michel Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (2002, 2004), com a Teoria de Gênero, especialmente nos termos de Judith Butler (2018). O trabalho propõe compreender como esses sujeitos discursivizam seus corpos e identidades em relação (e, muitas vezes, em confronto) com as formações discursivas governadas por uma matriz ideológica cisheteronormativa. O ponto de partida é a noção de que o corpo transexual é uma materialidade significativa, ou seja, não pode ser reduzido a uma estrutura biológica, mas é produzido e interpretado por meio de discursos atravessados por ideologias religiosas, biomédicas, morais e políticas. Tal corpo, ao destoar das expectativas binárias que alinham sexo, gênero e desejo, produz efeitos de sentido de resistência, tensionando a inteligibilidade normativa da heterossexualidade compulsória. No entanto, a pesquisa também observa que, em alguns enunciados, os sujeitos transexuais podem se identificar ou reproduzir discursos hegemônicos na tentativa de legitimarem suas existências diante das normas sociais hegemônicas. A partir da análise de postagens em redes sociais digitais, especialmente o Instragram, de pessoas transexuais em processo de transição, investigam-se as formações discursivas que atravessam seus dizeres e os modos como esses sujeitos se (re)significam discursivamente. A metodologia fundamenta-se na AD, tomando como categorias principais as noções de formação discursiva, discurso enquanto efeitos de sentido entre interlocutores, formação ideológica, e posição-sujeito, bem como os conceitos de gênero como performance e matriz de inteligibilidade conforme a Teoria Queer. Conclui-se que o discurso das pessoas transexuais é um espaço de embate entre a sujeição às normas e a subversão delas. Seus corpos e falas, ao escaparem das determinações binárias de gênero e sexualidade, tornam-se dispositivos críticos que colocam em xeque o regime discursivo dominante. Assim, a análise contribui para compreender como o corpo transexual, ao significar discursivamente, produz resistência simbólica e amplia as possibilidades de existência vivível fora da norma.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Corpo transexual; Efeitos de sentido; Gênero; Resistência.



GT Educação do Campo

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: A PRODUÇÃO DE TERRITORIALIDADES PELAS JUVENTUDES EGRESSAS DO CEIER DE ÁGUA BRANCA

Rainei Rodrigues Jadejiski ¹

¹ufes raineirj@gmail.com

Este trabalho analisa as relações entre a formação escolar vivenciada no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Água Branca/ES e as territorialidades produzidas por juventudes rurais egressas, utilizando como metodologia a história oral temática. Vinculada ao campo das abordagens qualitativas em Educação, essa opção metodológica possibilitou acessar narrativas densas e subjetivas, nas quais os jovens rememoram experiências escolares e práticas sociais marcadas por sentidos de pertencimento, identidade e resistência. Inspirado nos referenciais de José Carlos Sebe B. Meihy e Leandro Seawright, bem como de Alessandro Portelli, o estudo assumiu a entrevista como um ato dialógico e performático, em que memória e experiência se entrelaçam na construção de significados. O processo de produção dos dados envolveu as etapas de transcrição, textualização, transcrição e análise interpretativa, respeitando os ritmos e expressões singulares de cada colaborador. As entrevistas revelaram que o CEIER é mais do que uma instituição de ensino, é um território simbólico-concreto que continua presente na vida dos jovens, influenciando seus modos de ser e estar no mundo. As falas indicam que a escola do campo cumpre papel decisivo na formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a valorização da vida rural e com a agricultura familiar. Nesse contexto, a territorialidade é compreendida como uma construção social contínua, que se manifesta na relação afetiva, política e cultural com os lugares de vivência e circulação. Os egressos do CEIER acionam a memória da escola para reafirmar suas identidades e práticas territoriais, evidenciando a importância da formação escolar para a apropriação dos espaços rurais onde vivem e atuam. A partir das narrativas, emergem elementos que apontam para a construção de um sentimento de pertencimento que ultrapassa os muros da instituição, traduzindo-se em um compromisso ético-político com a sustentabilidade dos territórios rurais e a valorização das comunidades locais. Além disso, o CEIER é percebido como um espaço de resistência frente às desigualdades e ao preconceito urbanos, proporcionando aos jovens ferramentas simbólicas e práticas para afirmar suas identidades rurais e desafiar estigmas sociais. As experiências compartilhadas indicam que a escola fomenta uma pedagogia que integra saberes tradicionais e científicos, promovendo uma educação contextualizada e situada que fortalece as conexões entre o conhecimento escolar e as práticas cotidianas no campo. Esse diálogo entre formação e territorialidades reforça a ideia de que o processo educativo no CEIER envolve a construção coletiva de sentidos e o engajamento dos jovens na transformação dos seus territórios. A pesquisa contribui para ampliar a compreensão sobre o papel da Educação do Campo na promoção da justiça social, da diversidade cultural e do desenvolvimento sustentável, ressaltando a potência das juventudes rurais como agentes de mudança em seus contextos. Em síntese, a investigação revela que a formação escolar no CEIER atua como vetor fundamental na produção e reprodução das territorialidades rurais, configurando-se como um espaço que articula memória, identidade e ação social em um processo contínuo de construção e (re)significação dos territórios.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Juventudes rurais; História oral.



GT Educação do Campo

LITERATURA COMO FERRAMENTA TECNOLÓGICA PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO

Andrey Wendley Costa Amarante¹
Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira²

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, andreyamarante4@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia, wanubya.campelo@ufra.edu.br

Este artigo propõe uma integração da literatura e das ferramentas tecnológicas como catalisadores da educação no campo. Debate sobre a criação de plataforma digital que visa alcançar as comunidades rurais com o intuito de levar a democratização dos conteúdos literários, visando a produção textual e os saberes locais. Esta iniciativa baseia-se nos princípios pedagógicos de Paulo Freire e Vygotsky, a partir desse estudo buscar-se-á promover uma proposta de ensino sobre educação literária no campo de maneira a potencializar o aprendizado com a integração da tecnologia para promover o ensino da literatura em comunidades rurais. Tendo em vista que a cultura digital no ensino médio problematiza o modo como se dá a prática pedagógica e, no caso do ensino de literatura, a fruição e a interpretação das obras de arte literária no ambiente escolar. Este estudo dimensiona a percepção dos discentes da rede pública estadual do Pará sobre o diálogo da cultura digital, mediante seus artefatos, com o fazer pedagógico é usado no ensino de literatura no ensino médio através de um questionário aplicado a discentes da rede estadual de ensino do estado do Pará que declararam ter tido aulas de literatura no ensino médio. O conjunto dos dados demonstra a inserção das tecnologias digitais na prática pedagógica dos professores de Literatura, com a consequente inserção da escola no modo de ser e de fazer mediado pelas tecnologias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: plataforma digital; literatura; educação no campo.



GT Educação do Campo

ESCOLA MUNICIPALIZADA JARDIM MONTEVIDÉO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM NOVA IGUAÇU-RJ

Clodoaldo Ferreira de Oliveira¹
Wanderson da Silva Santi²
Alexandre Ferreira de Oliveira³

¹ Dr. em Educação

² Dr. em Educação

³ Me. em Avaliação

A preservação da memória coletiva no Brasil é um tema bastante complexo, ao demandar uma série de disputas presentes nas relações humanas, que podem ser extraídas a partir das narrativas, essenciais na construção da identidade dos povos. Nesse sentido, o presente resumo busca refletir a respeito da história da Educação do Campo em Nova Iguaçu-RJ, sob a perspectiva dos sujeitos da Escola Municipalizada Jardim Montevideó. A instituição representa uma das doze escolas do campo existentes no município, desempenhando, proficuamente, o seu compromisso com a formação ética e propedêutica dos seus estudantes. Para tanto, foi estabelecida uma profunda pesquisa, baseada nos estudos relativos à memória coletiva de Halbwachs (1990), em diálogo com autoras/es da Educação do Campo, como Caldart (2012) e Santos (2016), pesquisadoras/es da história de Nova Iguaçu, como Dias (2014) e Torres (2004), além de entrevistas, visando compreender, também, por meio da oralidade, os processos históricos-sociais presentes nas práticas cotidianas dos sujeitos da comunidade escolar. Assim, os estudos sobre memória são fundamentais, ao representarem mecanismos de conservação de informações, individuais ou coletivas, que podem nos revelar inúmeras construções históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Educação do Campo; Escolas do Campo; História de Nova Iguaçu – RJ.



GT Educação do Campo

O LUGAR DOS POVOS TRADICIONAIS NAS CONSTITUIÇÕES DO BRASIL: PROCESSOS DE APAGAMENTO E INVISIBILIDADES

Henrique Lobo Souza¹
Christian Douglas Oliveria Araújo²
Jefferson Luis da Silva Cardoso³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, e-mail: henriquelobosouza2018@gmail.com

² Universidade Federal do Pará - UFPA, e-mail: douglas.araujo7@hotmail.com.br

³ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, e-mail: jefferson.cardoso@ufra.edu.br

O presente trabalho aborda a temática do direito social fundamental à educação no Brasil republicano, em especial a educação dos povos do campo como possibilidade de permanecer e desenvolver suas vidas no meio rural. O seguinte problema movimenta a investida bibliográfica: como a Educação do Campo, enquanto direito social fundamental, é confirmada ou negada nas Constituições brasileiras a partir da Primeira República, em 1891? Objetiva-se analisar as Constituições republicanas de 1891 a 1988, bem como a literatura da área da Educação do Campo como direito social fundamental dos povos tradicionais do meio rural. A metodologia tem abordagem qualitativa, parte de pesquisa bibliográfica, documental e faz análise interpretativa do material coletado. Como documentos selecionados tem-se as Constituições da República Federativa do Brasil de 1891 a 1988. No referencial teórico, tem-se que a educação, percebida como prática social, exerce força inexorável na existência humana, pois a partir dela é possível ter consciência da condição de exploração sofrida e da possibilidade de libertação por meio da ação crítico-reflexiva sobre a realidade vivida (Demo, 2001; Freire, 1967, 1981, 1987, 1996; Gadotti, 1998; Hooks, 2013). No que se refere à educação do rural e/ou do campo (dependendo do momento histórico), há certo desprezo pelos saberes e práticas dos povos tradicionais, o que é justificado pelas ideias de atraso social, lugar que não precisa de ensino avançado e pessoas incapazes de crescer intelectualmente, sendo necessário incorporá-las aos modos de ser e viver da cidade urbanizada – sua escola, seu currículo, suas práticas pedagógicas, bem como os conhecimentos elaborados, estruturados e disseminados sob a ótica da cidade, em detrimento da realidade vivida no campo (Arroyo, 2010; Caldart, 2019; Hage, 2005; Souza, Costa; Etges, 2016). Os resultados apontam para indícios da negação, apagamentos e invisibilidades do direito à educação para os povos do campo nas versões da Constituição brasileira desde o início do período republicano. Das sete Leis analisadas, apenas uma, a de 1934, cita a educação rural. Em conclusão, a luta pela Educação do Campo permanece viva e latente no Estado Democrático de Direito, reestabelecido pós-ditadura civil-militar de 1964 e confirmado pela Constituição Cidadã de 1988, bem como encontram-se vivos os anseios dos sujeitos viventes nas ruralidades do país por uma educação pública, gratuita e gerida pelo Estado, para que possam viver e desenvolver a vida em seus locais de origem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Legislação Educacional; Apagamentos e Invisibilidades.



GT Educação do Campo

TERRITÓRIO, VOZES E SABERES EMERGENTES: O CÍRCULO DE CULTURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Cledson Oliveira dos Santos ¹

¹ Universidade do Estado da Bahia /UNEB, cledsonoliveirasantos@gmail.com

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar a implementação dos Círculos de Cultura no Colégio Estadual do Campo de Carnaíba, localizado na zona rural do município de Pindobaçu, Bahia, durante as Semanas do Meio Ambiente dos anos de 2024 e 2025. As atividades foram conduzidas com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em diálogo com as urgências socioambientais vivenciadas pelos estudantes e suas comunidades, no contexto do semiárido baiano. A proposta pedagógica foi fundamentada nos princípios da pedagogia freiriana, sobretudo na concepção de educação como prática de liberdade (FREIRE, 1987), em que o diálogo, a escuta ativa e a problematização da realidade se constituem como elementos centrais. Os Círculos de Cultura, entendidos como espaços de construção coletiva de saberes e de leitura crítica do mundo, permitiram articular o currículo escolar às vivências, memórias e experiências territoriais dos sujeitos da EJA. O tema gerador “A importância da conservação das matas ciliares para a qualidade e disponibilidade hídrica” emergiu a partir de inquietações coletivas e foi desdobrado em subtemas como desmatamento, contaminação de nascentes, agricultura de base ecológica e práticas tradicionais de manejo da água. A abordagem metodológica incluiu rodas de conversa, leitura e produção de textos, análise de imagens do território, exibição de vídeos, visitas a áreas degradadas, dramatizações e produção de cordéis, buscando respeitar os tempos e as linguagens dos estudantes. Os saberes compartilhados nos encontros evidenciaram uma forte presença de conhecimentos ecológicos tradicionais (TOLEDO, 1992), herdados das práticas camponesas e extrativistas das famílias da região, especialmente das mulheres quebradeiras de coco e das quijilas. Tais saberes, muitas vezes invisibilizados no espaço escolar, foram valorizados e legitimados como parte integrante do processo formativo, permitindo uma reconfiguração do papel da escola como espaço de acolhimento das culturas locais (CALDART, 2011; BRANDÃO, 2002). Os resultados mais expressivos dessa experiência foram: o fortalecimento da identidade territorial dos estudantes; o reconhecimento da escola como espaço de memória e resistência; o protagonismo juvenil e comunitário na produção de saberes; e a criação de vínculos afetivos e políticos entre os sujeitos e o território. Ao final das atividades, foi realizado um seminário comunitário com apresentações culturais e debates sobre a defesa dos bens comuns, envolvendo famílias, educadores, lideranças locais e representantes de movimentos sociais. Concluímos que o uso dos Círculos de Cultura como prática pedagógica no contexto da educação do campo contribui para tensionar as formas hegemônicas de produção curricular, promovendo processos de reterritorialização do conhecimento e insurgência pedagógica (SOUZA SANTOS, 2010). Em tempos de avanço do agronegócio sobre os sentidos da escola, experiências como esta reafirmam a urgência de uma pedagogia comprometida com os sujeitos do campo, com suas lutas e com a construção de um projeto educativo emancipador.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidade. Saberes populares. Pedagogia freiriana.



GT Educação do Campo

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E EPISTEMOLOGIAS FEMININAS NA AMAZÔNIA: O PODCAST VOZES DO INTERIOR COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS DE CAREIRO

Joyce Caridade Maquiné¹

¹ Pós Graduanda em Uso Educacional da Internet Universidade Federal de Lavras,
joycemaquine@outlook.com

Este trabalho tem por objetivo analisar a comunicação comunitária como ferramenta de enfrentamento às múltiplas formas de invisibilização que incidem sobre a vida de mulheres rurais amazônicas, a partir da experiência do podcast Vozes do Interior: Mulheres de Careiro. A iniciativa, concebida e executada pelo Coletivo Ykamiabas, organização formada por mulheres amazônidas atuantes em defesa dos direitos humanos, da justiça social e do desenvolvimento sustentável, é desenvolvida em comunidades localizadas às margens da rodovia BR-319 e em áreas ribeirinhas do município de Careiro, no Amazonas. Fundamenta-se nos princípios da educação popular e nos pressupostos dos estudos feministas interseccionais para construir, por meio da oralidade, uma mediação comunicativa centrada na escuta ativa e na valorização dos saberes locais. O conteúdo do podcast contempla não apenas as narrativas das mulheres entrevistadas, mas também as trajetórias pessoais das apresentadoras, integrantes do próprio coletivo, o que confere ao material uma dimensão autorreferencial e coletiva, ampliando a potência da produção discursiva e identitária. O projeto insere-se em uma abordagem de pesquisa-ação, articulando elementos da comunicação popular como estratégias de resistência simbólica e política frente às desigualdades de gênero, raça, classe e território. Além disso, a proposta dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os ODS 5 (Igualdade de Gênero), 10 (Redução das Desigualdades) e 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), reforçando o papel da mídia comunitária na promoção da justiça social e na construção de processos emancipatórios em contextos historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo feminino; Comunidades Tradicionais; Escuta Comunitária.



GT Educação do Campo

CURRÍCULO, CULTURA E COTIDIANO: A PERSPECTIVA DE SUJEITOS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS

Ana Izabel Souza de Castro¹
Beatriz Cristina Oliveira Martins²
Luana Costa Viana Montão³

¹ Universidade UFRA, anaazabelfacul@gmail.com

² Universidade Federal do Pará UFRA, beatriz.martins@discente.ufra.edu.br

³ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, jefferson.cardoso@ufra.edu.br

O estudo aborda a relação entre currículo, cultura e educação na Amazônia. O objetivo geral é compreender a concepção de sujeitos ribeirinhos a respeito de seus saberes e práticas cotidianas articulando estes elementos ao currículo escolar vivenciado e almejado no contexto da Amazônia paraense. Para tal finalidade, adotou-se a abordagem qualitativa, por meio de pesquisa de campo e revisão bibliográfica. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada aplicada a três sujeitos ribeirinhos. O aporte teórico contou com a contribuição de Arroyo (2013), Candau (2008) e Molina (2010), que discutem currículo, diversidade cultural e educação do campo. Os dados coletados permitiram identificar que os sujeitos ribeirinhos se percebem como produtores de conhecimento e de cultura, rompendo com a lógica do currículo tradicional na qual o único conhecimento considerado relevante é o proposto pelo currículo oficial. Como desafios apontados pelos entrevistados no campo educacional destacam-se a invisibilidade conferida no currículo escolar ao cotidiano das comunidades ribeirinhas, marcado por saberes ancestrais, relações com o rio, e formas próprias de organização social. Diante disso, os ribeirinhos defendem a construção de um currículo que dialogue com a realidade local, promovendo a equidade educacional e o respeito à diversidade sociocultural. Desta forma, ressaltamos a contribuição de estudos que discutam a valorização da cultura amazônica contribuindo para promover um currículo e práxis pedagógica contextualizados. Tais pesquisas podem embasar a elaboração de propostas pedagógicas que valorizem o saber ribeirinho e fortaleçam a identidade cultural desses sujeitos no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo feminino; Currículo; Educação ribeirinha; Cotidiano; Diversidade cultural; Amazônia.



GT Educação do Campo

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA CONSTRUÇÃO PRAXIOLÓGICA EPISTÊMICA

João Paulo Ferreira da Silva¹
Julio Cesar Miguel de Aquino Cabral²

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), jpaulof08@gmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), professorjuliomiguel@gmail.com

A educação do campo deve ser pensada como uma formação que consubstancia os saberes e fazeres do mundo rural. Trata-se, essencialmente, da construção de epistemologias voltadas à identidade, memória e história dos povos do campo, das águas e das matas. Nesse processo, busca-se edificar uma praxiologia que não diverge das práticas cotidianas camponesas, mas as adota e complementa, valorizando os saberes transmitidos pelas memórias e histórias desses territórios. Embora a adaptação do currículo às necessidades específicas dos alunos do campo já tenha respaldo na Lei 9.394, de 1996, inclusive preconizando a possibilidade do uso da pedagogia da alternância, na prática ainda existem barreiras significativas em relação à efetivação da lei na realidade das escolas do campo. Nessa esteira, nesta pesquisa entendemos que lutar e pensar a educação para os povos que vivem e trabalham no campo é uma ação dos movimentos sociais, mobilizando questionamentos em torno da educação rural e propondo um novo paradigma: a educação do campo. Essa nova proposta viabiliza a construção de um novo currículo, preocupado com a valorização dos conhecimentos dos povos do campo, adaptando-se às suas especificidades, fazeres, saberes sociais e culturais praticados nas comunidades camponesas. Para Caldart (2002), os movimentos sociais do campo, organizados em diferentes frentes, ocuparam-se de levantar algumas bandeiras: a definição desse espaço como vital para a manutenção digna e legítima dos povos originários; o estabelecimento do campo como lugar de luta contínua por políticas públicas específicas; e a construção de um projeto educativo próprio. Compreendemos que a construção de epistemologias praxiológicas capazes de emancipar, humanizar e politizar esse segmento social está inserida em um debate mais amplo, que resultou na aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Parecer n. 36/2001 e Resolução n. 1/2002 do Conselho Nacional de Educação), o que demonstra uma flexibilidade do Estado nacional em atender aos movimentos sociais organizados nesse período histórico no Brasil. Contudo, a experiência demonstra que só é possível avançar na luta dos trabalhadores/as se caminharmos juntos, no combate que forja as consciências de classe, social e de pertencimento, alcançando direitos e assumindo deveres. Esse modelo de educação é um desafio nos espaços escolares do país, sendo, por isso, importante notar que educar os camponeses para a emancipação leva-os a um processo de reflexão e ação. Esse binômio mobilizaria as massas ao reconhecerem seu direito de ser e existir — exercício político, social e cultural — em direção à construção de políticas de vivência no campo, constituindo-se nesses espaços. A rigor, segundo Santos e Freire (2024), a mudança de paradigma de uma educação *no* campo para uma educação *do* campo é uma marca não apenas linguística, mas constitui-se como práxis epistêmica, posto que o primeiro termo se refira a uma educação que atende ao direito previsto em lei; o segundo, por sua vez, vai além da educação rural — está inscrito como motor que racionaliza a luta, com participação social, vinculada aos fazeres, saberes, práticas e necessidades humanas, sociais, culturais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: currículo contextualizado; educação do campo; movimentos sociais rurais.



GT Educação do Campo

EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO AGENTE DECOLONIAL NA AMAZÔNIA: VISIBILIDADES DOS SABERES E PRÁTICAS DOS POVOS TRADICIONAIS

Thayla Arcangela Moraes Ferreira¹

Christian Douglas Oliveria Araújo²

Jefferson Luis da Silva Cardoso³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, thaylaferreira730@gmail.com

² Universidade Federal do Pará - UFPA, douglas.araujo7@hotmail.com

³ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, jefferson.cardoso@ufra.edu.br

O estudo aborda a questão da educação do campo como protagonista de uma ação decolonial na Amazônia paraense, representado pela luta e visibilidade dos movimentos sociais em prol da educação pública, gratuita e de qualidade ofertada aos povos do campo. Nesse contexto, o objetivo do trabalho é refletir sobre ação decolonial que a educação do campo desempenha na Amazônia paraense por desenvolver suas práticas a partir da pedagogia da alternância, que valoriza as marcas culturais, a diversidade e as identidades dos povos tradicionais do meio rural. Na metodologia, o estudo parte de pesquisa exploratória sobre o tema e faz análise integrativa e interpretativa sobre literaturas que discutem a educação do campo, a pedagogia da alternância e a decolonialidade nas américas. Nessa caminhada, o referencial teórico aponta que houve prerrogativa e impressão de que a modernidade é instalada a partir da descoberta do “mundo novo”, remetendo ao atraso cultural, civilizações inferiores e selvagens/primitivos, em relação ao “avanço” vivido na Europa, no âmbito sociopolítico, cultural e econômico, segundo Madonado-Torres (2019). Romper com este modo de pensar e instalar o pensamento decolonial é uma ousadia do tempo atual e uma verdadeira resistência contra-hegemônica ao Mito da Modernidade, ação que tem sido consolidada na América Latina desde o século XX, tem sido questionada por autores como, Dussel (2005), Krenak (2020), Mingnolo (2009, 2017), Oliveira (2017), e, Quijano (2005). Nesse caminhar, chama atenção a ação decolonial que a educação do campo no Brasil possui, na medida em que valoriza o Outro na promoção dos saberes e experiências do povo que vive no campo, com base em lutas e resistências que solicitam, dos governantes, políticas públicas que assegurem o direito de permanecer e estudar na zona rural, inclusive na atribuição de Outras pedagogias que deem conta do ensino próprio dos homens e mulheres do campo, amplamente defendida por Arroyo (2014), Caldart (2012), Cordeiro, Reis e Hage (2011), Fernandes e Molina (2004). Como resultados, aponta-se que a educação camponesa no Brasil, luta pela/por: a) formação dos/das educadores/as do campo que parte de uma postura subversiva e consciente de que sua práxis nega o *modus operandi* da díade moderno-colonial, na busca por uma sociedade outra; b) valorização do contexto educacional (micro e macroambientes) focado na alteridade do saber local; c) ênfase nas memórias coletivas de resistência/sobrevivência decolonial; d) produção de Outras epistemologias conjugadas à educação crítico-reflexiva; e, e) crenças em utopias políticas de luta e resistência para o fortalecimento de uma sociedade democrática, solidária e participativa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Visibilidades; Saberes tradicionais; Ação decolonial.



GT Educação do Campo

LETRAMENTO LITERÁRIO E LITERATURA PIAUIENSE: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA

Katiane Régis Pereira Martins Castro ¹

¹ Mestranda - Profletras/UESPI, kattymartins38@gmail.com

O presente trabalho, inserido na linha de pesquisa Estudos Literários, tem como objetivo central promover o letramento literário dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, utilizando a sequência básica proposta por Rildo Cosson (2009) e a literatura piauiense como ferramentas principais. A motivação para o trabalho surge da constatação de que a leitura literária, na turma em questão, não acontecia ao longo dos anos, muitas vezes era limitada aos textos do livro didático, que não refletem a realidade dos alunos. Dessa forma, torna-se urgente o desenvolvimento de práticas de leitura literária que proporcionem o contato com textos que permitam conhecer o mundo e a si mesmo. Com base nisso, a proposta levanta a seguinte problemática: como a aplicação da sequência básica de Cosson, utilizando a obra *Ataliba, o Vaqueiro*, pode promover o letramento literário? As hipóteses sugerem que a aplicação dessa sequência aumentaria o interesse e a compreensão dos alunos pela literatura, fortaleceria sua conexão com as raízes culturais regionais, além de desenvolver habilidades críticas e reflexivas. Os objetivos específicos incluem elaborar uma proposta de intervenção pedagógica com a obra *Ataliba, o vaqueiro*, investigar a eficácia da sequência básica na promoção da competência literária, desenvolver a leitura reflexiva dos alunos e reconhecer a literatura piauiense como uma fonte de conhecimento e diversão. O trabalho fundamenta-se nos estudos de autores como Candido (2012), Todorov (2009), Compagnon (2009), Aguiar e Bordini (1988), Cosson (2009, 2015, 2020), Zilberman (2012), Soares (2009, 2014), entre outros, abordando o letramento e a relevância da literatura no ensino. Explorando as conexões entre ensino, literatura e o letramento literário, com uma proposta didático- pedagógica que pode ser replicada em diferentes contextos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: *Ataliba, o vaqueiro*; Cultura; Proposta didática.



GT Educação e Diversidade

A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Crirlane Manoelle Aguiar de Souza¹
Rodrigo Raphael Assunção Cecim²
Luana Costa Viana Montão³

¹ Instituto Federal de Santa Catarina- Campus Florianópolis, crislanemanuelle@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia – PA, rodrigocecim03@gmail.com

³ Doutora em Educação, Instituto Ciberespacial UFRA – PA, luana.viana@ufra.edu.br @gmail.com

A importância de se trabalhar a diversidade étnico-racial na educação infantil se revela cada vez mais urgente diante da realidade multicultural do Brasil. É nessa fase inicial da vida que as crianças começam a construir sua identidade, reconhecer diferenças e aprender valores fundamentais para a convivência social. Este estudo propõe uma reflexão crítica e necessária sobre como o ambiente escolar pode – e deve – ser um espaço de valorização das múltiplas identidades étnico-raciais que compõem a sociedade brasileira. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, teve como objetivo investigar de que forma professores da educação infantil abordam a diversidade étnico-racial em sala de aula e quais práticas pedagógicas contribuem para o fortalecimento do senso de pertencimento e do respeito às diferenças. Por meio de entrevistas semiestruturadas com educadores e revisão de literatura, foram identificadas ações como contação de histórias com protagonismo negro, brincadeiras inclusivas, uso de bonecos diversos, debates e o reconhecimento de situações discriminatórias como estratégias eficazes para introduzir a temática de maneira significativa e acessível. Os resultados apontam que, apesar dos avanços, ainda persistem desafios como a carência de formação continuada para os professores, a ausência de materiais didáticos apropriados e a falta de envolvimento mais ativo da comunidade escolar. Entretanto, quando a escola e os docentes atuam em conjunto, com intencionalidade e compromisso ético, torna-se possível construir ambientes educativos mais justos, acolhedores e representativos. Conclui-se que trabalhar a diversidade étnico-racial na educação infantil não é apenas uma boa prática pedagógica, mas uma ação transformadora e indispensável para a construção de uma sociedade mais equitativa, empática e consciente. Ao investir em práticas inclusivas desde a infância, abre-se caminho para um futuro em que todas as crianças se sintam pertencentes, respeitadas e representadas.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade, Educação Infantil, Identidade, Inclusão.



GT Educação e Diversidade

A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA E DE PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE

Priscila Laíssa Toledo¹
Tania Maria Gomes da Silva²

¹ Centro de Ensino Superior de Maringá (UniCesumar), prih_toledo@hotmail.com gmail.com

² Centro de Ensino Superior de Maringá (UniCesumar), tania.gomes@unicesumar.edu.br

A educação tem se consolidado como um espaço basilar para a promoção da diversidade e da equidade de gênero, reconhecendo o papel das práticas culturais e educativas na formação pessoal e na desconstrução de estereótipos historicamente cristalizados. A literatura infantojuvenil, nesse contexto, surge como um instrumento potente, pois oferece aos estudantes, especialmente às meninas, a oportunidade de se verem representadas em narrativas que refletem suas vivências e ampliam suas perspectivas e visão de mundo. Historicamente, as representações femininas na literatura foram marcadas por papéis secundários e submissos, reforçando desigualdades de gênero e criando barreiras ao empoderamento feminino e ao fortalecimento subjetivo. Tais violências simbólicas afetam diretamente a autoestima, exigindo, portanto, práticas educativas que reconheçam essas dimensões e atuem para desconstruí-las. O objetivo deste estudo é discutir a relevância da literatura infantojuvenil como ferramenta educativa para promover a diversidade, especialmente de gênero, e o bem-estar emocional de meninas em situação de vulnerabilidade social. O trabalho destaca como a leitura de narrativas literárias que retratam mulheres em posições de protagonismo e resistência contribui para o empoderamento feminino e para a ampliação das possibilidades de existência dessas meninas. Essa abordagem reconhece que a literatura, além de ser um direito cultural e formativo, tem potencial para atuar como estratégia educativa de afirmação de identidades e de enfrentamento das múltiplas opressões que atravessam meninas em diferentes contextos sociais. Ao analisar esse campo, tem-se como resultados que a utilização da literatura contribui para o conhecimento da história e do papel protagonista da mulher e isso é importante, pois muitos ainda desconhecem histórias de mulheres que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade. Ter conhecimento sobre isso, permite que jovens se projetem em papéis de destaque, deste modo, a literatura pode ser um espaço de diálogo, escuta e reflexão, funcionando como um instrumento de cuidado subjetivo e de promoção do bem-estar. Conclui-se que a literatura infantojuvenil, quando mediada de forma sensível e crítica, pode ser uma poderosa ferramenta para a promoção da diversidade, a afirmação de direitos e a construção de subjetividades mais livres e potentes. A integração entre educação, cultura e saúde mental, proposta nesse trabalho, aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as desigualdades de gênero e suas intersecções com raça e classe, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, empáticos e conscientes do seu papel social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Diversidade; Gênero.



GT Educação e Diversidade

A MONOCULTURA DO PENSAMENTO E A LUTA POR DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO: VOZES INDÍGENAS CONTRA O NEOLIBERALISMO

Felipe Filgueiras Facklam¹
Keyla de Oliveira Gravelos²

¹ Universidade Castelo Branco, fffacklam@gmail.com

² Universidade Estácio de Sá, keylagravelos68@gmail.com

Este artigo examina criticamente a relação entre a monocultura do pensamento, sustentada pelo paradigma neoliberal na educação, e as epistemologias indígenas que afirmam a diversidade como princípio fundamental do processo educativo. Partindo do pressuposto de que o neoliberalismo opera como uma máquina de homogeneização cultural e cognitiva, o estudo tem como objetivo central desvelar os mecanismos pelos quais esse modelo subalterniza saberes indígenas, ao mesmo tempo em que destaca estratégias de resistência e proposição de alternativas pedagógicas decoloniais. A investigação justifica-se pela necessidade premente de questionar a colonialidade ainda presente nos sistemas educacionais, que perpetuam hierarquias epistêmicas e invisibilizam contribuições intelectuais indígenas, fundamentais para a construção de uma sociedade plural. Metodologicamente, o trabalho se desenvolve em três eixos: (1) análise crítica de documentos oficiais e políticas educacionais neoliberais, evidenciando sua lógica excludente; (2) revisão de produções acadêmicas de autores indígenas contemporâneos, como Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Eliane Potiguara, que contestam a universalização do conhecimento ocidental; e (3) estudo de experiências pedagógicas indígenas que incorporam cosmovisões não hegemônicas, como educação diferenciada e as escolas indígenas autônomas. Os resultados demonstram que o neoliberalismo na educação, ao impor métricas padronizadas e reduzir o processo educativo à formação para o mercado, nega a multiplicidade de formas de conhecer e existir, especialmente aquelas vinculadas aos territórios e às memórias ancestrais. Em contrapartida, as epistemologias indígenas, baseadas em princípios como a circularidade do conhecimento, a educação comunitária e interdependência entre humanos e natureza, apresentam caminhos viáveis para superar a monocultura do pensamento. Conclui-se que a insurgência epistêmica indígena não somente desestabiliza os fundamentos do projeto neoliberal na educação, mas também aponta para a construção de um paradigma educativo radicalmente diverso, onde a pluralidade de vozes, saberes e modos de aprendizagem seja valorizada. O estudo recomenda a adoção de políticas educacionais que reconheçam a educação indígena como direito específico e promovam diálogos interculturais genuínos, além de sugerir a desobediência cognitiva como prática pedagógica necessária para desmontar a hegemonia neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonização; Epistemologias indígenas; Neoliberalismo educacional.



GT Educação e Diversidade

CURRÍCULO E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: UM DIÁLOGO EM DISPUTA

Daniel Bergue Pinheiro Conceição¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, danielbergue.pc@gmail.com

O presente estudo propõe uma reflexão crítica sobre os tensionamentos entre o currículo (entendido como artefato cultural), e a educação intercultural no Brasil. Nessa direção, meu entendimento é que o currículo constitui um território em disputa, seja no contexto escolar ou universitário. Essa disputa está relacionada às suas dimensões sociais, políticas, culturais e identitárias. Pensar a relação entre currículo e educação intercultural exige reconhecer que a interação entre sociedade e educação, no Brasil, sempre foi permeada por conflitos, tensionamentos e disputas. De um lado, encontramos as camadas abastadas, historicamente vinculadas à matriz eurocêntrica; de outro, os grupos sociais minorizados, que há décadas reivindicam um currículo e uma educação politicamente situados, que contemplem suas histórias, culturas e experiências. Nesse contexto, a educação intercultural não pode ser compreendida apenas como uma proposta cultural, mas como um projeto político emancipatório e contra-colonial. Ela reivindica o reconhecimento e a valorização dos saberes plurais e socioculturais, bem como a construção de práticas pedagógicas que dialoguem com a diversidade e com a justiça social. Este escrito dialoga com autoras e autores como Candau e Russo (2010), Oliveira e Candau (2010), Walsh (2009), entre outros intelectuais e intérpretes latino-americanos, e defende a urgência de uma reconstrução crítica dos currículos formais. Essa reconstrução demanda uma ruptura epistêmica e a abertura a saberes produzidos nos territórios do Sul Global. Nessa disputa entre currículo e interculturalidade, o que está em jogo são outros modos de olhar o mundo, compreender a realidade social e afirmar diferentes formas de ser, viver e existir. Refletir criticamente o currículo à luz da interculturalidade crítica implica romper com estruturas coloniais excludentes de saber e poder, que historicamente silenciaram e apagaram conhecimentos considerados subalternos. Diante disso, torna-se fulcral abrir caminhos e atravessar fronteiras com perspectivas educacionais comprometidas com a transformação da realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade do Saber; Decolonialidade; Saberes Socioculturais.



GT Educação e Diversidade

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CURRICULAR

Sara Gonçalves de Jesus¹
Maruza Milena de Araújo Silva Alves Nunes²

¹ UPE – Universidade de Pernambuco, sara.goncalvesjesus@upe.br

² Universidade UPE- Universidade de Pernambuco, maruza.milena@upe.br

A concepção de escola perpassa a reflexão das relações de poder presentes no processo educativo, bem como as condições para que estas relações se reproduzam. Essa ideia se firma no pressuposto de que a escola não é neutra, pois é produzida e situada em um contexto de relações político-social-cultural do qual não pode ser abstraída. Neste sentido, é perceptível que a escola por meio do seu desenvolvimento curricular reafirme uma ideologia dominante a qual acentua as desigualdades sociais? Sim, pois compreendendo o currículo como uma prática social; portanto, não é desinteressado nem tampouco desprovido de ideologias em sua estruturação. Assim, a presente pesquisa surge da necessidade de compreender em que medida o currículo contribui para legitimar as desigualdades sociais e isso é feito através da tentativa de análise da função ideológica do mesmo. Portanto, a elaboração deste trabalho busca compreender as lacunas sobre as concepções e contradições presentes na educação escolar e pública implícitas no Currículo. A relevância da pesquisa se dá na possibilidade de se discutir a concepção de escola enquanto espaço que legitima as desigualdades, como também os mecanismos ideológicos. A pesquisa tem caráter qualitativo, revisão de literatura. Foram examinados estudos que discutem a implementação de políticas voltadas à diversidade étnico-racial nas escolas. A análise busca identificar conteúdos, abordagens e práticas pedagógicas relacionadas ao tema. O trabalho busca contribuir com as discussões que se referem a presente temática, sobre a sua importância, uma educação que valorize a diversidade, enfrente o racismo e promova o reconhecimento das múltiplas identidades presentes na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo; Desigualdades sociais; Diversidade; Educação.



GT Educação e Diversidade

EDUCAR NO CÁRCERE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O SISTEMA PRISIONAL

Uilamir Costa de Alencar¹
Anyelle Samy Costa de Oliveira²

¹ UPE – Universidade Federal do Acre, uilamir.alencar@sou.ufac.br

² Universidade Federal do Acre, anyelle.oliveira@ufac.br

A educação prisional enfrenta múltiplos desafios que dificultam sua implementação nas unidades prisionais brasileiras. Entre esses desafios, destacam-se limitações administrativas, logísticas e ideológicas, como o preconceito refletido no discurso de que a oferta educacional aos detentos seria um privilégio indevido, ignorando seu status de direito garantido por lei. Um dos principais entraves está na formação dos professores que atuam nesses espaços. Muitos ingressam nas escolas no sistema prisional sem experiência anterior na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, sobretudo, sem preparo específico para lidar com as particularidades do ambiente prisional. Esse cenário revela lacunas significativas na formação inicial e a quase inexistência de políticas públicas voltadas à formação continuada para os professores que atuam neste contexto, o que compromete a qualidade do ensino oferecido. Outro desafio recorrente refere-se às tensões entre os profissionais da educação e os agentes de segurança. É comum haver resistência por parte dos agentes penitenciários quanto à presença e atuação docente nas unidades, muitas vezes interpretando suas abordagens pedagógicas como excessivamente emotivas. Tal percepção desconsidera as especificidades do trabalho educativo em espaços de privação de liberdade e contribui para o aumento das dificuldades no exercício da docência. Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados na prática pedagógica dos professores que atuam nas unidades de reclusão penal no cenário brasileiro. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, ancorada em uma abordagem qualitativa, que busca evidenciar os entraves à atuação docente e contribuir para o debate sobre a qualificação da prática educativa em contextos de privação de liberdade. A base epistemológica do estudo contou com as contribuições de Custódio; Nunes (2019), Julião (2014, 2017) e Onofre (2011, 2012, 2015), autores que discutem a educação prisional a partir de perspectivas críticas e comprometidas com a justiça social. Os estudos analisados indicam um conjunto significativo de dificuldades enfrentadas pelos professores que atuam nesses espaços, como a escassez de recursos pedagógicos, a falta de reconhecimento institucional e a ausência de políticas específicas para sua formação e valorização profissional. Tais elementos apontam para a urgência de reformas estruturais e ações formativas que deem suporte real à prática docente nas prisões brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Atuação docente; Educação prisional; Formação docente.



GT Educação e Diversidade

HISTÓRIA ORAL DE UM JOVEM RURAL: EXPRESSÃO IDENTITÁRIA E PERTENCIMENTO NA ESCOLA DO CAMPO

Rainei Rodrigues Jadejiski¹

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), raineirj@gmail.com

O Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Águia Branca é uma escola pública capixaba comprometida com os princípios da Educação do Campo, que orienta seu trabalho pedagógico a partir das especificidades dos sujeitos que vivem e produzem suas realidades no meio rural. Este estudo emerge de uma pesquisa de doutorado que investigou as territorialidades produzidas por juventudes rurais egressas dessa instituição por meio da história oral temática. Dentre as narrativas coletadas, destaca-se a de um jovem que compartilhou, com sensibilidade e profundidade, vivências relacionadas à sua bissexualidade e às formas como essa dimensão identitária foi atravessada no contexto escolar. O objetivo deste trabalho é problematizar teoricamente essa narrativa, buscando compreender como os marcadores de gênero e sexualidade se entrelaçam com as vivências juvenis no campo e com os processos formativos desenvolvidos na escola. A análise da narrativa revela que, ao tensionar normatividades e dar visibilidade às expressões identitárias dissidentes, a escola pode se constituir em um espaço de afirmação de direitos, fortalecimento do pertencimento e ampliação das possibilidades de aprendizagem. Os resultados da pesquisa indicam que práticas pedagógicas comprometidas com o respeito às diversidades contribuem para que os jovens se sintam acolhidos e legitimados em sua integralidade, evidenciando a importância de uma educação que promova o diálogo entre campo, juventude e sexualidade como dimensão fundamental da formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Narrativa; Sexualidade.



NEGAR O DIREITO DE EXISTIR: UM OLHAR CRÍTICO A RESPEITO DOS PROJETOS DE LEI CONTRÁRIOS À LINGUAGEM NEUTRA NO CONTEXTO ESCOLAR

João Yure Santos Silva¹

¹ E.E.M. Joaquim Valdevino de Brito, joaoyure06@gmail.com

O debate em torno da linguagem neutra (LN) está cada vez mais atual na sociedade, assumindo uma pluralidade valorativa de perspectivas acerca do tema, dentre as quais situam grupos sociais favoráveis e outros que se posicionam em desacordo ao fenômeno. Logo, ela deve ser componente de discussão na arena do debate dos diversos setores da sociedade. A LN caracteriza-se por usar termos sem especificação binária de gênero, visando uma comunicação inclusiva. Em função disso, o uso dessa linguagem é alvo de ataques oriundos desde pessoas anônimas a agentes políticos conservadores. No Brasil, existem diferentes projetos de lei que objetivam a proibição desse tipo de linguagem nas escolas de ensino da rede pública e privada. Assim sendo, o presente estudo tem como propósito examinar os discursos de projetos de lei contra à linguagem neutra no contexto escolar sob a ótica da análise de discurso crítica (ADC) de Fairclough. Essa perspectiva refere-se a um campo de estudos heterogêneos, caracterizado por sua interdisciplinaridade. A ADC é um instrumento teóricometodológico que investiga a relação entre discurso e sociedade. Logo, o olhar faircloughiano propõe que o discurso seja analisado mediante três práticas discursivas: texto, prática discursiva e prática social. Tal proposta ficou conhecida por concepção tridimensional do discurso. Para tanto, a metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, visto que se fez um levantamento bibliográfico a respeito dos projetos de lei contrários à LN nas escolas, entre os anos de 2020 a 2024, e perante isso, foram feitas análises desses projetos sob o contexto das três dimensões do modelo faircloughiano. Em conclusão, os resultados parciais evidenciam que os projetos de lei investigados foram produzidos por sujeitos constituídos ideologicamente por ideais conservadores, nota-se que estão empenhados em abolir a linguagem neutra do contexto escolar, por intermédio de discursos de ódio. Ademais, esses projetos estabelecem relações interdiscursivas entre si, visto que o sujeito que enuncia o discurso de ódio raramente é seu originador. Nesse viés, evidenciamos nos dizeres sob análise posicionamentos que intentam a manutenção do *status quo*, que abraça a binaridade de gênero, excluindo quem não se identifica com tal marcação de gênero tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos; Escolas; Não-binaridade.



GT Educação e Diversidade

OFICINA SENSORIAL: MUNDO DE ALICE, EXPLORANDO OS SENTIDOS UM OLHAR ALÉM DA VISÃO

Deislene Conceição Souza Nazaré¹
Stefani Cristina Iijima Nobumasa²

¹ Instituto Federal Mato Grosso do Sul, deises26@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia, fanynobumasa@gmail.com

Oficina Sensorial: Mundo de Alice, explorando os sentidos – Um olhar além da visão, foi idealizada como uma proposta pedagógica de sensibilização e inclusão, realizada durante a IV Semana do Livro e da Biblioteca da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), com a participação de alunos da Escola Indígena Zane Tuerumo. Inspirada na obra “Alice no País das Maravilhas”, a oficina teve como objetivo principal proporcionar uma experiência imersiva que possibilitasse aos participantes compreender, por meio de vivências sensoriais, os desafios enfrentados por pessoas com deficiência visual. A atividade se justifica pela necessidade urgente de combater barreiras atitudinais e promover a valorização da diversidade no ambiente escolar, estimulando práticas educativas mais inclusivas. Para tanto, foram utilizadas metodologias ativas baseadas na experimentação: os participantes foram vendados e convidados a explorar diferentes materiais com variadas texturas, aromas e sons, simulando a percepção sensorial de pessoas cegas. Também foram abordados conteúdos como o Sistema Braille, as cores das bengalas utilizadas por pessoas com deficiência visual e a história de Louis Braille. Os materiais utilizados incluíram algodão, arroz, pedras, palha de aço e objetos com relevos, possibilitando o uso do tato e do olfato como principais formas de percepção. Ao final da oficina, os participantes responderam a um questionário avaliativo, cujos resultados evidenciaram a eficácia da atividade no desenvolvimento da empatia e da reflexão crítica sobre a inclusão. A maioria considerou a experiência satisfatória e relatou um novo olhar sobre a vivência de pessoas com deficiência, especialmente em relação ao uso do tato e à escuta ativa. A oficina também revelou a importância de ampliar a abordagem para outras deficiências e de promover atividades semelhantes em diferentes contextos educacionais, fortalecendo o compromisso institucional com a equidade e os direitos das pessoas com deficiência. Conclui-se que a oficina sensorial se configurou como uma prática inovadora e transformadora, que pode ser replicada como ferramenta de formação cidadã e educativa, promovendo não apenas conhecimento, mas também atitudes de respeito, empatia e inclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; diversidade; acessibilidade e deficiências.



GT Educação e Diversidade

QUEBRANDO O SILÊNCIO: DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DO PRECONCEITO VELADO PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS TRANSGÊNERO NO ENSINO SUPERIOR

Thayla Kaylanne Oliveira Dantas¹
Gisele Do Nascimento Fontenele²
Francisco Delvânio de Santana Pereira³

¹ Universidade Estadual Do Piauí(UESPI), thaylakaylanneodantas@aluno.uespi.br

² Universidade Estadual Do Piauí(UESPI), giselefontenele@aluno.uespi.br

³ Universidade Estadual Do Piauí(UESPI), delvaniosantana@gmail.com

Este resumo mergulha na junção entre educação e a riqueza da diversidade humana, dando voz às experiências de pessoas transgênero no ambiente universitário. Nossa pesquisa, com uma abordagem que valoriza a escuta, traz à tona os relatos de três pessoas transexuais, que preferiram manter sua identidade em sigilo, mas que generosamente compartilharam suas jornadas marcadas por preconceito e dificuldades em faculdades e centros acadêmicos. Embora o Brasil tenha feito progressos na inclusão, ainda há um longo caminho a percorrer para que as instituições de ensino ofereçam um espaço verdadeiramente acolhedor para a comunidade LGBTQIAPN+, especialmente para as pessoas trans. A invisibilidade, o preconceito específico contra pessoas trans (transfobia) e a falta de preparo das universidades para abraçar a diversidade de gênero ainda criam barreiras que dificultam o acesso, a permanência e o pleno desenvolvimento acadêmico desses estudantes. Os relatos que colhemos desenham um cenário de diversas formas de preconceito. As situações que afetam a saúde mental, o desempenho nos estudos e a sensação de pertencimento desses jovens. Um dos participantes descreveu a angústia e insegurança de usar o banheiro na universidade: "Cada ida ao banheiro era um sofrimento, um misto de medo e desconforto. Eu sempre ficava com medo de ser abordado, de ter que explicar minha identidade para alguém, ou de simplesmente sentir os olhares de julgamento. Muitas vezes, eu preferia segurar a vontade a enfrentar essa situação". Outro relato destaca a experiência de uma professora que, mesmo com a documentação em dia, não reconhecia a identidade de gênero da aluna: "Por mais que eu tivesse meus documentos atualizados e usasse meu nome social, uma professora em particular insistia em me chamar pelo nome morto e se referir a mim no gênero incorreto. Eu me sentia invisível e desrespeitada, como se minha identidade não importasse para ela". O terceiro indivíduo mencionou a falta de acolhimento por parte da coordenação e a dificuldade em encontrar quem o apoiasse para lidar com a discriminação, resultando em um isolamento cada vez maior. A escuta desses depoimentos nos mostra a urgência de construir ambientes mais humanos e acolhedores nas instituições de ensino. É vital que as universidades e faculdades implementem políticas claras para combater qualquer forma de discriminação, ofereçam treinamentos contínuos para professores e funcionários sobre a riqueza da diversidade de gênero, e criem espaços seguros e de apoio para os estudantes transgênero. Onde todas as identidades sejam acolhidas e cada aluno, sem exceção, possa alcançar seu pleno potencial.

PALAVRAS-CHAVE: Transgênero; Inclusão; Preconceito.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

(IN)VISIBILIDADES NA PLATAFORMA INGLÊS PARANÁ: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE E ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES

Daniel Pereira Linjardi¹

¹ Universidade Estadual de Maringá, anderson.linjardi@uel.br

Esta pesquisa investiga as (in)visibilidades na plataforma *Inglês Paraná*, ferramenta oficial da Secretaria de Estado da Educação do Paraná para o ensino de Inglês na rede básica, sob a ótica da Educação Especial e Inclusiva. O estudo parte da constatação de que, apesar de integrar o Plano Pedagógico e oferecer conteúdos alinhados às séries, a plataforma apresenta significativas lacunas em acessibilidade e inclusão, privilegiando predominantemente as modalidades auditiva e visual. Essa limitação invisibiliza e exclui alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), como aqueles com baixa visão, deficiência auditiva e outras demandas de apoio, perpetuando barreiras à sua plena participação e aprendizagem. O objetivo central é propor sugestões concretas de adaptações curriculares para atividades da plataforma, visando atender às NEE não contempladas, e, principalmente, contribuir para a formação de professores, capacitando-os a realizar avaliações formativas e somativas verdadeiramente inclusivas e promotoras da diversidade. Justifica-se pela urgência em garantir a equidade de acesso ao ensino público, assegurando que todos os alunos, independentemente de suas especificidades, possam usufruir dos recursos pedagógicos digitais ofertados pelo Estado, em consonância com os princípios legais e éticos da educação inclusiva. Os procedimentos adotados incluíram análise documental da plataforma e suas diretrizes, observação do uso em contexto real de sala de aula (quando possível) e revisão de literatura sobre desenho universal para a aprendizagem (DUA) e tecnologias assistivas aplicadas ao ensino de línguas. Os resultados mais expressivos consistem: 1) no diagnóstico detalhado das barreiras de acesso presentes na plataforma para diferentes NEE; 2) na elaboração de um conjunto prático de sugestões para adaptação de atividades existentes e criação de novas, incorporando recursos como descrição de imagens, legendas e transcrições precisas, contrastes aumentados, opções de navegação por teclado, e estruturas flexíveis que permitam múltiplas formas de representação, expressão e engajamento; e 3) na proposição de um modelo de formação docente focado na implementação destas adaptações e na concepção de avaliações inclusivas. Conclui-se que a inclusão efetiva na plataforma *Inglês Paraná* é tecnicamente viável e pedagogicamente necessária. As adaptações propostas, aliadas a uma formação docente robusta, têm o potencial de transformar a plataforma em um recurso verdadeiramente universal, promovendo a visibilidade, a participação e a aprendizagem significativa de todos os alunos, materializando assim os ideais de uma educação pública inclusiva e de qualidade no Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva; Tecnologia Educacional; Necessidades Educacionais Específicas (NEE).



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

A INVISIBILIDADE DO ALUNO SURDO: O IMPACTO DA LÍNGUA E DO EMPODERAMENTO LEXICAL NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DESSE APRENDIZ

Bárbara Neves Salviano de Paula ¹

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, barbarasalviano@msn.com

O percurso educacional da pessoa surda está repleto de dificuldades que inviabilizam uma relação de ensino e aprendizagem efetiva e autônoma. Uma dificuldade significativa, senão a principal delas, está para o âmbito linguístico: a língua da comunidade escolar não é partilhada pelo aluno surdo que é, via de regra, dependente do profissional intérprete de Libras para mediar toda e qualquer comunicação na escola. Esse cenário invisibiliza a pessoa surda, pois, sua identidade passa pela manifestação linguística, que é, então, efetivada pela sua língua própria, a Libras – língua já reconhecida como meio de comunicação da pessoa surda pela lei nº 10.436, de 2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626, de 2005. A situação que torna o aprendiz surdo invisível para a escola, para os professores e gestores pedagógicos, para os produtores de material didáticos, para as políticas públicas e diretrizes educacionais, etc., torna também, consequentemente, a pessoa surda invisível para a sociedade: para o mercado de trabalho, para a representatividade social, etc. Faz-se essencial, portanto, aportar ao cenário da Educação evidências significativas que demonstram o poder da Libras e da emancipação léxicolinguística para o sujeito surdo - não apenas enquanto ele frequenta os bancos escolares, mas também quando participa de toda e qualquer atividade sociocultural no decorrer da vida. Neste trabalho, mostraremos quais as reais perdas que a comunidade surda tem sofrido pela forma como sua formação tem sido realizada e, em especial, como isso contribui para sua invisibilidade. Ainda, mostraremos como o conhecimento das Ciências do Léxico pode proporcionar uma relação de ensino-aprendizagem eficaz para o público surdo, bem como é capaz de oferecer-lhe o poder social que historicamente lhes foi tirado e ainda não restituído como devido e esperado.

PALAVRAS-CHAVE: Surdos; Libras; Léxico.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

AÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM CASTANHAL/PA: ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO MUNICIPAL

Christian Douglas Oliveira Araújo¹
Marcos César da Rocha Seruffo²

¹ Universidade Federal do Pará, douglas.araujo7@hotmail.com

² Universidade Federal do Pará, marcos.seruffo@gmail.com

A presente investigação analisa a condução da política pública de Educação Especial e Inclusiva no município de Castanhal, no estado do Pará, evidenciando as principais estratégias desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação para assegurar o direito à aprendizagem dos estudantes com deficiência na rede regular de ensino. O estudo, de abordagem qualitativa e natureza interpretativa, realizou levantamento documental com base no relatório oficial “Panorama da Educação Especial do Município de Castanhal” (2024), aliado ao referencial teórico de autores como Mantoan (2003), Sassaki (1997) e Arantes (2006), fundamentais para o entendimento das práticas inclusivas na educação pública brasileira. A análise dos dados permitiu identificar seis eixos estruturantes que têm guiado as ações do município: (1) investimentos em estrutura física e recursos pedagógicos acessíveis; (2) ampliação e manutenção das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM); (3) formação continuada e específica dos profissionais da educação; (4) parcerias institucionais com universidades e organizações da sociedade civil; (5) ações voltadas ao acolhimento das famílias dos estudantes com deficiência; e (6) fortalecimento de marcos legais municipais que amparam a inclusão. Os dados do Censo Escolar 2023 demonstram um aumento significativo de matrículas da Educação Especial, especialmente de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), exigindo da gestão um planejamento articulado para atender com qualidade essa crescente demanda. Como resultado, observa-se que, mesmo diante dos desafios estruturais e humanos ainda existentes, as iniciativas empreendidas pela Coordenadoria de Educação Especial têm fortalecido a efetivação da inclusão escolar no município. Conclui-se que Castanhal avança na consolidação de uma educação pública inclusiva e de qualidade, ao respeitar as singularidades dos alunos, promover formação docente especializada e criar condições reais de permanência e aprendizagem significativa, reafirmando seu compromisso com a equidade e a cidadania educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Escolar; Gestão Educacional; Direito à Educação.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

EDUCAÇÃO INDÍGENA: O *MODUS VIVENDI* DO POVO *WAIMIRI ATROARI* DO AMAZONAS, BRASIL MUNICIPAL

Raimundo Alves de Souza¹

¹AIHM – Academy of Integrative Health & Medicine, 6919 La Jolla Blvd, La Jolla, CA 92037, USA.
E-mail: alvessouza51@yahoo.com.br

O estudo tem como objetivo, analisar o panorama da educação indígena de maneira a identificar o conhecimento sobre os aspectos culturais dos *Waimiri Atroari*, buscando promover sua ressignificação no *modus operandi* do *Kaminja*. A pesquisa focaliza o tema Educação de um povo indígena, pela sua alta relevância em discutir essa temática de dentro para fora do mundo dito “civilizado” e, por haver conhecido este povo, nas andanças como membro de pesquisas para elaboração de Cartilhas dos Municípios do Amazonas pelo Núcleo de Recursos Tecnológicos da SEDUC-AM, nos idos de 1990-93. Desse modo, tal assertiva visa promover o conhecimento sobre os aspectos educacionais e culturais desse aguerrido povo indígena – os *Waimiri Atroari*. Por conseguinte, o lócus da pesquisa contempla a vida educacional e cultural do povo indígena *Waimiri Atroari* (*Kinja* = gente; e *Kaminja* = não índio) – assim que consta nos registros portugueses e como são conhecidos hoje os índios abordados neste estudo – vem passando por amplas mudanças ao longo dos anos e com maior intensidade a partir do início de 1977, após a abertura da rodovia (BR 174) Manaus/Roraima, e que vem desfigurando, principalmente, sua cultura e sua identidade étnica original. Os procedimentos teóricos e metodológicos foram em grande parte fundamentados em depoimentos orais e entrevistas não gravadas, mas anotadas, no que resultou num estudo do tipo observacional e descritivo qualitativo. Para tanto, foram realizadas 3 viagens à terra indígena *Waimiri Atroari* antes do advento da COVID-19, visto que as visitas foram nos meses de fevereiro, julho e outubro, respectivamente. Das 19 aldeias, nove foram visitadas. O tronco linguístico karib do povo *Waimiri Atroari* (língua de gente, como cita a filósofa e antropóloga BARRACCO (1966, p. 32), é oralmente falado por toda a comunidade. A língua serve como referencial de contato via comunicação entre todos, inclusive, na prática da alfabetização das crianças. O português é incluído como uma língua de contato, sendo que sua fala é utilizada apenas pela professora, seguindo o método multifonológico de ambas as línguas. A cartilha utilizada na alfabetização foi preparada pelo NRT/SEDUC-AM, como protagonista o Padre Salesiano e Antropólogo BEKSTA (1990, 98 p.), serviu de base para as relações interétnicas. A abrangência do bilinguismo é muito pequena, cerca de 20% da população, na maioria desses falantes bilingues serem jovens e adultos homens, estes são os mentores da intermediação de contatos entre a sociedade *Waimiri Atroari* e outras, não indígenas. Espera-se desse modo contribuir para a reflexão sobre a problemática desse povo no campo da preservação educativa e cultural, caso seja em contrário a direção identitária pode afetar a memória desse povo. As cosmologias e cosmogonias arraigados na cultura, revelam diferentes maneiras de se compreender e dar forma as coisas existentes no mundo em que vivem e nós “apreciamos”. Dessa maneira, constata-se que a valorização tanto do conhecimento tradicional quanto de suas manifestações simbólicas, são vertentes imprescindíveis a preservação da memória, linguagem, cultura e historicidade do povo *Waimiri Atroari* – não somente a eles –, mas concernente a todos povos indígenas da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos culturais; Identidade étnica; Memórias.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: AVANÇOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PDDE

Almir João da Rocha¹
Elizabeth Emília da Conceição Souza²

¹Universidade Federal de Pernambuco(UFPE), almir.joao@outlook.com
²Secretaria Municipal de Educação(SEDUTC), em.prof@hotmail.com [yahoo.com.br](mailto:em.prof@yahoo.com.br)

A Educação Escolar Quilombola representa um avanço significativo na luta pela equidade racial e pelo reconhecimento dos saberes tradicionais das comunidades quilombolas no Brasil. No entanto, apesar dos progressos na legislação educacional, sua implementação ainda enfrenta desafios estruturais e administrativos, os quais impactam diretamente o financiamento, a infraestrutura e o funcionamento de diversas áreas do contexto educacional. Diante dessa realidade, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) se destaca como um dos principais mecanismos para assegurar que os recursos destinados pelo governo federal cheguem diretamente às escolas. Isso ocorre porque, além de promover autonomia financeira, o programa possibilita melhorias na infraestrutura e na qualidade pedagógica, contribuindo para um ensino mais adequado às necessidades das comunidades quilombolas. Desse modo, para fortalecer essa iniciativa, o PDDE está alinhado ao Plano Nacional de Educação (PNE) e à Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), que estabelecem diretrizes voltadas à inclusão educacional e à valorização da identidade quilombola. Nesse contexto, as Resoluções nº 05/2021 e nº 03/2024 foram implementadas com o objetivo de aprimorar o financiamento escolar, promovendo mudanças na forma como os recursos são distribuídos. A Resolução nº 05/2021, por exemplo, determinou um repasse único voltado para infraestrutura escolar, permitindo reformas, aquisição de mobiliário e aprimoramento dos espaços de ensino. Contudo, essa medida encontrou dificuldades devido à burocracia e aos critérios de elegibilidade, o que resultou na exclusão de diversas escolas quilombolas do benefício. Por outro lado, a Resolução nº 03/2024 estabeleceu um financiamento contínuo, com um valor fixo anual de R\$ 5.550 para escolas indígenas, quilombolas e rurais. Essa iniciativa busca garantir maior previsibilidade financeira e facilitar o planejamento escolar de médio e longo prazo. Entretanto, mesmo representando um avanço, o montante estipulado ainda não supre completamente as necessidades dessas instituições. Ainda assim, apesar dos esforços normativos, obstáculos como a exigência da Unidade Executora Própria (UEX) continuam dificultando o acesso das escolas quilombolas aos recursos, restringindo sua participação no programa. Para enfrentar essas limitações, este estudo, de abordagem documental, analisa os impactos dessas resoluções no financiamento da Educação Escolar Quilombola, evidenciando tanto os avanços quanto os desafios que precisam ser superados para garantir uma distribuição mais equitativa dos investimentos. Dessa maneira, como principais ajustes necessários, propõe-se a flexibilização dos critérios de adesão ao PDDE, permitindo que escolas com turmas multisseriadas tenham acesso ao financiamento; a ampliação dos valores de repasse para adequá-los às reais necessidades das instituições quilombolas; a criação de mecanismos alternativos que viabilizem o financiamento de escolas sem UEX; e, finalmente, o fortalecimento do suporte técnico e administrativo, auxiliando as escolas quilombolas na gestão dos recursos. Por fim, a consolidação da Educação Escolar Quilombola como um modelo educacional que respeita e fortalece os saberes tradicionais depende da superação dessas barreiras e do compromisso do Estado com políticas inclusivas e eficazes. Somente por meio de ajustes estruturais e de uma gestão acessível será possível garantir que os recursos do PDDE sejam aplicados de maneira eficiente, contribuindo para o fortalecimento das escolas quilombolas e para uma educação que valorize a identidade cultural dessas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas educacionais; Povos tradicionais; Equidade.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

MOSAICO FENOMENOLÓGICO DA INTERSECCIONALIDADE PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Jânio Alexandre de Araújo¹
Renata Vieira de Souza Silva²

¹ UFRNe SEEC-RN, janioaraujori@gmail.com
² UFRNe SEEC-RN, documentosaraujo@gmail.com

A interseccionalidade para o público da educação especial é apontada como uma nova maneira de pensar políticas públicas e reformulação de preceitos acadêmicos, pois já se percebe que a tessitura entre fatores sociais, econômicos, étnicos e de gênero, são premissas valiosas para entender e fazer pedagógico com estudantes público alvo dessa modalidade. Além disso, a interseccionalidade traz uma agenda analítica e emancipatória para as dinâmicas do movimento inclusivo, levando também em consideração as particularidades dos fenômenos sociais. Com isso, a teoria fenomenológica adentra na interseccionalidade como direcionamento acadêmico, respeitando as ações, resistência e consistência inclusiva, focado na reflexão que o sujeito é um ser inacabado. Assim, esses dois pensamentos se comunicam, essencial em enxergar a sociedade os indivíduos são multifacetados, não estáticos e redimensionados para mudanças. O objetivo desse estudo é tomar nota sobre as dimensões acadêmicas da fenomenologia enfatizando o pensamento da interseccionalidade da educação especial. Como caminho metodológico foram realizadas análises exploratória e revisões bibliográficas dos principais autores da área da fenomenologia e interseccionalidade, além disso realizou-se estudos dos documentos que regem a política de educação especial. A pesquisa levantou a seguinte discussão, que experimentar a diversidade é benefício e tarefa para todos! As oportunidades de aprendizado e crescimento são imensuráveis, pois na convivência se percebe o outro porque existem muitos estereótipos e imaginários sociais acerca das pessoas com deficiências e estes apontam as fragilidades e ignoram as potencialidades, mas quando se convive e conhece um horizonte de possibilidades. Ademais, existe uma escassez de estudos que abordam esses temas riquíssimos para trabalhar a individualidade e inclusão em espaços escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência; Estudante; Necessidades.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

O ATLAS LINGUÍSTICO DE ÁREAS INDÍGENAS DO AGRESTE E SERTÃO DE PERNAMBUCO (ALAIASPE) E SUA APLICAÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Edmilson José de Sá¹

¹ UFRN CEJA/UPE, edjm70@gmail.com

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as contribuições do *Atlas Linguístico de Áreas Indígenas do Agreste e Sertão de Pernambuco* (ALAIASPE) (Sá, 2025) para o ensino de língua portuguesa nas escolas localizadas em territórios indígenas. A proposta parte da análise de cartas léxicas organizadas a partir de dados coletados nas comunidades dos povos *Kapinawá*, *Kambiwá*, *Fulni-ô*, *Xukuru* e *Tuxá*, em que quatro informantes pertencentes a cada povo foram inquiridos sobre questões acerca de campos semânticos selecionados do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al. 2014a; Cardoso et al. 2014b), com adaptações quando necessário. Sob os auspícios de Cardoso e Ferreira (1994), Cardoso (2010), Sá (2013) e Thun (2000), o ALAIASPE adota uma abordagem geolinguística pluridimensional, documentando não apenas a variação diatópica, mas também dimensões diastráticas e diagenéricas. Além disso, ele revela uma diversidade lexical com a presença de elementos de origem tupi em vocábulos representativos da cultura e do cotidiano indígena, como *pajé*, *oca*, *cocar*, *jirau* e *maracá*. Para fins pedagógicos, serão apresentadas propostas de atividades que explorem as cartas do atlas com vistas à valorização dos saberes locais e ao estímulo à reflexão sobre o português falado nas aldeias. Ao incorporar esses elementos ao ensino, promove-se o reconhecimento da identidade cultural e linguística das comunidades, visando a uma educação que valorize o patrimônio imaterial e rompa com estigmas impostos à variedade do português falado por povos originários. Dessa forma, o estudo defende o uso pedagógico de atlas linguísticos em contextos escolares indígenas como instrumento de valorização da diversidade linguística brasileira e de combate ao preconceito linguístico, ampliando o repertório dos alunos e fortalecendo sua identidade étnica.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Atlas Linguístico. Povos Indígenas. Ensino de Língua Portuguesa. Pernambuco.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

SABERES DA TERRA: A EDUCAÇÃO INDÍGENA COMO RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA PARAENSE

Iza Maria Ferreira da Silva¹
Nalton Rodrigues Caminha²
Nelson Ferreira Marques Junior³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, iza.silva@discente.ufra.edu.br

² Universidade Federal Rural da Amazônia, naltonrcaminha@gmail.com

³ Universidade Federal Rural da Amazônia, nelson.marques@ufra.edu.br

Este trabalho apresenta os resultados da produção da cartilha intitulada Saberes da terra: povos indígenas em um contexto de resistência na Amazônia, desenvolvida por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Campus Belém, sob orientação docente, no âmbito do IV Seminário Integrador do curso. A proposta surgiu da necessidade de ampliar a visibilidade dos povos originários da região amazônica, especialmente no estado do Pará, ressaltando a diversidade étnica, linguística, histórica e cultural que caracteriza essas populações. O material parte de uma perspectiva interdisciplinar e territorializada, articulando pesquisa documental, análise de dados do Censo Demográfico de 2022, entrevistas com lideranças indígenas e revisão bibliográfica sobre educação indígena, legislação específica e produção de saberes tradicionais. A cartilha, pensada como instrumento didático e de extensão, apresenta de forma acessível conteúdos sobre a diferença entre educação indígena e educação escolar indígena, a aplicação da Lei nº 11.645/2008, os impactos do eurocentrismo nos currículos escolares, o protagonismo indígena na luta por direitos e as múltiplas formas de resistência desses povos, desde práticas ambientais, espirituais, e medicinais e educativas até manifestações literárias e políticas. O trabalho destaca a importância da escuta sensível, da valorização das epistemologias originárias e da promoção de uma educação comprometida com a justiça social e , com a diversidade étnica e cultural em diálogo com a floresta e aos seres humanos e não humanos que nela habitam e cooperam entre si e com os territórios. Como resultado, evidencia-se o potencial formativo e político do material, que contribui para uma prática pedagógica crítica e antirracista, crítica e engajada, capaz de enfrentar as invisibilidades históricas ainda presentes no contexto educacional brasileiro. Conclui-se que ações como esta cartilha são fundamentais para fomentar fomentam o diálogo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos tradicionais conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais indígenas, reforçando o papel da universidade pública na construção de uma sociedade plural e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Educação Indígena; Povos Originários.



GT Educação Especial, Inclusiva, Indígena e Quilombola e Invisibilidades

VIVÊNCIA EM SALA DE AULA DE UMA PROFESSORA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Gabrielli de Almeida Guerra¹
Reginaldo Tudeia dos Santos²
Carma Maria Martini³

¹ Universidade Federal de Rondônia - UNIR, gabrielliguerra15@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia - UNIR, rtudeia@unir.br

³ Universidade Federal de Rondônia - UNIR, carmamartini@unir.br

O presente resumo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por uma professora de Matemática diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atuante no município de Parecis, interior do estado de Rondônia. Lecionando no Ensino Médio, a docente enfrenta uma gama de desafios que vão desde o acolhimento e empatia por parte de alguns alunos até situações que desencadeiam crises emocionais, impostas por um ambiente escolar nem sempre sensível às especificidades de uma mulher com deficiência. A presença de pessoas com deficiência e/ou transtornos em espaços educacionais deve ser compreendida como parte fundamental da construção da equidade, sendo imprescindível analisar essas vivências também sob a perspectiva da inclusão social e emocional dos profissionais. Além da atuação em sala de aula, a professora é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Federal de Rondônia e integra do Prisma – Grupo de Pesquisa e Extensão em Educação Matemática e Diversidade, que discute temas relacionados à inclusão de uma forma ampla e práticas pedagógicas inovadoras. No contato inicial com a sala de aula, o enfrentamento ao excesso de estímulos, como ruídos constantes, dificultou a concentração e a condução das aulas. Ademais, surgiram obstáculos relacionados à compreensão de metáforas e figuras de linguagem frequentemente utilizadas pelos estudantes, exigindo adaptações no processo de comunicação. Notou-se, com o tempo, o surgimento de atitudes empáticas por parte de muitos alunos, que passaram a explicar expressões ou adequar a linguagem para promover a compreensão da docente. No entanto, também foram identificadas situações em que alguns discentes, cientes das dificuldades da professora com interações sociais, tentaram se aproveitar dessas limitações para gerar instabilidade ou resistência em sala de aula, evidenciando a urgência de ações institucionais mais efetivas em prol da inclusão. O presente relato, portanto, reforça a importância de se discutir o papel e o lugar de profissionais com deficiência no espaço educacional, destacando tanto os avanços quanto os desafios ainda existentes. Abordar esta temática em um simpósio acadêmico contribui significativamente para fomentar o debate sobre inclusão da mulher com TEA na educação, além de oferecer subsídios para a construção de políticas e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e garantam condições equitativas de atuação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Espectro Autista; Diversidade; Professor de matemática; Inclusão.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA PRÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Kamilla Coelho Oliveira¹

¹ Universidade Federal de Viçosa, kaamicoelho@gmail.com

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar uma intervenção pedagógica realizada com uma turma do quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada na periferia urbana de Juiz de Fora, Minas Gerais, a mediação foi voltada à valorização da identidade negra e ao enfrentamento do racismo desde a infância. A proposta surgiu da necessidade de responder a conflitos e manifestações preconceituosas observadas entre os estudantes, buscando construir um ambiente mais respeitoso e inclusivo. A partir da obra *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks, como ponto de partida, foram desenvolvidas atividades interdisciplinares que incluíram rodas de conversa, oficinas de tranças, leitura de textos, análise de imagens, confecção de adereços, preparo de comidas típicas e um desfile temático inspirado em “Africanidades”. Tais ações promoveram o contato das crianças com elementos culturais africanos e afro-brasileiros, despertando o reconhecimento de sua herança histórica e contribuindo para a formação de identidades positivas. O trabalho foi conduzido ao longo do ano letivo de forma articulada com diferentes componentes curriculares, favorecendo a integração entre teoria e prática. Entre os principais resultados, destacam-se a diminuição de episódios de preconceito entre os estudantes, o fortalecimento da autoestima, o respeito à diversidade e o aumento do engajamento nas atividades escolares. A culminância do projeto, com o desfile cultural, possibilitou às crianças expressarem com orgulho sua identidade, ampliando a consciência coletiva sobre as questões étnico-raciais. Conclui-se que experiências pedagógicas pautadas na vivência, no afeto e na valorização da diversidade cultural são eficazes no enfrentamento ao racismo e na promoção de um ambiente escolar mais justo e acolhedor.

PALAVRAS-CHAVE: identidade negra, cultura afro-brasileira, educação antirracista, infância, diversidade.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE A PARTIR DO CONTO “A CABELEIREIRA” DE INÊS PEDROSA

Luíza Rodrigues Garbin ¹

¹ Universidade Federal de Santa Maria, luiza.gabin@acad.ufsm.br

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a dinamização do projeto de estágio obrigatório intitulado *Das páginas à realidade: reflexões sobre a mulher na sociedade a partir da adaptação do conto A cabeleireira*, desenvolvido em uma turma de 9º ano de uma escola pública municipal na cidade de Santa Maria (RS). O objetivo principal da prática foi explorar o gênero conto sob a perspectiva do Letramento Literário (Cosson, 2016), utilizando a narrativa *A cabeleireira*, de Inês Pedrosa, como eixo central para reflexões acerca da representação feminina e das violências de gênero. O projeto foi estruturado em nove aulas, divididas em contextualização literária, leitura, discussão e produção artística. Durante a última etapa, os estudantes criaram cartazes inspirados no conto, utilizando técnicas como colagem e desenho, e apresentaram seus trabalhos, exercitando a oralidade. A proposta buscou articular literatura e questões sociais, incentivando uma leitura crítica e promovendo o desenvolvimento de habilidades interpretativas e expressivas, como propõe Cosson (2016). Os resultados indicaram um envolvimento significativo dos alunos, que participaram ativamente dos debates e demonstraram sensibilidade diante das temáticas abordadas. A produção artística tornou-se um meio de expressão simbólica, permitindo que os estudantes traduzissem suas percepções sobre o conto em diferentes linguagens visuais (Barbosa, 2009). Dessa forma, ao refletir acerca desta experiência, é possível reafirmar o potencial da literatura como ferramenta pedagógica para discutir representações sociais e estimular reflexões sobre a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Educação básica; Representação Feminina.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

LÍNGUA PORTUGUESA E SEXUALIDADES OUTRAS: UMA PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lucas Santos de Assis ¹
Flávia Colen Meniconi ²

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL - CAPES, lucas.assis@fale.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas - UFAL, flavia.meniconi@fale.ufal.br

As práticas sexuais que se distanciam da matriz cisheterossexual são frequentemente patologizadas, criminalizadas, demonizadas e marginalizadas. Nesse contexto, estabelece-se a colonialidade de gênero, um mecanismo de controle das expressões e práticas sexuais. Os estudos sobre a colonialidade de gênero buscam denunciar as interseções entre as estruturas coloniais de poder e as construções patriarcais e binárias de gênero, as quais impõem a normatividade cisheterossexual como padrão universal. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo investigar como as questões de gêneros e de sexualidades são percebidas pelos alunos de uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola do agreste alagoano. Em relação ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, na qual os estudantes foram instigados a refletirem sobre os estigmas sociais associados às sexualidades divergentes da matriz cisheterossexual. É importante ressaltar que os temas relacionados às discussões acerca das sexualidades nunca se fizeram presentes nos programas de ensino de língua portuguesa do contexto investigado, o que marca o grande potencial transformador e inovador da pesquisa-ação desenvolvida e apresentada neste artigo. O corpus da pesquisa se constituiu a partir de um questionário semiestruturado e diários reflexivos escritos pelos colaboradores da pesquisa. Os resultados indicam que a inclusão de temas relacionados às sexualidades nas aulas estimulou os alunos a refletirem sobre a estigmatização e marginalização social imposta a certas vidas humanas, além de explorar os fatores que perpetuam preconceitos contra corpos dissidentes da cisheteronormatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade; Gênero; Marginalização.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Murilo Santos Júnior ¹

¹ Universidade Federal de Sergipe Bolsista CAPES, murilojuniorufs@gmail.com.br

Esta pesquisa investiga a problemática da exclusão da literatura afro-brasileira nos currículos escolares e seu impacto na formação educacional, especialmente no que tange à representatividade e valorização das identidades negras. O estudo busca compreender como a literatura negra pode atuar como ferramenta pedagógica para a construção coletiva do conhecimento, enfrentando o desafio da implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que visam promover o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Os objetivos principais são analisar a presença da literatura negra no contexto escolar e discutir os obstáculos para a efetivação de uma educação antirracista. A metodologia adotada combina pesquisa bibliográfica e as escrituras, conforme proposta de Conceição Evaristo, para examinar a literatura negra como expressão da experiência vivida. A análise se apoia nas teorias de Paulo Freire e bell hooks sobre a educação libertadora e a pedagogia da transgressão. Os resultados mostram que, apesar da legislação, a implementação da literatura afro-brasileira no ensino continua restrita, refletindo a persistência de um modelo educacional eurocêntrico e o racismo institucional. A escassa presença de autoras e autores negros no material didático compromete o direito à diversidade e ao reconhecimento das múltiplas vozes que compõem a sociedade brasileira. A discussão destaca como a exclusão dessa literatura afeta a autoestima e o pertencimento dos estudantes negros, além de limitar o desenvolvimento do pensamento crítico. Conclui-se que a literatura afro-brasileira é uma ferramenta fundamental para promover uma educação crítica e inclusiva, sendo essencial para a construção de uma sociedade mais democrática, plural e comprometida com a equidade racial e social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação antirracista; Leis; Literatura afro-brasileira.



MODELO ESCOLA REFERÊNCIA NO RS E APARELHO PRIVADO DE HEGEMONIA EMPRESARIAL: A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ellan Eduardo da Silva ¹

¹ Unesp - Ibilce, ellan.silva@unesp.br

A educação antirracista ganhou destaque após a promulgação da lei 10639, no ano de 2003, cuja luta popular e, sobretudo, da população negra, resultou na obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares e universitários de nosso país, além de outros avanços neste século, como as diretrizes nacionais em educação de direitos humanos, publicada em 2009, que busca amparar os conceitos de identidade e redistribuição. Todavia, a literatura científica vem apresentando, de modo crítico, como estas reparações estão sendo desenvolvidas. Nesta conjuntura, o governo do estado do Rio Grande do Sul lançou, sob a égide do programa “Escola Referência”, um documento que traz as orientações para esta temática, além da visão, princípios e premissas, cuja parceria, para além da produção do poder público, contou com entidades da sociedade civil como Itáu Social e Instituto Lungo. Neste ponto, nossa pesquisa versa sobre a seguinte problemática: que modelo de educação antirracista pressupõe este documento? Guiados pela referência teórica do conceito de aparelho privado de hegemonia empresarial de Antonio Gramsci, nosso percurso metodológico parte de uma abordagem qualitativa, cujos procedimentos são revisão bibliográfica e análise documental. Os resultados, por fim, foram analisados sob a ótica da análise de conteúdo em Bauer, cujo objetivo foi analisar, criticamente, categorias que resultam em palavras ou expressões que apontam a função da qual está organizada. Nossos achados demonstram que a proposta mencionada presume em uma formação acrítica e descontextualizada da questão social que, de acordo com nossa base teórica, é o cerne da problemática racial nas sociedades modernas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Antirracista; Escola Referência; Análise do Discurso.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

NA FRENTE E POR TRÁS DAS CÂMERAS: UMA LEITURA DAS FORMAS DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA EM MEDIDA PROVISÓRIA, DE LÁZARO RAMOS

Viktória da Costa Silva ¹

¹ CESTB/UEA, E-mail: vdcs.let20@uea.edu.br

O cinema (e o audiovisual) nacional vem passando por um processo de transformação quando o assunto é protagonismo negro, tanto na frente, quanto por trás das câmeras. Anos de silenciamento e racismo estão sendo fortemente combatido com resistência e a construção de novas representações, diante disso, o presente trabalho visa analisar formas de resistência e existência utilizadas por corpos negros face à sociedade racista no filme afrofuturístico *Medida Provisória* (2022), de Lázaro Ramos. A narrativa fílmica será lida tanto a partir de teorias do cinema e especialistas do ramo cinematográfico, de maneira a realizar um apanhado histórico, como Jeferson De e Viviane Ferreira, quanto pela perspectiva dos estudiosos das narrativas que envolvem povos africanos e afro-brasileiros, como Ale Santos, Laurentino Gomes, Abdias do Nascimento e Frantz Fanon. Pretende-se compreender a maneira como a obra fílmica constitui um meio de trazer à tona vivências negras, evidenciando que, em diversos momentos históricos, resistir era e é a única alternativa que essas pessoas possuem para conseguir existir em um mundo dominado pela raça branca. Dois movimentos são foco da leitura: a construção dos afrobunkers (quilombos pós-modernos) como espaços de proteção e memória, e o protagonismo negro na ficção e na direção, representado pela liderança de Lázaro Ramos. Através da perspectiva das interartes e da análise de cenas selecionadas, apontaremos como o filme reconfigura o imaginário social, posicionando o cinema como espaço de denúncia e reconstrução identitária, concluindo-se que *Medida Provisória* é uma das potentes ferramentas de resistência estética e política no cenário audiovisual brasileiro contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: afrobunker; afrofuturismo; interartes; protagonismo negro.



GT Educação, Questões de Gênero e Relações Étnico-Raciais

PRÁTICAS DE LEITURA E ENSINO DE LITERATURAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA BAHIA E DE MINAS GERAIS

Thaíse de Santana Santos Silva¹
Igor Santos Ramos²

¹ IFBAIANO, thaisedesantana@yahoo.com.br

² UFSB, eramosreis23@gmail.com .edu.br

A literatura é uma manifestação artística que tem os seus propósitos linguísticos, estéticos e políticos. Ela pode ser uma ferramenta importante para a desconstrução e reconstrução de imaginários sobre grupos subalternizados. Desse modo, o trabalho com a literatura na escola é fundamental não apenas para a formação de pessoas leitoras, mas também para a formação de pessoas cidadãs e fraternas. Tendo em conta esses pressupostos, esse trabalho pretende apresentar um relato de experiências sobre práticas de leitura e ensino de literatura negro-brasileira e literatura indígena realizados em salas de aula de uma escola pública de Minas Gerais e em escolas públicas da Bahia. Tais práticas foram realizadas por uma professora experiente (utilizando a sua sala de aula e outros espaços de uma escola estadual mineira) e por um poeta e professor em formação, a partir do seu “Projeto Ateliê Cultivo de Poesia”, que consiste na declamação de poesia autoral. O referido projeto é desenvolvido em escolas públicas de Porto Seguro e será ampliado para escolas de outras cidades do Território Costa do Descobrimento. Esse trabalho é importante, porque cria condições para o desenvolvimento do hábito de leitura e do pensamento crítico. Ademais, ele cumpre os pressupostos das Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08 que obrigam o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Ressaltamos que é importante desenvolver práticas de leitura literária que sejam mais atraentes para as/os estudantes e que contemplem a literatura produzida por pessoas negras e indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Literatura indígena; Literatura negro-brasileira; Relato de experiências.



REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM “A BELA E A FERA” E SUAS RELAÇÕES COM O FEMINISMO NA LITERATURA

Maria Elieni Cardoso de André¹
Eliene da Silva Alves²
Marco Antonio Chandía Araya³

¹ Universidade Federal do Pará, Bolsista PIBIC/UFPA, enecardoso22@gmail.com

² Universidade Federal do Pará, Bolsista CAPES/UFPA, elienyalves@hotmail.com

³ Universidade Federal do Pará, marcochandia@ufpa.br

A literatura está presente na história desde os primórdios influenciando para além do simples entretenimento, como comumente se acredita, contribuindo no desenvolvimento do pensamento imaginário das pessoas. Assim como, o pensamento crítico, instigando questionamentos que inferem em escolhas no que diz respeito aos valores sociais e humanizados, principalmente quando se aborda temas sobre as mulheres na sociedade atual. Partindo desta perspectiva, a ideia central deste trabalho discorre sobre a importância do feminismo na literatura, tendo como objetivo principal refletir sobre a figura da mulher retratada no conto “A Bela e a Fera” e suas relações com o feminismo na literatura. Logo, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com estrutura bibliográfica fundamentada para compreender e refletir sobre o feminismo na literatura. Trata-se de um diálogo crítico em relação à figura da mulher presente em contos literários e aspectos sociais atuais. Para tanto, no entendimento sobre literatura foram analisados os aportes de Bourdieu, (1983); Cândido (1999); a análise do conto “A Bela e a Fera” na versão de Beaumont (1756); e a respeito das mulheres na sociedade abordando as autoras como Adichie (2015); Beauvoir (1980); Lerner (2022); Tiburi (2018), entre outras, que refletem sobre a temática em uma perspectiva crítica referente à representação da mulher. Em síntese, o estudo revela que a literatura está presente nos livros de contos para crianças, aparentemente sem intenções, mas que carregam de forma subjacente diversos estigmas em relação às mulheres que permitem uma abordagem dialógica em temas como estereótipos de gênero, idealização da mulher, entre outros. Assim, a realização da análise do conto literário “A Bela e a Fera” na publicação de Beaumont (1756) possibilitou observar o quanto importante torna-se refletir como as escrituras, literárias ou não, sobre as construções sociais acerca da figura da mulher carregam estigmas que atravessam diversos séculos e ainda refletem na atualidade. Contudo, embora tais contos literários apresentem estes planos de fundo quanto a figura da mulher estes, por outro lado, estimulam as pessoas que leem a refletirem sobre os posicionamentos e instigam de maneira lúdica as(os) leitoras(es) a repensarem suas vidas em outras perspectivas, para além da submissão. Portanto, convidam a reflexões mais densas e significativas como o empoderamento feminino por meio do acesso à educação, assim como o diálogo para o enfrentamento da estrutura patriarcal despertando a importância da igualdade de direitos entre homens e mulheres para uma sociedade mais justa e democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura indígena; Conto literário; Figura da mulher; Feminismo.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

A INFÂNCIA MARCADA PELO RACISMO E SUA RESISTÊNCIA PELA AFETIVIDADE EM “A COR DA TERNURA”, DE GENI GUIMARÃES

Izani Oliveira Lopes¹
Jhemylli Carlen Cruz Gomes²
Marcelo Spitzner³

¹ UFRA, izzannilopes@gmail.com

² UFRA, gomesjhemylli@gmail.com

³ UFRA, marcelo.spitzner@ufra.edu.br

Este trabalho busca analisar através de pesquisa bibliográfica como a infância marcada pelo racismo e sua resistência por meio da afetividade, é representada na obra “A cor da ternura” (1989), de Geni Guimarães. Na obra, a infância da personagem Geni, é retrata de maneira clara ao apresentar sua interação tanto familiar quanto social. Ao ingressar na escola a personagem apresenta conflitos internos ao se deparar com um ambiente totalmente diferente do que estava acostumada. Ao estar inserida no contexto escolar, a personagem passa a sofrer ataques racistas de sua professora e colegas. A obra, com sua linguagem acessível e envolvente, aproxima-se do leitor ao evocar uma gama de sentimentos diante das situações impostas pelo racismo à pequena e inocente Geni. Simultaneamente, evidencia-se como a afetividade se contrapõe e atua como resistência ao racismo. Conforme Nogueira e Alves (2019), o racismo é um problema que só pode ser enfrentado pela afetividade, descrito em muitos momentos da obra, um deles marcante seria no desfecho, onde a personagem, já adulta, atuando como professora, se depara com uma criança, que expressa ter medo de professora preta, encontra no afeto um caminho para desconstruir o racismo velado pelo medo. A pesquisa bibliográfica utilizou autores que tratam da infância racializada, importa-se em gerar discussões e conscientização da abordagem do racismo nas escolas, com obras que trabalhem essa problemática de forma atual, direta e com uma linguagem clara, que traga as crianças o conhecimento e resistência sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Medo; Personagem.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DAS PALAVRAS EM O AVESSE DA PELE GUIMARÃES

Adriele Oliveira de Sousa Lima¹
Rodrigo Santos do Nascimento²
Marcelo Spitzner³

¹ UFRA, oliveiraadriele944@gmail.com

² UFRA, Rodrigo_rsn@icloud.com

³ UFRA, marcelo.spitzner@ufra.edu.br

O presente trabalho busca evidenciar por intermédio de revisão bibliográfica, o modo em que a *Resistência Através das Palavras*, no livro *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório (2020), se faz presente. A obra apresenta não apenas uma crítica, mas também denuncia o racismo que permeia a sociedade brasileira desde muito tempo, tal como a violência policial, discriminação no mercado de trabalho e a falta de representatividade negra. Através da narrativa fragmentada de Pedro, um jovem negro que busca compreender a trajetória de seu pai, Henrique, um homem negro, professor de literatura, que foi brutalmente assassinado por policiais, e que desde muito cedo foi marginalizado pela sociedade, também como a sua inerente relação com a memória e a ancestralidade. A obra de Jeferson Tenório através de uma linguagem crua, realista e cheia de emoções apresenta de forma sucinta, uma sociedade contraditória submersa pelo preconceito e a desigualdade. A narrativa nos oferece uma janela para compreendermos como o passado, tanto pessoal quanto coletivo, reverbera no presente, e contribui para a construção de um futuro mais justo e igualitário para a cultura afro-brasileira. Desta forma, podemos levar em consideração a análise do conceito, *Escrevivência* (2017), da escritora e teórica brasileira Conceição Evaristo, que apesar de ser um conceito utilizado para expressar, através da escrita, as experiências de mulheres negras, ele também se aplica à obra *O Averso da Pele*, pois a narrativa de Pedro e a trajetória de seu pai demonstram experiências de resistência ao racismo e a busca por igualdade. A obra também apresenta como as palavras são utilizadas para trazer uma reafirmação da identidade negra. bell hooks, em sua obra *Ensinar a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade* (2013), aborda a importância de se ter uma educação crítica e de entender que a conscientização é uma ferramenta de resistência e transformação. No livro podemos perceber isso quando Henrique se torna ciente sobre o racismo ao ser discriminado em uma entrevista de emprego e, posteriormente, ao ter aulas com o professor Oliveira, consegue se aprofundar ainda mais sobre as temáticas e compreender o que é o racismo, iniciando assim, uma consciência da sua raça e uma busca por identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Escrevivência; Discriminação; Ancestralidade.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

DO SUSSURRO AO GRITO: A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO ATO DE RESISTÊNCIA

Jéssica Francisca Mota dos Santos ¹

¹ UFS, Bolsista CAPES, jessicam.posgraduacao@gmail.com

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a falta de reconhecimento e invisibilidade da produção negra a partir da escrita literária da autora Carolina Maria de Jesus na obra “*O escravo*” (2023). Este estudo propõe analisar como a produção literária e intelectual negra contribui para a desconstrução das narrativas coloniais, amplificando vozes historicamente silenciadas. Nesse contexto, a obra “*O escravo*” (2023) é um marco literário que coloca em evidência as tensões raciais e sociais no Brasil, ao mesmo tempo em que revela as estruturas de apagamento enfrentadas por pessoas negras na produção de conhecimento. A autora Carolina Maria de Jesus desafia e reconfigura o cânone literário hegemônico ao introduzir temas como: resistência, identidade, desigualdades sociais e escrevivências, promovendo uma literatura que reflete as vivências e as experiências da população minoritarizada. A abordagem metodológica adotada caracteriza-se por ser de análise qualitativa, documental e de caráter bibliográfico. Portanto, esta investigação científica embasará em textos literários, teóricos, estudos de crítica literária e estudos culturais. A pesquisa se fundamenta nas contribuições de intelectuais, como Carla Akotirene (2019) com *Interseccionalidade*, Cida Bento (2022) *Pacto da branquitude*, Cuti (2010) *Literatura negro-brasileira*, Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) *Interseccionalidade*, Sueli Carneiro (2023). *Dispositivo da racialidade* entre outros. O estudo concentra-se na escrita negra enquanto prática discursiva insurgente, historicamente silenciada pelo cânone literário, que, ao desafiar as invisibilidades impostas à produção negra, expõe as estruturas de apagamento que atingem principalmente a autoria feminina negra, atravessada pelas intersecções de raça, gênero e classe. A discussão aborda a exclusão sistemática dessas vozes em espaços acadêmicos, escolares e na produção literária, refletindo sobre como a literatura de Carolina Maria de Jesus é um ato de resistência que denuncia a opressão racial e oportuniza que vozes silenciadas ao longo da historiografia oficial sejam reconhecidas como legítimas produtoras do saber. Os impactos esperados nesta pesquisa incluem a ampliação do cânone literário e o debate sobre interseccionalidade na literatura negro-brasileira, destacando como autores afro-brasileiros constroem as múltiplas representações a partir das suas vivências e experiências. Ao destacar essas representações, a pesquisa contribui para a visibilização de narrativas que ao longo da história foram marginalizadas, e ao rasurar o cânone oferecem novas perspectivas sobre raça, gênero e classe. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre a importância de resgatar e valorizar a escrita negra como ato político e estético em desobediência às narrativas hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Escrevivência; Literatura negro-brasileira; Interseccionalidade; Invisibilidade; Vozes insurgentes.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

ENTRE A VISIBILIDADE E A INVISIBILIDADE: A REALIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO À LUZ DE 'SOLITÁRIA' DE ELIANA ALVES

Jaqueline Portilho do Espirito Santo¹
Marcelo Spitzner²

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, jportilho61@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia, marcelo.spitzner@ufra.edu.br

O trabalho doméstico realizado por mulheres negras no Brasil contemporâneo é um reflexo das desigualdades estruturais enraizadas na história do país. Apesar de serem a maioria nesse setor, essas trabalhadoras enfrentam precarização, baixos salários e invisibilidade social. A obra “Solitária” de Eliana Alves Cruz, oferece uma narrativa que evidencia essa realidade, explorando temas como racismo, marginalização e resistência. Este estudo busca compreender como a literatura pode contribuir para a visibilização do trabalho doméstico, analisando as representações das personagens e seus desafios no contexto sociopolítico brasileiro. A partir da obra, é possível identificar como a escrita negra funciona como um mecanismo de denúncia e valorização das vivências dessas mulheres, destacando suas lutas por reconhecimento e melhores condições de trabalho. O debate proposto reforça a importância da literatura na construção de narrativas que contestam a invisibilidade histórica dessas trabalhadoras, abrindo espaço para reflexões sobre equidade e justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita negra ; Trabalho doméstico ; Invisibilidade social.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

ENTRE O LIVRO E A COR: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA INFANTIL NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Kamila Barros de Almeida ¹

¹ UFAL (Universidade Federal de Alagoas), kamila.almeida@fale.ufal.br

Este trabalho analisa a inserção — ou a carência — da literatura negra infantil no 4º ano do Ensino Fundamental I, com vistas a compreender em que medida a escola básica tem operado como espaço de enfrentamento ao racismo estrutural por meio da mediação literária. Parte-se do pressuposto de que a literatura infantil, ao articular linguagem, estética e identidade, desempenha papel crucial na constituição subjetiva e nas representações sociais, sendo, portanto, um campo estratégico para o fortalecimento de uma educação antirracista. A invisibilização de obras de autoria negra nos acervos escolares e nas escolhas curriculares revela não apenas uma lacuna pedagógica, mas a reprodução de processos históricos de exclusão no campo simbólico e educacional. Ancorada na Linguística Aplicada Implicada, a pesquisa articula contribuições do letramento racial e dos estudos críticos do currículo, com ênfase na formação de professores e nas práticas de leitura como dispositivos de resistência e transformação social. De abordagem qualitativa e natureza interpretativista, o estudo foi realizado por meio de questionário estruturado aplicado a cinco professoras do Ensino Fundamental I de uma escola municipal de Alagoas, visando mapear concepções, experiências e desafios relacionados ao uso de obras literárias negras na rotina escolar. Os dados evidenciam a predominância de um repertório eurocentrado, aliado à ausência de políticas formativas que abordem criticamente a diversidade étnico-racial. As docentes apontam como entraves a limitação de acervos, a pouca circulação de obras de autoria negra e a escassez de formação continuada sensível às epistemologias negras. Conclui-se que é imperativo tensionar as escolhas curriculares e ampliar os referenciais literários presentes na escola, de modo a consolidar práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial e a construção de uma infância leitora crítica.

PALAVRAS-CHAVE: invisibilização; Linguística Aplicada Implicada; obras literárias; racismo.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

ESCRITA NEGRA: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DA INVISIBILIDADE DO TRABALHO MATERNO EM QUARTO DE DESPEJO (1960) DE CAROLINA MARIA DE JESUS FUNDAMENTAL I

Isabela Prestes Ferreira¹

Maria Gláfira da Costa Rodrigues²

Profa. Dra Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), isabelaprestes753@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), maria.rodrigues@discente.ufra.edu.br

³ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), wanubya.campelo@ufra.edu.br

O presente estudo caracteriza-se como uma análise literária da representação materna invisibilizada pela sociedade na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Nessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho é analisar como a referida obra retrata a experiência da maternidade em contexto de vulnerabilidade socioeconômica, bem como a realidade social da autora Carolina de Jesus, que vivenciou os contextos de fome e miséria, e teve sua escrita como um instrumento de mudança de vida e denúncia social tornando-se relevante para compreendermos o período histórico em que a obra está inserida. Assim, justifica-se a realização desse estudo pela necessidade de aprofundamento da compreensão do amor maternal em situação de precariedade, temática de profunda importância social e cultural para a valorização da escrita negra de sua autora. Além disso, busca-se compreender a relação entre a maternidade solo e a desigualdade social, com o objetivo de explorar as nuances que envolvem a sobrecarga vivida pela autora. Portanto, através da análise literária, é possível destacar como as mulheres estão em constante luta por respeito e dignidade social, haja vista que ao decorrer da narrativa, Carolina de Jesus relaciona o ato de matinar com a realidade sofrida que ela e seus filhos viviam. Outrossim, a produção explicita as tensões entre as diferenças de classe social, financeira e as atividades domésticas exercidas pela personagem, na década de 1950. Como embasamento teórico para este estudo utilizou-se Gancho (2006) para realizar a análise da obra, além de Badinter (1986) e Damasceno, Marciano e Menezes (2021), discorrendo sobre o significado do amor maternal na sociedade ao longo dos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Maternidade; Vulnerabilidade; Escrita negra.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

OS RASTROS DE UMA POÉTICA DO RUÍDO: REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DE BIAFRA EM CHINUA ACHEBE, CHINELO OKPARANTA E CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Prof. Esp. Luiz Henrique Costa de Santana ¹
Prof. Dra. Imara Bemfica Mineiro ²

¹ Universidade Federal de Pernambuco, santanaluizhc@gmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco, imara.mineiro@ufpe.br

Este projeto objetiva analisar comparativamente as obras *There was a country: a personal history of Biafra*, de Chinua Achebe (2012); *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2006); e *Sob as Árvores Udalas*, de Chinelo Okparanta (2023 [2015]). A pergunta que conduzirá a pesquisa é a seguinte: De que modo a percepção de ruído nos auxilia no entendimento da construção das narrativas que ecoam os males da Guerra de Biafra? Para analisar esse aspecto nos romances dos escritores nigerianos em questão, centraremos-nos na análise da construção da narrativa em torno do acontecimento histórico, em perspectiva a Guerra de Biafra, a partir dos signos de oposição, voz (palavra) e ruído. Basearemos-nos, majoritariamente, nas contribuições teóricas do filósofo Jacques Rancière (2016, 2021), de Édouard Glissant (2005, 2011, 2024) de Patrick Chamoiseau (1997), entre outros. Visando entender como a dicotomia proposta por Rancière (2016) entre voz e ruído, é possível voltar a audição para outra poética, uma poética que questiona as vozes consolidadas no cânone literário (voz), poetizando o cotidiano de uma nação fragmentada pelos interesses hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE Achebe; Adichie; Okparanta; Poética; Ruído.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

UMA REAVALIAÇÃO DO RACISMO E ESCRAVIDÃO NO CONTO MARIANA DE MACHADO DE ASSIS

Carmem Lúcia Lobo Gonçalves - UFRA ¹
Prof. Marcelo Spitzner - UFRA ²

¹ *carmen.lobogoncalves@gmail.com*

² *marcelo.spitzner@ufra.edu.br*

Este trabalho propõe uma análise interpretativa do conto “Mariana” (2019), do renomado escritor Machado de Assis. A partir das contribuições de Almeida (2019), Cuti (2010), Duarte (2007), Fanon (2008), Munanga (2010), Schwartcz (2005), Silva e Cardoso (2016), abordam-se temas como escravidão, racismo, solidão e morte. Utilizando dados bibliográficos, o estudo foca na representação do racismo e escravismo brasileiro, dividindo-se em cinco tópicos principais: Raça e Etnia; Racismo e Discriminação; O Negro na Literatura Brasileira; O Negro e a Mulher Negra em Machado de Assis; e Contextos do Naturalismo. O objetivo central é analisar as referências à escravidão e ao racismo presentes no conto machadiano, visando compreender a representação da realidade brasileira no século XIX e na atualidade. A pesquisa destaca a relevância dos temas abordados, que ainda são discutidos hoje, e investiga as relações de dependência emocional, submissão e subalternidade entre os personagens. Além disso, explora reflexões socioculturais sobre classe, hipocrisia social e a busca por liberdade e autonomia da mulher negra. O estudo também examina como Machado de Assis utiliza a narrativa para criticar as estruturas sociais e raciais de sua época, oferecendo uma visão crítica e profunda sobre a condição dos negros no Brasil. Ao longo da análise, são discutidas as influências do naturalismo na obra de Machado de Assis e como ele retrata a complexidade das relações humanas e sociais. A pesquisa busca, assim, não apenas entender a obra em seu contexto histórico, mas também refletir sobre sua relevância e impacto nos dias atuais, mostrando como as questões de raça e etnia continuam a ser centrais nas discussões sobre identidade e justiça social no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE Escravidão; Machado de Assis; Mulher Negra; Mariana; Racismo.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

RACISMO ESTRUTURAL E VIOLÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO CONTO “ANA DAVENGA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Leonardo de Sousa Macedo¹

Renato dos Santos da Costa²

Dra. Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); macedo.leonardo806@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); nrsc33213@gmail.com

³ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), wanubya.campelo@ufra.edu.br

As estruturas hegemônicas e coloniais que configuram o racismo estrutural revelam uma prática de naturalização da violência dirigida à corpos negros, advindo de um cenário histórico e social da formação da sociedade brasileira. As ações discriminatórias ocorrem de forma constante nas instituições, nas relações sociais e na exclusão da população negra, como retratado no livro *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo, abordando a escrevivência como instrumento de conscientização para evidenciar na literatura contemporânea a experiência feminina e negra em situações de marginalização e violência, a partir da narração própria de suas histórias, rompendo com a mediação da voz colonial. Dessa forma, o conto “Ana Davenga”, presente na obra *Olhos d'água*, narra a trajetória de uma mulher negra desde sua infância, marcada por traumas, até sua morte trágica, a qual revela um ciclo de opressão sustentado por negligência estatal, exclusão social e falta de direitos básicos. Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade da discussão de questões raciais em textos literários com o intuito de gerar reflexões e ações que desmistifiquem a construção discriminatória e violenta contra o povo negro, afim de contribuir para a ampliação da crítica sobre as formas como o racismo é reproduzido e combatido na cultura e na linguagem. Assim, objetiva-se analisar como a literatura brasileira, por meio da escrevivência desta autora, evidencia e denuncia o racismo estrutural e a violência vivenciados por mulheres negras, a partir do conto “Ana Davenga”, demonstrando como a literatura de autoria negra se constitui como ferramenta crítica e política para discussão de questões raciais. O aporte teórico baseia-se em Almeida (2019) e Fanon (2008) os quais discutem os efeitos da desumanização e colonização nos corpos negros, que geram um racismo enraizado, além de Fonseca (2011) e Lehnem (2016) que abordam a Literatura negra e Direitos Humanos. Ademais, a metodologia adotada é de natureza qualitativa, com caráter bibliográfico, apoiada na leitura analítica do conto. A análise aponta que, ao narrar a vida e a morte de Ana Davenga, Evaristo não apenas resgata as histórias de mulheres negras silenciadas pela história oficial, mas também denuncia o projeto de exclusão social e racial vigente. Logo, o conto assume um papel político ao desvelar as estruturas do racismo e da violência institucional, contribuindo para a construção de uma consciência crítica e antirracista no campo literário e social.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Escrevivência; Literatura negra; Marginalização.



GT Escrita Negra e Invisibilidades I

LITERATURA AFROBRASILEIRA: UMA LEITURA DO POEMA “CRIANÇAS NEGRAS” DE CRUZ E SOUSA

Camilly Victória dos Santos Pais¹

Joyce Baia e Baia²

Dra. Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), camillypais93@gmail.com.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); joycebaia086@gmail.com .com

³ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), wanubya.campelo@ufra.edu.br

As estruturas hegemônicas e coloniais que configuram o racismo estrutural revelam uma prática de naturalização da violência dirigida à corpos negros, advindo de um cenário histórico e social da formação da sociedade brasileira. As ações discriminatórias ocorrem de forma constante nas instituições, nas relações sociais e na exclusão da população negra, como retratado no livro *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo, abordando a escrevivência como instrumento de conscientização para evidenciar na literatura contemporânea a experiência feminina e negra em situações de marginalização e violência, a partir da narração própria de suas histórias, rompendo com a mediação da voz colonial. Dessa forma, o conto “Ana Davenga”, presente na obra *Olhos d'água*, narra a trajetória de uma mulher negra desde sua infância, marcada por traumas, até sua morte trágica, a qual revela um ciclo de opressão sustentado por negligência estatal, exclusão social e falta de direitos básicos. Nesse sentido, este estudo justifica-se pela necessidade da discussão de questões raciais em textos literários com o intuito de gerar reflexões e ações que desmistifiquem a construção discriminatória e violenta contra o povo negro, afim de contribuir para a ampliação da crítica sobre as formas como o racismo é reproduzido e combatido na cultura e na linguagem. Assim, objetiva-se analisar como a literatura brasileira, por meio da escrevivência desta autora, evidencia e denuncia o racismo estrutural e a violência vivenciados por mulheres negras, a partir do conto “Ana Davenga”, demonstrando como a literatura de autoria negra se constitui como ferramenta crítica e política para discussão de questões raciais. O aporte teórico baseia-se em Almeida (2019) e Fanon (2008) os quais discutem os efeitos da desumanização e colonização nos corpos negros, que geram um racismo enraizado, além de Fonseca (2011) e Lehnem (2016) que abordam a Literatura negra e Direitos Humanos. Ademais, a metodologia adotada é de natureza qualitativa, com caráter bibliográfico, apoiada na leitura analítica do conto. A análise aponta que, ao narrar a vida e a morte de Ana Davenga, Evaristo não apenas resgata as histórias de mulheres negras silenciadas pela história oficial, mas também denuncia o projeto de exclusão social e racial vigente. Logo, o conto assume um papel político ao desvelar as estruturas do racismo e da violência institucional, contribuindo para a construção de uma consciência crítica e antirracista no campo literário e social.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Escrevivência; Literatura negra; Marginalização.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

A MATRILINHAGEM DO TEMPO NO ROMANCE “O MAR NUNCA TRANSBORDA” (1995), DE ANA MARIA MACHADO

Johny Paiva Freitas¹
Josenildo Ferreira Teófilo da Silva²

¹ Universidade Federal do Ceará (PPGLetras), johnyfreitas@alu.ufc.br, uel.br

² Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc – Ce), josenildo1905@yahoo.com.br

Na obra "No avesso da genealogia: netas, avós" (2024), as pesquisadoras Danielle Magalhães e Flavia Trocoli analisam a figura da avó como operadora da história em alguns poemas da poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres. A partir daí, as autoras elaboram os seguintes questionamentos: como essas mulheres reescrevem a história a partir da escrita da história de suas avós? O que vive de nossas avós em nossas escritas? O que se escreve do esquecido, do que não foi ouvido de nossas avós? Ao tomar tais indagações como provocações de leitura, esta comunicação tem como objetivo investigar as relações e as tensões entre avó, mãe e filha no romance "O mar nunca transborda" (1995), de Ana Maria Machado. Assim, ao seguir essa matrilinearidade, na qual as mulheres assumem o protagonismo de transmissoras dos costumes, das memórias e dos ensinamentos, a personagem principal Liana busca (re)construir a história da própria família, tomando a avó como fonte ancestral de conhecimento e de afetos. Assim, é a partir dessa rede tecida pelas vozes das outras personagens femininas e pela a sua própria voz que Liana constroi sua identidade enquanto mulher, identidade esta atravessada e moldada pelas mãos das matriarcas do tempo de sua família. Desse modo, para realizar esse empreendimento de análise literária, algumas leituras teóricas foram realizadas, dentre elas: o ensaio "Texturas: o Tao da teia – sobre textos e têxteis" (2016), da ensaísta Ana Maria Machado, o livro "Para ler Ana Maria Machado: uma perspectiva feminista" (2020), organizado pela professora Adriana Maria de Abreu Barbosa e, por último, o artigo "Bordado e costura do texto" (2023), de Tamara Kamenszain. Por fim, esta pesquisa visa contribuir para os estudos da literatura anamachadiana, analisada aqui a partir da chave de leitura da crítica literária feminista, promovendo, assim, uma reflexão sobre a construção das relações de gênero representadas no texto literário de Ana Maria Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica feminista; gênero; literatura anamachadiana..



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

A PROJEÇÃO DO MITO DE EVA SOBRE A PERSONAGEM MARTA NA OBRA *A CONFISSÃO DE LÚCIO* (1914)

Kelliton dos Santos Ferreira ¹

¹ Universidade Estadual do Ceará, kelliton.ferreira@aluno.uece.br

A existência mítica de Eva é tomada como base da criação imaginativa do espectro da feminilidade no ocidente, servindo como referência direta à análise da projeção do mito da mulher na personagem Marta, da obra de Sá-Carneiro, *A Confissão de Lúcio* (1914). O trabalho estabelece uma comparação entre essas duas figuras femininas, entendendo ambas sob o papel que lhe foi atribuído pelo contexto sócio-histórico-cultural, para identificar e deflagrar como o padrão de gênero é mantido vivo pela reprodução. Tal processo se familiariza com a literatura comparada, enquanto se posiciona criticamente sob a filosofia existencialista feminista beauvoiriana. O estudo se constitui como pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória pelo teor inusitado de seu caminho crítico-analítico. Esta análise crítica é feita sob três pontos de conexão entre as imagens comparadas e o mito da mulher: 1) o nascimento/invenção; 2) o propósito e a função; 3) a morte e/ou disfunção. A sustentação teórica está posta, principalmente, sobre Eliade (1972), Beauvoir (2019), Brandão (2006), Moisés (2013), Berardinelli (2015) e Martins (2011). Marta e Ricardo, protagonistas em apreciação na pesquisa, e tomados na narrativa enquanto homem e mulher, seriam, de acordo com o percurso analítico deste trabalho, a representação dual e material da perfeição encarnada pela arte, como dois em um só. Assim como foram Eva e Adão a perfeição encarnada por uma existência divina primordial. Adão e Eva, Ricardo e Marta, o homem e a mulher, o Sujeito e o Outro, são tudo e nada, não são palpáveis, mas representam elementos de ordem e constituição social.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Sá-Carneiro; Mito da Mulher; Padrão de Gênero.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

DISCURSO, GÊNERO E CORPO: EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS

Jomson Teixeira da Silva Valoz¹
Sostenes Ericson Vicente Da Silva²

¹ Universidade de Pernambuco, Jomson.silva@upe.br

² Universidade Federal de Alagoas, sostenes.silva@arapiraca.ufal.br

Esta comunicação apresenta reflexões oriundas de uma pesquisa pós-doutoral em andamento na Universidade Federal de Alagoas pelo primeiro autor sob a supervisão do segundo e tem como objeto o discurso de pessoas transexuais sobre seus processos de construção identitária de gênero, a partir de uma abordagem que articula os pressupostos da Análise Materialista do Discurso, tal como formulada por Michel Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (2002, 2004), com a Teoria de Gênero, especialmente nos termos de Judith Butler (2018). O trabalho propõe compreender como esses sujeitos discursivizam seus corpos e identidades em relação (e, muitas vezes, em confronto) com as formações discursivas governadas por uma matriz ideológica cisheteronormativa. O ponto de partida é a noção de que o corpo transexual é uma materialidade significativa, ou seja, não pode ser reduzido a uma estrutura biológica, mas é produzido e interpretado por meio de discursos atravessados por ideologias religiosas, biomédicas, morais e políticas. Tal corpo, ao destoar das expectativas binárias que alinham sexo, gênero e desejo, produz efeitos de sentido de resistência, tensionando a inteligibilidade normativa da heterossexualidade compulsória. No entanto, a pesquisa também observa que, em alguns enunciados, os sujeitos transexuais podem se identificar ou reproduzir discursos hegemônicos na tentativa de legitimarem suas existências diante das normas sociais hegemônicas. A partir da análise de postagens em redes sociais digitais, especialmente o Instagram, de pessoas transexuais em processo de transição, investigam-se as formações discursivas que atravessam seus dizeres e os modos como esses sujeitos se (re)significam discursivamente. A metodologia fundamenta-se na AD, tomando como categorias principais as noções de formação discursiva, discurso enquanto efeitos de sentido entre interlocutores, formação ideológica, e posição-sujeito, bem como os conceitos de gênero como performance e matriz de inteligibilidade conforme a Teoria Queer. Conclui-se que o discurso das pessoas transexuais é um espaço de embate entre a sujeição às normas e a subversão delas. Seus corpos e falas, ao escaparem das determinações binárias de gênero e sexualidade, tornam-se dispositivos críticos que colocam em xeque o regime discursivo dominante. Assim, a análise contribui para compreender como o corpo transexual, ao significar discursivamente, produz resistência simbólica e amplia as possibilidades de existência vivível fora da norma.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Corpo transexual; Efeitos de sentido; Gênero; Resistência.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

DO DIABO À DIABA: A SEXUALIZAÇÃO FEMININA COMO EVENTO MAIS RELATÁVEL

Danielle Lima Ferreira¹
Waldemar Ferreira Netto Silva²

¹ Universidade USP, danielle_ferreira@usp.br

² Universidade USP, wafnetto@usp.br

O Diabo que compõe o imaginário popular se trata de uma figura com características determinadas pelo cristianismo na Baixa Idade Média, visando a educar a população a partir do medo de se desviar do “caminho certo”. Sua imagem é comumente associada a uma entidade com chifres, rabo e pés de cabra, envolta por uma aura de superioridade epoder. Nas narrativas populares, ele também pode se transformar para conseguir algo que sua verdadeira aparição não permitiria. Paralelamente, a mulher é associada ao pecado e a forças opostas a Deus desde o Princípio, pelo consumo do fruto proibido e por cair em tentação. Com o passar do tempo, a luxúria passou a ser “o pecado feminino por excelência”, já que sua existência se dava pela servidão, a disposição completa para o homem, então, a demonstração de sexualidade ia de encontro ao esperado para a postura que devia manter. Tendo esses aspectos em vista, este trabalho teve como objetivo analisar a construção da personagem Mulher Diaba no filme “A marvada carne” a partir da visão que se tinha da sexualidade e da influência feminina nos pecados comparando seu desenvolvimento na narrativa com a canonicidade da figura do Diabo nas histórias de pacto. Para tal, além de narrativas que se valiam do Diabo como antagonista pactário, foram utilizados os passos de análise narrativa sugeridos por Labov (1997) e o conceito de violação do cânone, de Bruner (2006). Para Labov, as narrativas podem ser analisadas a partir da segmentação de suas sentenças, que apresentam nomenclaturas diferentes para cada tipo de informação que carregam. A sentença com o evento mais relatável diz respeito à que carrega o clímax, a parte da narrativa que justifica sua enunciação. Na cena do filme em que ocorre o pacto, esse evento é a aparição do Diabo. Levando em consideração a Tradição oral, o Diabo é sempre um personagem masculino, então, cânone; o fato de o Diabo ser representado por uma mulher nessa produção se trata de uma violação de canonicidade. Assim, a tradição narrativa do Diabo em pactos apresenta uma figura masculina que traz em sua imagem virilidade e poder e, quando ocorre a violação dessa tradição, a mulher é sexualizada, trazendo à tona a ligação da imagem feminina ao pecado da carne.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Tradição; Narrativas.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO EM “1979: VICTORIA EN LA ÍNSULA DE FANI”

Me. Guilherme Tardelli Fujikawa¹
Dra. Kátia Rodrigues Mello²

¹ Universidade (UNESP-Assis), guilherme.tardelli@unesp.br

² Universidade (UNESP-Assis), katia.mello@unesp.br

A produção narrativa da escritora argentina contemporânea María Rosa Lojo (1954), dentre outros aspectos, promove a discussão dos papéis sociais e modelos femininos estabelecidos por uma sociedade de cunho patriarcal Pateman (2008), a partir da ficcionalização de personagens históricas importantes para seu país, que, no entanto, não receberam a devida consideração. Assim, este trabalho reflete sobre o protagonismo ficcional de Victoria O campo (1890-1979) no conto "1979 - Victoria en la ínsula de Fani", que integra a coletânea *Así los trata la muerte* (2021). Proeminente intelectual, que desafiou as normas de sua época e contribuiu singularmente para o desenvolvimento do cenário cultural e literário argentino, Victoria fundou e dirigiu a revista *Sur* (1931-1991), importante espaço de publicação para autores nacionais, que projetou seus nomes e, consequentemente, fomentou seu reconhecimento como escritores; entretanto, a relevância da proatividade da mecenas, ao longo do tempo, foi sendo esquecida. Victoria, que já aparece como protagonista do romance lojiano *Las libres del Sur*, publicado em 2004, no conto de 2021 divide o protagonismo com a também personagem histórica Fani, criada dos Ocampo com quem conviveu por décadas e que foi fundamental em sua vida pessoal. Ambientado em um espaço além-morte, o conto revela o embate entre visões femininas sobre o papel da mulher e a angústia de Victoria diante das amarras sociais e familiares que a prendem num ser feminino moldado pela sociedade. Nesse viés, a ficcionalização de personagens históricas apagadas, um dos eixos do projeto estético de Lojo, permite a compreensão do percurso entre a subordinação e a emancipação da mulher, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a representação das mulheres na literatura Perrot (2017, 1998) e Zolin (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa argentina contemporânea; María Rosa Lojo; Victoria Ocampo; protagonismo feminino; crítica literária feminista.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

ENTRE VOZES SILENCIADAS E A PRESENÇA DA MULHER NA HISTÓRIA LITERÁRIA

Graziele Moreira Nazário Alves¹

¹ Unimontes, grazielealvesciencia@gmail.com

A literatura escrita por mulheres esteve, por muito tempo, à margem do reconhecimento institucional e cultural. Historicamente silenciada, a chamada escrita feminina enfrentou inúmeras barreiras de entrada no campo literário. Como destaca Hélène Cixous em *O riso da Medusa*, é essencial que a mulher inscreva sua existência no texto como forma de afirmação e resistência. Durante séculos, muitas mulheres escreveram sob pseudônimos masculinos ou foram lembradas apenas por seus vínculos com autores homens. Esse apagamento também se refletiu na forma como personagens femininas foram retratadas na literatura canônica, frequentemente reduzidas a figuras como a mulher sedutora, a megera ou o anjo puro e sacrificial. Esse panorama marcou fortemente o século XIX e o início do século XX, sustentado por uma cultura patriarcal que restringia os papéis sociais e simbólicos atribuídos às mulheres. Nesse contexto, a crítica feminista da literatura passou a desempenhar papel central ao denunciar essas representações limitadas e ao resgatar a produção de autoras marginalizadas. Pesquisadoras como Lúcia Osana Zolin e Lara Berruezo evidenciam o esquecimento sistemático de escritoras importantes na história literária brasileira, mesmo com contribuições expressivas. Um exemplo é Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra do Brasil. Em *Úrsula* (1859), ela rompeu padrões ao dar protagonismo a personagens negros e denunciar a escravidão. Outro caso é o de Júlia Lopes de Almeida, amplamente publicada, mas excluída da fundação da Academia Brasileira de Letras, em favor de seu marido. A imprensa teve papel relevante nesse processo. O *Jornal das Senhoras* (1852–1855), primeiro periódico brasileiro com redação feminina, promoveu debates sobre educação, emancipação moral e a presença da mulher no espaço público. Contudo, muitos de seus textos ainda reproduziam o ideal burguês da mulher como mãe e esposa, revelando as contradições desse movimento inicial por visibilidade. A crítica feminista, portanto, busca não apenas resgatar essas autoras esquecidas, mas também questionar os mecanismos de exclusão que persistem no campo literário. Valorizar a produção escrita por mulheres amplia o repertório cultural e histórico, proporcionando às novas gerações acesso a outras formas de narrar e compreender o mundo. Mais do que reparar uma injustiça histórica, dar visibilidade às escritoras é reconhecer a diversidade de experiências humanas que compõem a literatura brasileira. O desafio está em romper com modelos cristalizados, adotando uma leitura crítica, plural e inclusiva, capaz de transformar a maneira como a literatura é ensinada, lida e valorizada no país.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos; Escrita Feminina; Representatividade.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

GÊNERO E CORPO NA URBE CONTEMPORÂNEA: ENTRE OPACIDADES E OBLITERAÇÕES

Guilherme Vinícius de Morais¹
Ricardo Postal²

¹ UFPE/PROPEQI, guilherme.vmorais@ufpe.br

² UFPE, ricardo.postal@ufpe.br

Este trabalho, parte de um projeto de I.C. (de natureza qualitativa e caráter bibliográfico) intitulado “O Pacífico em Longitudes”, avalia comparativamente os romances *Ithaca Road* (2013), de Paulo Scott, e *O Único Final Feliz para uma História de Amor é um Acidente* (2010), de João Paulo Cuenca, com o objetivo de compreender como as dinâmicas de gênero condicionam as trajetórias das personagens femininas Narelle, Iulana e Yoshiko em contextos urbanos atravessados por sistemas excludentes e relações com figuras masculinas. A investigação centra-se tanto nos mecanismos de vigilância e controle a que esses corpos estão submetidos quanto nas formas, ainda que fragmentárias, de resistência que elas articulam. A análise fundamenta-se nos conceitos de disciplina dos corpos (Foucault, 1988), performatividade de gênero (Butler, 2003) e crítica ao capitalismo afetivo (Berlant, 2016), articulados às discussões sobre geometrias de poder (Massey, 2005). Este arcabouço teórico permite entender como os corpos dessas personagens se tornam superfícies de inscrição de violências simbólicas, afetivas e materiais. No romance de Scott (2013), a trajetória de Narelle se desdobra em três dimensões interdependentes. A primeira refere-se à sua condição de “cuidadora involuntária” no estabelecimento do irmão que está desaparecido, analisada à luz do conceito de “trabalho de cuidado” (Federici, 2017) e da noção de “dívida afetiva” (Berlant, 2011). A segunda envolve a psoríase que acomete seu corpo, interpretada tanto como efeito da estigmatização corporal (Goffman, 2008) quanto como manifestação do “corpo abjeto” (Kristeva, 1982). A terceira dimensão examina suas práticas cotidianas de resistência, mobilizadas por meio das “táticas do fraco” (De Certeau, 2014) e das redes de apoio construídas com outras personagens femininas, especialmente Trixie e Anna, averiguadas sob a perspectiva do “feminismo do cuidado” (Tronto, 2013). No romance de Cuenca (2010), a pesquisa se organiza em torno de duas personagens. Iulana é atravessada por dispositivos de violência difusa e “violência voyeurística” (Mulvey, 1975) frente a figuras masculinas, que operam na exotização e na vigilância de seu corpo. Porém, sua resistência se efetiva na construção de zonas de opacidade, sustentadas por estratégias de “agenciamento tático” (Certeau, 2014), nas quais o silêncio e os segredos funcionam como mecanismos de preservação subjetiva. Ademais, a cena do banho adquire centralidade como ritual de “reapropriação corporal” (Bartky, 1990). Por sua vez, Yoshiko (boneca sexual) é avaliada a partir da teoria do pós-humano (Haraway, 1991; Braidotti, 2013) e do conceito de “objetualização erótica” (Nussbaum, 1995), que tensionam as fronteiras entre humano e objeto. Sua existência convoca reflexões sobre a “vergonha prometeica” (Anders, 2011) e sobre os processos de “individuação técnica” (Simondon, 2020), que a constituem enquanto “objeto técnico afetivo”. Seu corpo opera simultaneamente como arquivo de memória (Stiegler, 1998) e superfície de inscrição de traumas (Didi-Huberman, 2013), sendo seus monólogos lidos como formas de “discurso do objeto”. Conclui-se que Narelle, Iulana e Yoshiko, embora inseridas em contextos marcados aparentemente por hierarquias de gênero, além de violência estrutural e controle masculino, elaboram formas de resistência que atravessam o cuidado, a reapropriação dos corpos e a construção de opacidades.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmicas de Gênero; Formas de Resistência; Literatura Comparada.



GT Crítica Feminista, Queer e Estudos de Gênero

O ESTUDO DE DUAS IMAGENS DE TRABALHO DA MULHER NEGRA NA POESIA FINISSECLAR BRASILEIRA

Ana Lúcia Rodrigues Drago¹
Angela Teodoro Grillo²

¹ UFPE/PROPESQI, UFPA, ana.drago@ilc.ufpa.br

² UFPE UFPA, angelagrillo@ufpa.br

A presente comunicação expõe resultados do Plano de Trabalho de Iniciação Científica vinculado ao projeto de pesquisa “Tradição e ruptura: estudo de imagens da mulher na poesia de senhor de engenho” e ao grupo de pesquisa “Mil Marias: Estudo da imagem da mulher na Poesia de Língua Portuguesa” (FALE/ILC/UFPA/CNPq), orientados por Angela Teodoro Grillo, e apoiado por bolsa CNPq, no âmbito do Projeto Universal “Literatura e Sociedade: releituras de vozes plurais” (CNPq UFPA), coordenado por Germana Sales. O trabalho segue um viés quantitativo e qualitativo, na medida em que propõe colaborar para a construção do Catálogo de Imagens da mulher na poesia de Língua Portuguesa (em construção) dividido em categorias atravessadas pela abordagem interseccional (Ancestralidade; Sentimento Amoroso; Família; Beleza; Trabalho; Vitupério; Sobre-humana; Sexualidade; Religião; Classe Social e Idade). Durante 16 meses, a leitura minuciosa, em torno de vinte cinco obras completas da poesia brasileira finisseclara e do século XX, permitiu coletar e catalogar imagens da mulher. Para tanto, foi considerada a produção poética indicada em historiografias literárias como na História Concisa da Literatura Brasileira (1994) de Alfredo Bosi; A Literatura Brasileira de José Aderaldo Castello (1999) e O dicionário crítico das escritoras brasileira de Nelly Novaes Coelho (2002). A pesquisa contou com o apoio teórico dos estudos de performatividade de gênero (BUTLER, 2003) e com o conceito de fixidez do discurso de Homi K. Bhabha (1998). Em suma, centenas de imagens colaboram para demonstrar tradições e rupturas de representações sociais estereotipadas de matriz colonial, que contribuem para compreensão e interpretação de comportamentos da mulher na cultura brasileira. A partir delas, levanta-se o debate e crítica aos padrões ditados pela sociedade patriarcal, os quais influenciam a percepção e o tratamento dados às mulheres dentro do discurso poético, afetando a realidade social. Nesta comunicação, recortam-se duas imagens da categoria trabalho: a “Ama de leite” do poema Ricordanza della mia gioventù (1920) de Augusto dos Anjos e a recém libertada do trabalho de escravidão, do poema Mãe escrava (1891) de Emilia de Freitas, neste caso: a anciã que recebe sua liberdade pela Lei do Sexagenários, não celebra evidentemente o acontecimento, pois seus filhos permanecem vítimas no regime escravocrata. Desse modo, a comunicação propõe analisar em que medida as duas imagens poéticas relacionam trabalho, gênero e raça, contribuindo para a violência ao corpo negro feminino, diante da permanência do cuidado à criança branca e à negligência forçada aos filhos biológicos. Pelas lentes interseccionais, o fenômeno configura-se como Poesia de Senhor de Engenho (GRILLO, 2017), possibilitando observar nos versos uma repetição de tradições oriundas das estruturas de poder coloniais, assim promovendo olhar crítico sobre a imposição a uma parcela da população brasileira subjugadas por gênero, cor da pele e classe econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia finisseclara; Imagens da mulher; Tradição e ruptura; Poesia do Senhor de Engenho.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

A RELIGIOSIDADE COMO FERRAMENTA DE OPRESSÃO NA OBRA DE *HIBISCO ROXO*, DE CHIMAMANDA ADICHIE

Kelly Nazaré Ribeiro Passos¹
Marcelo Spitzner²

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, 20kellynazare18@gmail.com.br

² Universidade Federal Rural da Amazônia, marcelo.spitzner@ufra.edu.br

Este trabalho analisa a religiosidade como instrumento de opressão na obra *Hibisco Roxo* (2003), de Chimamanda Adichie, à luz das abordagens pós-coloniais de Frantz Fanon e da valorização da literatura africana feminina. Partindo de uma revisão bibliográfica sobre religiosidade, opressão, colonização e literaturas africanas, realizou-se uma análise qualitativa e de conteúdo da narrativa, contextualizada historicamente. Os achados revelam que a religião, especialmente na figura autoritária de Eugene, funciona como mecanismo colonial e patriarcal, limitando a autonomia de personagens como Kambili e Beatrice. Em contrapartida, a tia Ifeoma representa uma religiosidade resistente e libertadora. A internalização dos valores coloniais perpetua a repressão, mas a literatura emerge como espaço de empoderamento feminino. A partir disso, propõe-se que a promoção de leituras críticas de obras africanas contribua para um ensino mais inclusivo e consciente, fortalecendo o debate sobre religiosidade, gênero e identidade cultural no ambiente educacional.

PALAVRAS-CHAVE: religiosidade; opressão; literatura africana; feminismo; pós-colonialismo.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

CLÁSSICOS INVISÍVEIS: O LUGAR DA OBRA DE DALCÍDIO JURANDIR NA LITERATURA BRASILEIRA

Emylle Karolyne Costa Viana da Silva¹

Janine Suelen Guilherme Nascimento²

Dra. Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA - PIBIC), emylle.silva@discente.ufra.edu.br

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA - PIBIC), janinesuelen15@gmail.com.br

³ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), wanubya.campelo@ufra.edu.bredu.br

Terra da Promissão Este estudo tem como objetivo analisar a relevância de Dalcídio Jurandir (1909-1919) no cânone literário brasileiro. A partir de sua relevância na Literatura Paraense e de Expressão Amazônica, Dalcídio explora elementos como medicina tradicional, culinária local e dinâmicas sociais. Os objetivos específicos consistem em identificar os fatores que contribuíram para a invisibilidade do autor cânone literário brasileiro; discutir a representatividade de Dalcídio Jurandir no cenário literário nacional; explorar a biografia do autor pelas suas colaborações literárias. Apesar de Dalcídio Jurandir ser uma figura literária essencial e impactante, especialmente no contexto amazônico, suas obras permanecem desconhecidas, inacessíveis e pouco difundidas na sociedade. Essa invisibilidade é evidente na fragmentação das pesquisas existentes, que não abrangem consistentemente a totalidade e a profundidade de sua produção literária. É imprescindível destacar, para o desenvolvimento pleno da pesquisa, que há pouca divulgação para consolidar Dalcídio Jurandir como uma figura de imponentia, já que suas obras ainda não alcançaram o reconhecimento que merecem. O referencial teórico contou com estudos de Antônio Cândido, em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), argumenta sobre o conceito de literatura como um sistema intrinsecamente ligado, composto por autores, obras e públicos. O autor ressalta que, sem essa relação interdependente, ocorre um silenciamento de vozes marginais e populares. E com os estudos de Benedito Nunes, em *No Tempo do Niilismo e Outros Ensaio* (1993), discute literatura e niilismo, depreendendo que o niilismo na região amazônica é geopolítico, ocasionando o abandono estatal e destruição ambiental. Entretanto, a literatura em tal conjuntura torna-se um ato de resistência. Os procedimentos metodológicos indicam a pesquisa como bibliográfica, descritivo-exploratória, de natureza quantitativa e configurada a partir do procedimento técnico de revisão integrativa da literatura. Para a coleta de dados, foram consideradas as bases de dados do Google acadêmico, Periódicos Capes e SciELO. Os descritores utilizados para a busca de artigos foram “Dalcídio Jurandir”, “autores amazônicos”, “biografia” e “invisibilidade” no idioma português e no período de 1992 a 2024. Os resultados encontrados foram de 60 artigos. Nesses artigos, foi encontrado que a obra de Dalcídio Jurandir possui uma dimensão que ultrapassa o regionalismo, consolidando-se no contexto mais amplo da literatura brasileira. Os estudos destacam aspectos importantes de sua produção literária, como a narrativa que documenta a realidade social, cultural e geográfica da Amazônia. Conclui-se que é urgente revitalizar os estudos bibliográficos de Dalcídio Jurandir, mas também outros autores silenciados, para serem reinseridos no cânone literário brasileiro em posição de destaque.

PALAVRAS-CHAVE: Dalcídio Jurandir; Cânone brasileiro; Invisibilidade literária; Literatura amazônica.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

EXU NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA AFRO

Joenny Santos da Fonseca¹

Roosevelt Rodrigues e Silva Júnior²

Dra. Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/PIBID), joennysantosdafonseca@gmail.com.br

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA/PIBEX), rooseweltsrodrigues2017@gmail.com.br

³ Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), wanubya.campelo@ufra.edu.bredubr

No contexto da Educação Básica brasileira, a presença das religiões de matrizes africanas ainda enfrenta resistência, apesar dos avanços legais que visam promover a valorização da diversidade cultural e combater o racismo. A escola, como espaço de formação humana e social, tem papel fundamental na desconstrução de estigmas e na inserção de saberes historicamente negligenciados. Este trabalho busca analisar a obra *Exu nas escolas*, de Cidinha da Silva, a partir de uma perspectiva que reconhece as epistemologias afro-religiosas como formas legítimas de conhecimento. Ao trazer à tona experiências ligadas ao candomblé e à figura de Exu, a autora contribui para o enfrentamento da intolerância religiosa e para a valorização de visões de mundo marginalizadas. A proposta tem como escopo refletir sobre como essas narrativas podem ser trabalhadas em sala de aula por meio da Literatura, considerando a atuação docente na área de Língua Portuguesa como um caminho para ampliar o repertório crítico dos estudantes e promover uma educação voltada para o respeito e a pluralidade. Sendo assim, a Educação Básica brasileira, embora amparada por marcos legais como a Lei 10.639/03 e as Diretrizes para a Educação Étnico-Racial, ainda enfrenta desafios na efetiva inclusão das religiões de matriz africana. Nesse cenário, a obra *Exu nas escolas* (2022), de Cidinha da Silva, emergem como ferramentas potentes para combater a intolerância religiosa e ressignificar saberes marginalizados. Este trabalho propõe uma análise conjunta dessa obra, articulando antropologia e literatura como bases para uma educação antirracista e decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural; Exu; Epistemologia afro-religiosas.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

LITERATURA EM SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE APAGAMENTO DE AUTORAS FEMININAS CEARENSES NO CÂNONE LITERÁRIO

Maria Letícia Araújo¹

Dr. Expedito Wellington Chaves Costa²

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Crateús,
maria.leticia08@aluno.ifce.edu.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Crateús,
wellingtoncosta@ifce.edu.br

A posição intelectual feminina na sociedade ainda se configura como um marco recente. Por inúmeros séculos, a figura da mulher foi inviabilizada e desqualificada, sendo vítima de diversos estereótipos e preconceitos que restringiam seu desenvolvimento e silenciavam sua vida e produção intelectual. Ao longo da história, as autoras cearenses têm enfrentado desafios para serem reconhecidas e incorporadas ao cânone literário, o que ocasionou um baixo nível de valorização das suas contribuições para a sociedade, resultando assim em um processo de apagamento de suas produções para a literatura cearense. Nesse sentido, é fundamental discutir os fatores e os mecanismos sociais que vigoraram e permearam a vida dessas autoras, analisando como influenciaram e constituíram um cânone majoritariamente seletivo e restritivo à participação de autoras femininas, além da importância de evidenciar a resistência e força dessas mulheres dentro desse cenário. Sobre essa perspectiva, nota-se que a literatura ao longo do tempo vem passando por uma série de transformações quanto à participação de vozes femininas, ganhando maior disseminação e visibilidade ao que se refere à produção dessas autoras. Sobre esse panorama, o presente estudo fundamenta-se a partir da análise dos séculos XIX e XX como referência e marco temporal para os estudos relacionados a causas femininas, sobretudo a produção artístico-literária. Busca-se entender os fatores históricos, culturais e sociais que corroboraram para o impulsionamento desse apagamento e os trabalhos que desafiaram padrões sociais e literários de seus períodos, mas que permaneceram à margem da história literária cearense. Dessarte, a pesquisa parte dos estudos relacionados as autoras cearenses Emília Freitas, Francisca Clotilde e Alba Valdez, a fim de evidenciar tais fenômenos que permearam suas vidas e obras. Para isso, a justificativa ampara-se na necessidade de ampliar e tornar o cânone literário cearense mais igualitário e inclusivo, tornando as vozes femininas que, por muito tempo, foram aapagadas pelas estruturas de poder para o local de devido reconhecimento do qual foram excluídas. O presente estudo emprega-se a uma abordagem de caráter qualitativo, tendo em vista que seu objetivo é entender significados, valorizando a complexidade dos fenômenos e dimensões apresentadas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos: foram feitas leituras, análises e investigações de trabalhos acerca das obras das escritoras femininas cearenses Emília Freitas, Francisca Clotilde e Alba Valdez. Como resultados, espera-se entender melhor os processos que abrangem as estratégias de apagamento dessas autoras dentro do cânone literário cearense.

PALAVRAS-CHAVE: Invisibilidade; Escrita; Produção literária; Ceará.



(RE)PENSAR A TRADIÇÃO LITERÁRIA: A PALAVRA INDÍGENA E O CURRÍCULO DE MINAS GERAIS

Juliete Antônia Figueiredo da Mata¹

¹ UEMG, damatajuliete0@gmail.com.br

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a presença/ausência das literaturas indígenas no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), a partir de uma análise pautada na Lei n.º 11.645/08, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura dos povos indígenas no ensino básico. A pesquisa visa (re)pensar a tradição literária brasileira sob a perspectiva da interculturalidade, questionando os critérios de legitimação que historicamente definiram a tradição escolar e invisibilizaram as vozes originárias. Considera-se que a literatura é um campo de disputa simbólica e que sua inserção nos currículos escolares revela muito sobre os projetos formativos em jogo. Parte-se do entendimento de que o currículo é uma construção política e ideológica, e que sua análise permite identificar tanto avanços quanto silenciamentos em relação à diversidade étnico-cultural que compõe a realidade brasileira. A investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza documental, com foco na leitura crítica do CRMG, especialmente no componente de Língua Portuguesa, e na identificação das competências e habilidades que envolvem o tratamento das literaturas indígenas. Também foram observadas as orientações pedagógicas e as propostas de formação leitora sugeridas pelo documento, buscando compreender como (ou se) as vozes indígenas são incorporadas nesse processo. Os resultados evidenciam que, embora haja menções pontuais à diversidade cultural e ao respeito às múltiplas identidades, ainda são escassas as referências explícitas à literatura produzida por autores indígenas. Esse dado revela uma limitação importante: a persistência de uma tradição literária centrada em valores eurocêntricos e na valorização de autores consagrados pelo cânone ocidental. Essa centralidade impede o reconhecimento das epistemologias indígenas como legítimas formas de produção de conhecimento, memória e expressão estética. Conclui-se que a superação dessas lacunas exige uma revisão crítica dos conteúdos prescritos, das práticas de seleção de obras literárias e da própria concepção de literatura adotada nos currículos. Além disso, torna-se imprescindível o investimento na formação continuada de professores, para estarem preparados para mediar, de forma sensível e crítica, o contato dos estudantes com uma literatura plural, que inclua as narrativas ancestrais, a oralidade e os modos próprios de existência dos povos originários. Promover a presença da palavra indígena no currículo não é apenas uma ação de justiça histórica, mas um passo fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, representativa e comprometida com os princípios da equidade, da diversidade e do reconhecimento das múltiplas vozes que constituem a identidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação intercultural; Lei n.º 11.645/08; políticas educacionais.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

VOZES QUE RESISTEM: DESCOBERTAS SOBRE ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Karolina Adriana da Silva ¹

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), karolina.adrianadasilva@gmail.com

Não é novidade que as mulheres foram historicamente marginalizadas dos espaços de poder, de criação e de reconhecimento; na literatura, não foi diferente. Seja por questões sociais, culturais ou institucionais, muitas escritoras foram invisibilizadas ao longo dos anos – sobretudo no século XIX, período em que a literatura esteve em alta no país –, o que contribuiu para que suas obras fossem gradativamente esquecidas, chegando a um platô. Publicações como a antologia *Escritoras brasileiras do século XIX* (1999, 2004 e 2009), organizada por Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015) e um grupo de pesquisadores, resgataram e trouxeram à tona o nome de mais de 160 escritoras daquela época. Dentre tantas, está Ana Luísa de Azevedo Castro (1823?-1869), a primeira catarinense a publicar um romance no Brasil. Graças às reedições do romance *D. Narcisa de Villar* (1999, 2000 e 2004), feitas pela Editora Mulheres (1995-2015), mantida por Zahidé, pôde-se conhecer a obra que, até então, era a única (re)conhecida de Ana Luísa que, à época, a assinou com o pseudônimo Indígena do Ipiranga. Agora, pesquisas descobriram mais três produções, até então inéditas ao conhecimento público: uma carta; um conto, intitulado *Rasgo de valor de um menino brasileiro de sete anos*; e uma fábula, com o título *A assembleia dos ratos*, ambos publicados pelo *Jornal das Senhoras* em 1854. Além disso, foram encontradas novas informações biográficas que ampliam o horizonte de perspectivas sobre a autora e sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Escritoras brasileiras do século XIX; Invisibilidades; Ana Luísa de Azevedo Castro; Resgate.



VOZES ANCESTRAIS: ORALIDADES DE PRETO VELHO E OS PONTOS CANTADOS COMO MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Tony Alexandre de Almeida Martinez¹
Charlieni Ramos da Costa²

¹ UEMG, UFAM - INC, e-mail: tonytylufa91@gmail.com
² UEMG, UFAM - INC, e-mail: charlieni.ramos27@gmail.com

O presente trabalho busca analisar as manifestações de oralidade nas figuras de Preto Velho e nos pontos cantados nas religiões afro-brasileiras, com ênfase na Umbanda e no Candomblé. Essas práticas são compreendidas como formas de resistência cultural e preservação da memória coletiva afro-brasileira. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com métodos etnográficos, incluindo observação participante e entrevistas com praticantes e lideranças religiosas. Para isso, utilizaremos como aporte teórico Zumthor (2010), que nos ajudará a pensar a oralidade, bem como em Martins (1997). Além do mais, discutiremos a memória coletiva a partir de Halbwachs (1990) e Hall (2001). A análise hermenêutica dos discursos e cantos revela o papel pedagógico, político e identitário dessas oralidades na construção de uma memória de resistência frente aos processos de apagamento histórico sofridos pela população negra no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Ancestralidade; Resistência; Memória social; Religiões Afro-brasileiras.



GT Formação de Cânone Literário, Epistemologias Afro-religiosas e Invisibilidades

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER IMIGRANTE NOS ROMANCES *TERRA DA PROMISSÃO* DE SANDRA GODINHO E *TERRA ÚMIDA* DE MYRIAM SCOTTI

Luciana Socorro Louro de Salignac e Souza ¹

¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: lslds.es.mla25@uea.edu.br

Terra da Promissão (2019), de Sandra Godinho e *Terra Úmida* (2021), de Myriam Scotti são romances situados no final do século XIX e XX, e cujas autoras trabalham o recurso da memória narrativa para resgatar a existência das duas mulheres judias que imigraram do Marrocos para a Amazônia. O objeto de estudo caminhará pelos temas como alteridade, identidade, hibridismo, conceitos que ganham destaques nas mais diversas áreas do conhecimento, assim como no interior da crítica hermenêutica filosófica e das teorias literárias. A figura do imigrante e sua representação no espaço literário, desperta bastante interesse, uma vez que nos coloca diante de uma diversidade de questões culturais e formais e, serve para observar a existência dessas pessoas que se distinguem por carregarem a marca da diferença entre nós. O termo identidade é bastante discutido na teoria social visto sabermos que ela se constrói no decorrer das experiências da vida. Em relação à pessoa, a identidade é importante para distingui-la num contexto, ou como essa pessoa se insere no círculo da cultura, assim como se relaciona com o discurso sobre sua representação – e, diferença, tem como característica fazer com que uma pessoa ou uma coisa se distingam de outra – essas ideias se fazem presentes com o propósito de direcionar a pesquisa que propomos. Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever as relações de identidade e adaptabilidade das protagonistas, ao analisar o entre-lugar identitário como espaço simbólico de negociação e criação cultural das duas mulheres judias, que vieram do Marrocos para o Brasil. No aporte teórico serão apresentados os autores que se preocupam com as questões relativas do momento em que os romances estão inseridos, e, na questão das lembranças e da memória apresentada pelos narradores. No direcionamento metodológico se trabalhará com o universo dos significados, motivos, crenças, valores, também, utilizaremos a abordagem indutiva, comparativa e histórica. Apresente pesquisa em andamento evidencia o potencial valor da imigração das mulheres dos romances Amazônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Imigração. Identidade e diferença. Entre-lugar.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

A BUSCA POR UMA IDENTIDADE DO SUJEITO NEGRO EM *A RAISIN IN THE SUN* (1959), DE LORRAINE HANSBERRY

Josenildo Ferreira Teófilo da Silva¹
Johny Paiva Freitas²

¹ Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC-CE, josenildo1905@yahoo.com.br

² Programa de Pós-Graduação em Letras – UFC, johnyfreitas@alu.ufc.br

Apesar de não ser uma escritora muito conhecida no cenário literário brasileiro devido à escassez até então de traduções para a língua portuguesa de sua obra teatral, Lorraine Hansberry (1930-1965) se apresenta como um dos principais expoentes do teatro afro-americano moderno. Conhecida por ser a primeira mulher negra a conseguir romper as barreiras do fechado circuito de produções da Broadway, com a estreia de sua peça *A Raisin in the Sun* (1959), formada quase que integralmente por um elenco de atores negros, Hansberry tece uma crítica mordaz a uma estrutura social racista e de base colonialista que, em meados das décadas de 1950 e 1960, ainda se nutria das velhas políticas segregacionistas. Partindo de sua posição como uma *outsider* que passa a ocupar um lugar no centro, Hansberry dá voz ao sujeito negro buscando representá-lo a partir de uma nova perspectiva, diferente daquela explorada pelo teatro da época no qual esse sujeito era apenas visto como secundário, isto é, como alguém que só poderia existir a partir de uma relação de subalternidade a uma classe branca dominante. Dentre as várias questões levantadas pela peça, Hansberry nos apresenta por meio de uma de suas personagens femininas, Beneatha, uma jovem que anseia em se tornar a primeira da família a cursar uma faculdade e, assim, se formar como médica, as dificuldades que a comunidade negra sofria em relação a construção de uma identidade. Partindo da consciência de um passado escravagista e de um presente violento e hostil, Beneatha se vê diante da dificuldade de se pensar uma identidade enquanto “afro-americana”, tendo em vista que esse sujeito negro não consegue se ver nem como “africano”, tal como seus antepassados que foram arrancados de seus lares para servirem de mão-de-obra para a economia colonial, nem mesmo como “americanos”, no sentido de que essa sociedade, por mais que professe um falso ideal de liberdade e igualdade, não os vê efetivamente como cidadãos. Nosso objetivo consiste, portanto, em discutir de que forma Lorraine Hansberry, a partir das relações que Beneatha estabelece com outros dois jovens dentro da peça, a saber, Asagai, um residente nigeriano que lhe apresenta os problemas de uma sociedade “assimilacionista” como a norte-americana, e George, um jovem negro que procura reproduzir os valores da cultura branca como uma forma de ser aceito pela comunidade, reflete a respeito dessa crise da identidade do sujeito negro que se vê em uma espécie de não-lugar. Para tanto, nos valem os trabalhos de Steven R. Carter, em *Hansberry's Drama* (1993), Audre Lorde, em “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” (2023), e bell hooks, em *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Teatro afro-americano; subjetividade; interseccionalidade.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA NAS OBRAS *UM DEFEITO DE COR* E *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Vanessa Rodrigues dos Santos¹
Valci Vieira dos Santos²

¹ UNEB, E-mail: vr23908@gmail.com

² PPGLEV/UFRJ, PPGL/UFES e UNEB, E-mail: profvalcivieira@gmail.com

A literatura, enquanto manifestação cultural, desempenha um papel crucial na construção simbólica das sociedades. Para além do entretenimento, ela é também espaço de memória, resistência e denúncia, ao refletir, questionar e, por vezes, reformular as estruturas sociais que sustentam desigualdades e opressões. Nesse sentido, pensar a literatura como prática social é reconhecer sua capacidade de promover rupturas e deslocamentos no imaginário coletivo, desafiando estereótipos, resgatando histórias esquecidas e (re)afirmando identidades subalternizadas, sobretudo, quando a produção literária advém de uma autoria que faz parte de grupos subalternizados ou oprimidos cultural e socialmente, como, por exemplo, a literatura produzida por mulheres negras. É nesse espaço que a literatura afro-brasileira se firma como uma prática de resistência, ao valorizar a ancestralidade e afirmar a identidade de grupos marginalizados — com destaque para a mulher negra, que carrega em seu corpo e em sua história as marcas de uma dupla opressão: o racismo e o sexismo. Diante disso, este trabalho propõe uma análise comparativa entre as obras *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, com o objetivo de investigar como a identidade negra feminina é construída por meio de estratégias de empoderamento, resistência e ressignificação simbólica. Do ponto de vista teórico, o trabalho se insere numa perspectiva interdisciplinar, dialogando com os pressupostos da literatura comparada e da crítica cultural. Autoras como Sandra Nitrini (2010) e Tânia Franco Carvalhal (2006) oferecem o aporte necessário para pensar a comparação entre as obras, enquanto Benjamin Abdala Jr. (2014) reforça a importância da articulação entre literatura e história na compreensão das identidades culturais. No campo dos estudos de raça e gênero, destacam-se as contribuições de Lélia Gonzalez (2020) e Joice Berth (2019), cujas reflexões sobre feminismo negro e empoderamento fornecem base para compreender as múltiplas dimensões da resistência feminina negra. Stuart Hall (2006) e Judith Butler (2003) contribuem para o entendimento das identidades, como construções discursivas e performativas. Com relação ao conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), serão analisadas as camadas de opressão que atingem as mulheres negras simultaneamente pela raça e pelo gênero. O de “escrivência”, cunhado por Conceição Evaristo, expressa uma escrita enraizada na experiência pessoal e coletiva da população negra, sobretudo das mulheres. Ao lado desse conceito, ganha relevância a noção de “discurso próprio”, desenvolvida por pensadores, como Antônio Bispo dos Santos (2023), que defende a importância de narrativas que partem dos saberes e vivências das comunidades negras e dos povos originários, como forma de afirmação de identidade e resistência epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Estudo comparativo; Literatura afro-brasileira; Resistência simbólica.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

ESCREVIVÊNCIA, MARABAIXO E VIVÊNCIAS: RELATOS DE UMA PESQUISA NO AMAPÁ E CONEXÕES NO SUL DO BRASIL

Rayssa Lorrana Silva Lemos ¹
Asley di Luca da Silva Vieira ²

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, rayssalemos015@gmail.com

² Universidade Federal da Fronteira Sul, E-mail: asley.diluca@gmail.com

Esta escrita, em forma de relato de experiência, narra as vivências ocorridas na disciplina de Arqueologia Pré-histórica, da Universidade Federal da Fronteira Sul, onde, ao visitar o Museu Sacaca, no Estado do Amapá, usei de minha experiência para a realização da pesquisa. A dança também me levou a mostrar na universidade a experiência vivida no meu corpo, ao dançar *Marabaixo* – dança afro-brasileira tradicional do Amapá. Nesse sentido, interconecto essas experiências ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que se refere à construção narrativa a partir do já vivido. A escrevivência é a experiência nascida da memória, do cotidiano e das vivências que emergem na escrita de sujeitos negros, tornando-os autores da sua própria história. Essa prática literária vai além dos comuns limites da escrita, propiciando formas de resistência que buscam dar voz e visibilidade às experiências de pessoas negras. A união entre escrita e vivência proporciona a maneira de narrar essas experiências e resistências através de uma perspectiva própria, muitas vezes ignorada pela literatura tradicional. Assim, a invisibilidade do sujeito negro se manifesta em diversas áreas da sociedade, tanto na escrita literária quanto no corpo, como pode ser visto a partir das minhas experiências na realização da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Literatura Negra; Resistência.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

HOMENS PRETOS CHORAM E AMAM – A SUBJETIVIDADE COMO MEIO DE EXPRESSÃO NA LITERATURA DISSONANTE

Sabrina Silva Souza ¹

¹ UFJF, sabrasilva@hotmail.com

O objetivo desta comunicação é contribuir para o incentivo ao letramento racial nas escolas brasileiras por meio da literatura dissonante produzida por autores negros. A proposta consiste em abrir espaço para a discussão da negritude e das subjetividades do homem negro a partir da lírica inovadora de Lucas Litrento (2019) e Stefano Volp (2022). Para isso, realizamos uma breve análise do poema *Mano Brown também ama*, do livro *Os meninos iam pretos porque iam*, de Litrento, em contraponto à crônica *Meia Noite*, do livro *Homens pretos (não) choram*, de Volp. Ambos pertencem a uma nova geração de escritores que, embora ainda fora do cânone literário, reconfiguram a literatura de engajamento ao propor uma literatura dissonante – aquela que, ao invés de responder às expectativas históricas impostas aos autores negros, aposta em uma poética de invenção, sensibilidade e deslocamento. A presença dessa literatura nas escolas é essencial para o letramento racial, pois permite que estudantes, especialmente os negros, reconheçam-se nas narrativas e nos afetos ali construídos. Litrento e Volp revalorizam o afeto e o amor como dimensões legítimas da experiência negra masculina, rompendo com estereótipos de resistência apenas pela dor ou violência. Assim, suas obras ampliam as possibilidades de construção identitária e crítica social entre os jovens leitores. Para aprofundar a análise, abordaremos os conceitos de sistemas dominantes e dissonantes; bem como os fundamentos teóricos de Negritude (Césaire, Damas e Senghor) e minorias cognitivas (Peter Berger, 1996). Além das obras de Litrento (2019) e Volp (2022), oferecem aporte teórico à comunicação: *A gente é da hora*, de bell hooks (2022); *Entre Orfe(x)u e Exunouveau*, de Edmilson de Almeida Pereira (2022); *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (2008); e *O local da cultura*, de Homi Bhabha (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Lucas Litrento; Stefano Volp; Escrita Negra.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

JARID ARRAES E A REESCRITA DA MEMÓRIA: VISIBILIDADES NEGRAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Tayla Maria Leôncio Ferreira ¹

¹ Universidade Federal do Ceará-UFC, taylamaria14@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra da escritora cearense Jarid Arraes a partir da perspectiva da reescrita da memória e da construção de visibilidades negras na literatura brasileira contemporânea. Considerando o contexto histórico de silenciamento e apagamento das contribuições de pessoas negras — especialmente de mulheres negras — na literatura e na cultura nacional, a pesquisa busca demonstrar como a produção literária de Arraes se apresenta como um gesto político de resgate, reexistência e enfrentamento das estruturas opressoras do racismo e do sexismo. A autora, ao transitar entre os gêneros do cordel, do conto e do romance, revisita e reconta narrativas historicamente marginalizadas, inscrevendo na literatura vozes que foram silenciadas pelo cânone tradicional. O estudo justifica-se pela importância de compreender como a literatura pode operar como instrumento de memória, reconhecimento identitário e resistência, contribuindo para o debate sobre autoria negra e a ampliação de representações plurais na produção literária brasileira. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, com análise textual e interpretativa de obras selecionadas da autora, especialmente a obra *Um buraco com meu nome*, articulando-a a partir dos aportes teóricos dos estudos decoloniais, da crítica literária feminista e das teorias da literatura negra, com destaque para autoras como Bell Hooks, Audre Lorde, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Os resultados evidenciam que Jarid Arraes constrói uma literatura comprometida com a memória e com a denúncia das ausências históricas, ao mesmo tempo em que propõe uma narrativa marcada pela ancestralidade, pela corporeidade e pela valorização das experiências negras. Conclui-se que sua obra desafia os padrões normativos da literatura brasileira ao propor novas formas de existência e representação, constituindo-se como uma escrita de resistência e de reconstrução histórica. Assim, o trabalho reafirma a relevância da literatura como espaço de disputa simbólica, política e estética, destacando Jarid Arraes como uma das vozes fundamentais no processo de ampliação e ressignificação do repertório literário nacional.

PALAVRAS-CHAVE: interseccionalidade; literatura; poesia.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

PALAVRAS E AFETOS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE “AMANHÃ QUERO SER VENTO”

Lindalva de Oliveira Simas Almeida¹
Daniela Galdino Nascimento²

¹ UNEB/ BOLSA CAPES, losalmeid@gmail.com

² Universidade UNEB, dnascimento@uneb.br

Este trabalho é fruto da disciplina Estéticas Contemporâneas e visa analisar o romance “Amanhã quero ser vento” (2018) do escritor Michel Yakini. Para tanto, focaremos na interseccionalidade de raça e gênero, assim como na força das palavras e dos afetos que atravessam a personagem Manandi, utilizando como principais referenciais teóricos Grada Kilomba (2019) e bell hooks (2019), a partir da abordagem analítica e qualitativa. Assim sendo, nosso objetivo é apresentar como o olhar, a saudação e a palavra literária atuam no romance como dispositivos de cura e transformação, além de serem instrumentos que auxiliam na construção da subjetividade. Por fim, como resultados, observou-se que “Amanhã quero ser vento” é uma narrativa circular e pode ser lido como um romance decolonial na medida que apresenta como protagonista Manandi, uma mulher negra, lésbica, do interior que através das palavras e dos afetos vai se constituindo enquanto ser sujeito, rompendo os discursos do patriarcado e da colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra literária; Saudação; Olhar.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

RACISMO E OBJETIFICAÇÃO DE CORPOS NEGROS EM OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E O AVESSE DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO

Maria Luísa de Souza Nunes¹

Valci Vieira dos Santos²

O texto propõe analisar, a partir de um método crítico e analítico-comparativo, as representações feitas por meio das personagens sobre como os corpos negros são retratados nas obras *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo e *O Avesse da Pele* (2020), de Jeferson Tenório. Deste modo, este trabalho objetiva compreender como os autores abordam o racismo estrutural e a objetificação de corpos negros, atrelando a literatura com as dinâmicas sociais e culturais que circundam a população negra na sociedade brasileira. É a partir de uma perspectiva contemporânea e sensível, que ambos os autores revelam marcas de opressão e violência enraizadas ao povo negro, o qual possui um legado escravista que perdura até hoje no Brasil, desumanizando-os enquanto seres humanos. Logo, propõe-se, assim, apresentar reflexões, a fim de evidenciar as formas de desumanização e objetificação, verificadas nas personagens negras, e quais foram as estratégias narrativas utilizadas pelos autores para expor, representar e lutar contra uma opressão que estigmatiza a população negra até contemporaneamente. Para isso, o trabalho traz, como base, teorias literárias que discutem o racismo estrutural e a objetificação, bem como o estudo da literatura comparada, com o apoio dos seguintes autores: Frantz Fanon (2023); Muniz Sodré (2023); Sueli Carneiro (2023); Aimé Césaire (2020/2024); Silvio Luiz de Almeida (2019); Benjamin Abdala Jr. (2014); Tania Franco Carvalhal (2006) e Sandra Nitrini (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Racismo estrutural; Objetificação; Corpos negros.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

TERRITÓRIOS (IN)CONTESTÁVEIS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: IMAGENS DO INSÓLITO EM RAI SOARES E CONCEIÇÃO EVARISTO

Caio Vitor Marques Miranda ¹

¹ Universidade Estadual de Londrina, caiomiranda@uel.br

Na literatura brasileira contemporânea, observa-se um movimento crescente de autoras negras que, por meio da ficção, tensionam os limites entre o real e o imaginário a fim de problematizar silêncios históricos e sociais. Nesse cenário, a literatura assume uma função que transcende o estético, tornando-se espaço de elaboração crítica de memórias, corpos, discursos e territórios racializados. Refletir sobre espaços de poder, memória, corpo, raça e discurso tem se tornado, portanto, uma das frentes mais potentes da escrita literária produzida por mulheres negras. Assim, objetivamos, nesta comunicação, analisar como o insólito é mobilizado como estratégia de resistência nos contos de *Histórias de leves enganos e parecenças*, de Conceição Evaristo, e *A Mulher que Pariu um Peixe: e Outros Contos Fantásticos de Severa Rosa*, de Rai Soares. Ao explorar narrativas que operam no entrelugar do simbólico e do mágico, as autoras deslocam as categorias normativas da realidade, instaurando imagens do insólito que evocam saberes ancestrais, práticas afro-brasileiras e subjetividades invisibilizadas pela tradição. Espera-se, com esta proposta, contribuir para o fortalecimento de uma crítica literária que reconheça a potência de epistemologias dissidentes no campo da literatura, valorizando a produção de autoria negra como gesto ético e político de subversão dos cânones. Como aporte teórico, utilizamos os estudos de David Roas (2013), no que se refere ao fantástico como linguagem e percepção; Gama Kallil, com suas contribuições à literatura insólita latino-americana; e Flávio Garcia, que compreende a literatura como prática estética de denúncia e invenção política no contexto das múltiplas formas de exclusão. O trabalho também se pauta nos estudos de Paradiso (2015), ao considerar o realismo animista como operador narrativo que ressignifica a experiência sensível do mundo, e de Piglia (2004), no entendimento do conto como estrutura de duplicidade, em que uma narrativa oculta tensiona e sustenta a superfície visível do texto.

PALAVRAS-CHAVE: animismo; autoria feminina negra; Epistemologias dissidentes.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

UM DEFEITO DE COR: A RESISTÊNCIA NA ESCRITA FEMININA DE ANA MARIA GONÇALVES

Gabrielly Farias Reis¹

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, gaby.fariasrfarias@gmail.com

Cintia Acosta Kütter²

² Universidade Federal Rural da Amazônia, cintia.kutter@gmail.com.br

Ana Maria Gonçalves em seu romance *Um defeito de cor* (2006), a protagonista Kehinde, uma mulher negra escravizada, assume papel central, rompendo com a imagem de subalterna da mulher negra retratada na escrita masculina. Este trabalho tem como objetivo analisar como a escrita afro-feminina de Ana Maria Gonçalves contribui para a resistência das mulheres negras na literatura brasileira, rompendo com uma tradição dominada por homens brancos no campo literário, em que reduz figuras negras femininas ao papel doméstico e objeto sexual. A metodologia se baseia na leitura da obra e em referências teóricas, como Conceição Evaristo (2005), que defende a autorrepresentação da mulher negra na literatura, humanizando essas mulheres, e bell hooks (2019), que discute os impactos do racismo e do machismo na construção da identidade feminina negra. Conclui-se que a escrita feminina de Gonçalves é um instrumento de resistência, ao criar personagens que desafiam normas patriarcais e ao inserir a mulher negra como sujeito ativo no campo literário e social.

PALAVRAS-CHAVE: escrita feminina; literatura; mulher negra; resistência.



GT Escrita Negra e Invisibilidades II

A CULTURA NEGRA AFRO-ESTADUNIDENSE E AFRO-BRASILEIRA: UMA RAIVA QUE CANTA E DANÇA

Gabrielly Dayana da Silva Ferreira Reis ¹

¹ UERJ/FEBF/PPGECC (Financiamento - CAPES DS), dayana.ferreira@edu.unirio.br

O corpo sempre foi a dor e o furor do ser negro dentro de uma sociedade colonial. A negação da humana-animalidade para cercear o Outro. Nas sendas das sociedades afrodiáspóricas estadunidense e brasileira, a indústria cultural captou os anseios pelas liberdades de sentir e de se expressar, culturalmente, pela dança e pelo canto. O presente estudo (fase inicial) considera uma análise comparativa entre o rock “americano” e o samba brasileiro, suas origens afro e as lapidações sofridas pelas manifestações culturais, proporcionando uma maior mercantilização dos estilos entre múltiplos espectros sociais. Diante de investigações bibliográficas em letras de canções populares à época e dos contextos histórico-sociais, buscarei evidenciar a alteração estético-factual das produções musicais. Ao partir de uma concepção de cultura engajada como ato de resistência praticada por grupos marginalizados, intenciono compreender os espíritos de cada tempo desde a origem dos estilos musicais e suas transições mercadológicas para contornos “mais” vendáveis. Estudos acerca das inserções teóricas de Pierre Bourdieu e do conceito de indústria cultural permearão o processo de compreensão estética, semântica e mercadológica que os estilos afrodescendentes assumiram ao longo da história. A territorialidade atribuída aos estilos entoará as especificidades dos cotidianos, das relações sócio-históricas e das influências materiais sentidas. No contexto da produção de identidades nacionais pela via cultural, procurarei concluir quais foram os processos político-ideológicos que atravessaram a musicalidade negro-brasileira e estadunidense no sentido da cooptação das massas exploradas pelos entremeios de suas próprias sensibilidades e sociabilidades no capitalismo. Entender os (re)usos do modo econômico capitalista sobre as práticas culturais preconiza a aceitação de conflitos e de estratégias de grupos afrorreferenciados diante da necessidade de (re)existências materiais e simbólicas em arenas movediças. Onde se agarrar para não afundar? É uma opção afundar?

PALAVRAS-CHAVE: letras musicais; indústria cultural; resistência étnico-racial.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

A LUTA PELA VISIBILIDADE DA POTÊNCIA DAS MULHERES: DIALÓGOS SOBRE LESBIANIDADES PLURAIS E O FEMINISMO NA RELAÇÃO ESCOLAR

Eliene da Silva Alves¹

Maria Elieni Cardoso de André²

Brayna Conceição dos Santos Cardoso³

¹ Universidade Federal do Pará, elienyalves@hotmail.com

² Universidade Federal do Pará, enecardoso22@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará, braynacardoso@ufpa.br

As mulheres ao longo da história sempre estiveram em lugares de invisibilidade nos diversos contextos sociais, seja na família, na escola e/ou no trabalho, necessitando de muitas lutas e reivindicações feministas para ocuparem espaços de poder. Dessa forma, a invisibilidade também se tornou frequente nas relações sociais de mulheres lésbicas, principalmente para atuarem nos espaços educacionais. Nesta perspectiva, a ideia central desta pesquisa discorre sobre o feminismo e a representação de mulheres lésbicas na educação, tendo como objetivo principal refletir sobre as possíveis relações entre o feminismo e as representatividades de mulheres lésbicas em contextos educacionais. Assim, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com estudo de cunho bibliográfico e analítico, visando dialogar com autoras como Adichie (2015); Davis (2016); bell hooks (2018); Tiburi (2018); Soares (2020), entre outras, buscando compreender as relações entre os estudos sobre e/com o feminismo e as representações de mulheres lésbicas nos contextos educacionais. Tomando como base a literatura, observa-se que as ações afirmativas de mulheres ocupando espaços educacionais seguem em fluxos lentos, sobretudo devido as intensas jornadas e cargas laborais preenchidas por estas ao longo da vida, abarcando as responsabilidades engessadas pelo patriarcado em suas práticas cotidianas, principalmente as atreladas ao cuidado com familiares, amigos e pessoas do convívio e isso reflete nos estudos e reflexões sobre o feminismo a respeito dos distanciamentos laborais e de lugares de poder, especialmente porque além da função laboral, estruturalmente, a responsabilidade com o cuidado do lar ainda é “empurrado” como se condicionasse ao trabalho exclusivo da mulher, o que a coloca na condição de realizadora de múltiplas tarefas, mas que na verdade isso a conduz a situações de exaustão, invisibilizando o acesso a espaços de poder. Outrora, quando o diálogo insere a abordagem sobre mulheres lésbicas nesses contextos suas invisibilidades são nítidas e diversas ações e percepções discorrem dessa invisibilidade, envolvendo temáticas como a ausência das mulheres lésbicas nos espaços de poder; o receio de posicionamento atrelado ao preconceito por ser quem se é e poder manter a sua identidade; a ausência de representatividades afirmativas de outras lésbicas nos espaços educacionais; entre outros. Assim, essa ausência de representatividade de mulheres lésbicas em contextos educacionais reforça as práticas de apagamento das mulheres lésbicas, reduzindo os diálogos afirmativos e fomentando o preconceito. Logo, os ambientes educacionais, para além do familiar, ainda são os espaços de interações sociais mais efetivos, e exercer práticas afirmativas proporcionando um espaço de acolhimento, fortalecimento da identidade e entendimento torna-se fundamental para as mulheres lésbicas, no qual a partir dos ambientes educacionais estas terão possibilidades de desenvolverem-se profissionalmente. Portanto, faz-se necessário romper com tais práticas de preconceito nesses ambientes, fortalecendo espaços de reflexões conjuntas que abordem questões abrangendo as lesbianidades plurais com ações afirmativas que busquem romper com as opressões interseccionais como a lesbofobia, o sexismo, classismo e o racismo que discorrem sobre as mulheres lésbicas ao longo de suas vidas, possibilitando assim, um mundo justo, equitativo e seguro, respeitando a diversidade social de sujeitos plurais que pulsam por respeito e direito à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Visibilidade; Lesbianidades Plurais; Feminismo.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

A OBRA DE ADONIAS FILHO EM SALA DE AULA: REFLEXÕES DECOLONIAIS E LETRAMENTO LITERÁRIO

Eliene Fabrício de Jesus Santos Alves¹

Maria Profa. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues André²

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), fjsantos.let@uesc.br

² Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), iorodrigues@uesc.br

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as representações dos trabalhadores ligados à economia cacaueteira e dos povos indígenas na obra *Corpo Vivo*, de Adonias Filho (1962), sob a perspectiva do pensamento decolonial, com ênfase nos fundamentos teóricos de Aníbal Quijano (2005). Parte-se do entendimento de que a literatura, enquanto prática discursiva, está impregnada de ideologias que podem tanto expor quanto ocultar estruturas de poder. Assim, procura-se identificar, no romance, as manifestações da colonialidade do poder, do saber e do ser, evidenciadas na forma como determinados sujeitos sociais são retratados. Considera-se também a orientação ideológica conservadora de Adonias Filho, influenciada pelo integralismo e pelo catolicismo, como um elemento essencial para a compreensão dos limites e silenciamentos presentes na narrativa. A partir disso, discute-se a forma acrítica como o autor é homenageado no município de Itajuípe, especialmente no ambiente escolar, no memorial a ele dedicado e em eventos locais, o que contribui para o apagamento de seu posicionamento político e para a construção de uma imagem esvaziada de conflitos. Em contraponto a esse quadro, propõe-se, com base nas concepções de letramento literário formuladas por Cosson (2009), uma sequência didática voltada ao trabalho com *Corpo Vivo* nas escolas do município. Defende-se, por fim, que a valorização da obra literária do autor deve estar atrelada a uma leitura crítica, capaz de fortalecer a identidade cultural dos(as) estudantes, filhos e filhas de trabalhadores, por meio da problematização das relações históricas e sociais que permeiam suas vivências.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo Vivo*, Pensamento Decolonial, Letramento Literário.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

DAS CONTRIBUIÇÕES AO APAGAMENTO: GÊNERO E SEXUALIDADE NA BNCC SOB O OLHAR DA LINGÜÍSTICA APLICADA

Kamila Barros de Almeida ¹

¹ UFAL (Universidade Federal de Alagoas), kamila.almeida@fale.ufal.br

Este trabalho realiza uma análise crítica de 10 das 235 cartas de contribuição pública enviadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase nas demandas relacionadas às questões de gênero e sexualidade, particularmente no que diz respeito ao apagamento da categoria “orientação sexual” na redação final do documento. A pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada Implicada, de Souto Maior (2022 e 2024), que compreende a linguagem como prática social e ética, implicada com a transformação de realidades educacionais. Trata-se de uma investigação qualitativa, de base documental e interpretativista, que analisa os documentos submetidos durante a consulta pública nacional, bem como as versões preliminares e final da BNCC. A análise revelou a presença expressiva de contribuições da sociedade civil, de instituições acadêmicas e coletivos que reivindicavam a inclusão explícita das temáticas de gênero e sexualidade de forma transversal e crítica no currículo nacional. No entanto, constata-se que tais reivindicações foram gradativamente diluídas ao longo do processo de formulação do texto oficial, resultando na exclusão de termos-chave como “identidade de gênero” e “orientação sexual” na versão homologada. Esse apagamento revela a atuação de forças conservadoras que, por meio de disputas discursivas no campo educacional, lograram invisibilizar dimensões fundamentais para uma educação comprometida com os direitos humanos e a equidade. Tal recuo compromete a formação crítica de estudantes, especialmente os pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, ao inviabilizar o enfrentamento de violências simbólicas e materiais no espaço escolar. A pesquisa destaca, assim, a urgência de políticas curriculares que reconheçam a diversidade sexual e de gênero como componentes estruturantes da formação cidadã. A Linguística Aplicada Implicada oferece ferramentas analíticas para denunciar esses silenciamentos e contribuir com práticas educacionais engajadas, críticas e comprometidas com a justiça social e a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas; diversidade; LGBTQIAPN+; Políticas educacionais.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

DECOLONIALIDADE E COLONIALIDADE EM *UM RIO SEM FIM*, DE VERENILDE SANTOS PEREIRA

Kamila Barros de Almeida ¹

¹ UFAL (Universidade Federal de Alagoas), kamila.almeida@fale.ufal.br

Este trabalho realiza uma análise crítica de 10 das 235 cartas de contribuição pública enviadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase nas demandas relacionadas às questões de gênero e sexualidade, particularmente no que diz respeito ao apagamento da categoria “orientação sexual” na redação final do documento. A pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada Implicada, de Souto Maior (2022 e 2024), que compreende a linguagem como prática social e ética, implicada com a transformação de realidades educacionais. Trata-se de uma investigação qualitativa, de base documental e interpretativista, que analisa os documentos submetidos durante a consulta pública nacional, bem como as versões preliminares e final da BNCC. A análise revelou a presença expressiva de contribuições da sociedade civil, de instituições acadêmicas e coletivos que reivindicavam a inclusão explícita das temáticas de gênero e sexualidade de forma transversal e crítica no currículo nacional. No entanto, constata-se que tais reivindicações foram gradativamente diluídas ao longo do processo de formulação do texto oficial, resultando na exclusão de termos-chave como “identidade de gênero” e “orientação sexual” na versão homologada. Esse apagamento revela a atuação de forças conservadoras que, por meio de disputas discursivas no campo educacional, lograram invisibilizar dimensões fundamentais para uma educação comprometida com os direitos humanos e a equidade. Tal recuo compromete a formação crítica de estudantes, especialmente os pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, ao inviabilizar o enfrentamento de violências simbólicas e materiais no espaço escolar. A pesquisa destaca, assim, a urgência de políticas curriculares que reconheçam a diversidade sexual e de gênero como componentes estruturantes da formação cidadã. A Linguística Aplicada Implicada oferece ferramentas analíticas para denunciar esses silenciamentos e contribuir com práticas educacionais engajadas, críticas e comprometidas com a justiça social e a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas; diversidade; LGBTQIAPN+; Políticas educacionais.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

“EU LUTO! EU SOBREVIVO! EU RESISTO! EU EXISTO!”: CORPOS TRANS E A LITERATURA VAGA-LUME EM *ANTOLOGIA TRANS – 30 POETAS TRANS, TRAVESTIS E NÃO-BINÁRIOS*

Anderson Pinto Soares¹

¹ UNEB / CAPES, andersonpintosoaes05@gmail.com

Corpos trans e travestis estão sendo (re)significados através da literatura, em poemas, prosas, poemas em prosas, artes visuais, dentre muitas outras possibilidades da arte contemporânea. Pensando nisso, pretende-se nesse trabalho analisar algumas obras literárias que compõe o livro *Antologia Trans – 30 poetas trans, travestis e não-binários* (2017), buscando compreender como esses corpos se tornam políticos através da resistência a uma literatura propriamente cisheteronormativa que por muito tempo perdurou o campo literário brasileiro. Para tal intuito, utilizaremos como alicerce teórico as perspectivas de Josefina Ludmer (2007), que aborda as literaturas pós-autônomas, além da sobrevivência dos vaga-lumes de Georges Didi-Huberman (2011), pensando numa literatura de resistência. Dessa perspectiva, a antologia que nos serviu como corpus apresenta então textos literários no qual possuem forte representatividade trans e travestis, trazendo os próprios autores como defensores de suas vivências. Além do mais, é perceptível a luta pela visibilidade, tantos nos espaços sociais quanto artísticos desses corpos subalternizados, marginalizados e estigmatizados.

PALAVRAS-CHAVE: Antologia Trans; Literatura de resistência; Visibilidade; Corpos trans.



HETEROGLOSSIA DE BAKHTIN NOS DISCURSOS DE DOCENTES DE LITERATURA: A INVISIBILIDADE INDÍGENA NO CERNE ESCOLAR

Kamila Barros de Almeida ¹

¹ UFAL (Universidade Federal de Alagoas), kamila.almeida@fale.ufal.br

Este estudo investiga a invisibilidade das culturas indígenas nas aulas de Literatura, a partir da análise dos discursos de professores/as da rede pública e privada do estado de Alagoas. A pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada e adota como aporte teórico o conceito de *heteroglossia*, desenvolvido por Mikhail Bakhtin (1929 e 1975), que compreende a linguagem como um território de constante embate entre vozes sociais, culturais e ideológicas distintas. Tal noção permite compreender que o discurso nunca é neutro: ele carrega marcas de posicionamentos, relações de poder e pertencimentos históricos, sendo, portanto, atravessado por disputas e silenciamentos. Ao considerar a atuação docente como prática discursiva, busca-se compreender como a diversidade cultural, sobretudo indígena, é (ou não) incorporada nas práticas pedagógicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de base interpretativista, que utilizou questionário com cinco professores do ensino fundamental e médio. Os dados revelam uma escassa presença de conteúdos indígenas nos materiais didáticos e nas orientações da BNCC. Os/As docentes relataram também a falta de formação continuada voltada para o trabalho com saberes indígenas, o que contribui para a perpetuação da invisibilidade dos povos indígenas no espaço escolar. A análise evidencia que a ausência de vozes indígenas no currículo não se dá por acaso, mas por um processo histórico de exclusão e silenciamento, reproduzido nas escolhas curriculares. Nesse sentido, defende-se a necessidade de políticas públicas e programas formativos que promovam a escuta no ensino de língua e literatura. Assim, a heteroglossia deixa de ser apenas um conceito teórico e passa a representar uma prática pedagógica comprometida com uma educação mais plural, crítica e socialmente implicada.

PALAVRAS-CHAVE: Alagoas; BNCC, currículo; povos indígenas; prática discursiva.



GT Literatura e Invisibilidades Indígenas e LGBTQIAPN+

LITERATURA E INVISIBILIDADES DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+: LESBIANIDADE DE CASSANDRA RIOS

Cristal Ferreira de Moura¹
Eduardo Venícios Lima Pontes²

Dra. Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira - Orientadora³

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia, mouracristal97@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia, eduardopontes2018@gmail.com

³ Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, e-mail: wanubya.campelo@ufra.edu.br

Este estudo propõe uma abordagem sobre a literatura que enquanto espelho e formadora de cultura, durante muito tempo excluiu ou distorceu as vivências LGBTQIAPN+, refletindo normas heteronormativas cisnormativas da sociedade. Autores e os personagens eram frequentemente invisibilizados, relegados e marginalizados. No entanto, uma autora estava resistindo a opressão patriarcal e moralista em nome da comunidade lésbica, o presente trabalho estuda a autora Odete Rios, cujo pseudônimo era Cassandra Rios foi a primeira escritora lésbica do Brasil ao retratar sua homossexualidade na ficção, no qual rompeu os paradigmas da heteronormativas da literatura nas décadas de 1950 e 1980, ao escrever pautas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+. Porém, as suas obras literárias foram censuradas, principalmente no regime militar, foi neste período que Cassandra ficou conhecida como a “escritora maldita”. Nesse sentido, a literatura de Cassandra Rios enfrentou desafios da contemporaneidade de gênero, rompendo as questões moralistas e dos bons costumes dos anos 1950 a 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Cassandra Rios; invisibilidade; lésbica; resistência.